

EVACUAÇÃO DE HANOÍ

Ontem à noite, a população de Hanói foi avisada pelos altifalantes espalhados pela cidade que se devia preparar para um eventual ataque aéreo à cidade. Ao mesmo tempo, as crianças e as pessoas cuja presença não é estritamente indispensável na capital do Vietname do Norte estão a ser evacuadas para zonas mais seguras.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros convidou, entretanto, os diplomatas acreditados em Hanói a evacuarem, dentro de 72 horas, as mulheres, as crianças e todas as pessoas não indispensáveis ao funcionamento dos serviços. O Ministério aconselhou também os diplomatas a manterem permanentemente uma reserva de víveres que chegue para três dias, bem como roupas, lâmpadas eléctricas e pensos. Aqueles que não tenham conhecimentos de primeiros socorros foram-lhe indicados os locais onde poderiam ser instruídos por enfermeiras.

Entretanto, o comando americano de Saigão comunicou que dois dos seus contratorpedeiros travaram hoje uma batalha com navios norte-vietnamitas no Golfo de Tonquim. Segundo o Comando, um dos navios de Hanói teria sido destruído.

Enquanto a luta permanecia extremamente violenta no Sul, sobretudo em volta de An Loc, Hanói anunciou ter abatido ontem mais cinco aviões americanos.

No Camboja, segundo os informadores americanos, os guerrilheiros controlam agora a maior parte da Estrada nº 1, que liga Saigão a Phnom Penh. Os americanos pensam que os guerrilheiros irão tentar cortar as vias de abastecimento de Saigão, fazendo ir pelos ares as pontes que levam à capital. As ligações por estrada com o Camboja estão cortadas, o que é mau para Saigão e Phnom Penh.



Martinec marcando um golo nas redes do soviético Tretiak (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Vitória sobre os russos deu festa nas ruas de Praga

PRAGA, 21 — (FP/«DL») — Uma hora depois de vitória da Checoslováquia sobre a URSS, que lhe assegurou pela primeira vez nos últimos 25 anos o título de campeão do Mundo do Hóquei no gelo, a multidão começou a invadir a praça Venceslau para manifestar a sua alegria. Os gritos de «Checoslováquia, Checoslováquia, para nós a medalha de ouro, três-dois, três-dois», alternavam com o célebre grito de guerra dos soviéticos: «Shaibu, shaibu», mas este em tom irónico.

mas, segundo as autoridades, não se registaram choques.

Várias pessoas foram detidas para interrogatório por terem protestado mais espectacularmente contra a intervenção policial. Cerca das 21 horas parecia reinar a calma, mas em ruas próximas continuavam a circular grupos que cantavam a apupavam a Polícia. Na mesma praça já se haviam registado distúrbios em 1969, depois de uma vitória semelhante da Checoslováquia sobre a Rússia no Campeonato Mundial da mesma modalidade, disputado em Estocolmo.

Foi preciso enviar reforços de Polícia e ordenar por altifalantes à multidão que evacuasse a praça. Tanques e autobombas foram colocados nas ruas de acesso à praça, sob grande vaia dos populares.

ENCURTADA A MISSÃO APOLO

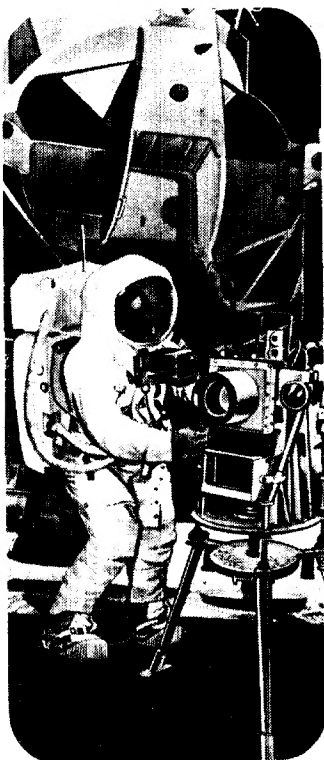
HOUSTON, 21 — (R/«DL») — A Agência Espacial Americana esteve a noite passada muito perto de ser vítima das suas próprias regras de segurança super-rígidas e de anular a missão da Apollo 16, o que custaria 425 milhões de dólares, cerca de 11 milhões e 410 mil contos.

Em termos de lei, o cumprimento dessas regras equivaleria a uma família cancelar as férias devido ao pneu sobre-saliente do automóvel ter um furo.

Embora os técnicos de Hous-

ton tenham autorizado a descida na Lua do módulo Orion, para que se não perdesse tudo, a missão será encurtada. A segurança continua a presidir ao mínimo a exposição dos astronautas a eventuais novos perigos. Assim, em vez de três passeios lunares, Young e Duke apenas sairão duas vezes do módulo. Também as órbitas lunares que deveriam fazer de-

Continua na pág. 16



O trabalho na Lua

Veiga Simão recebeu comissão de escritores

O ministro da Educação Nacional recebeu ontem, no seu gabinete, uma comissão de escritores constituída por Matilde Rosa Araújo, Fernanda Botelho, Isabel da Nóbrega, Fernando Namora, João José Cochofel, Manuel Ferreira, Alexandre Babo, Orlando da Costa e Fernando Assis Pacheco, em representação da Comissão Instaladora da Associação Portuguesa de Escritores.

Embora o projecto de estatutos daquela Associação tenha sido apresentado há mais de um ano, o despacho final veio a ser retardado pelo facto de se aguardar que a Secção de Letras da Academia de Ciências de Lisboa, consultada para o efeito, desse a sua definição

de «escritor», para o caso considerada indispensável. Resolvida esta dificuldade, encontra-se o projecto agora na Junta Nacional de Educação, que dará parecer, tendo sido nomeado relator o prof. José Carlos Moreira catedrático da Universidade de Coimbra.

Depois de recordar estas circunstâncias, o ministro informou a Comissão de que esperava poder, em breve, dar o seu despacho. Se, como se prevê, não surgirem outros obstáculos à constituição da Associação, os escritores portugueses terão enfim o seu organismo representativo, depois de extinta a antiga Sociedade Portuguesa de Escritores.

UNCTAD

China acusa EUA e URSS

SANTIAGO DO CHILE, 21 — (R) — Uma disputa sino-soviética sobre delinquências para persuadir desenvolvedores a dar ao «terceiro mundo» uma parte maior do bolo financeiro mundial criou expectativa quanto aos seus efeitos prováveis na conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento (UNCTAD), aqui reunida.

O subsecretário chinês do Comércio Externo, Chu Hua-min, juntou ontem a União Soviética, «a outra superpotência», aos Estados Unidos, ao atacar, em voz calma, mas cheia de emoção, o imperialismo e o neocolonialismo no mundo em desenvolvimento.

Pequim — disse o subsecretário — apoia firmemente as aspirações dos países do «terceiro mundo» e fará tudo o que estiver ao seu alcance para os ajudar, enquanto «os imperialistas, sob a capa do comércio, dominam e saqueiam essas nações».

Delegados do «terceiro mundo» mostravam-se, no entanto, preocupados com as consequências da linha política militar da China, que poderá limitar as oportunidades comerciais concedidas pela Europa Ocidental e Oriental.

SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS ENTRA NA ARENA

Não aos touros de morte

Pela Sociedade Protectora dos Animais, foi enviada ao Secretariado de Estado da Informação e Turismo uma oportuna exposição, da qual apresentamos alguns excertos, já que a extensão do texto nos não permite a sua publicação integral:

TOUROS DE MORTE EM PORTUGAL

Recentemente, quando ainda se aguardava a publicação do

novo Regulamento dos Espectáculos Tauromáquicos, tivemos a honra de, uma vez mais, expor ao Governo a nossa opinião acerca da pernicioso influência dessas diversões e, especialmente, da indispensabilidade de não serem permitidas novas modalidades de toureio ou ampliadas aquelas ainda hoje praticadas.

Cremos, porém — segundo alguns informes que, neste momento, até nós chegaram — ter

sido ilusão nossa, por estar projectada uma solicitação ao Governo no sentido de ser modificado o disposto no Decreto n.º 15 355, de 11 de Abril de 1928, que foi brilhante remate da primeira grande campanha nacional contra a introdução no País de corridas de touros à espanhola. Pretendem agora os interessados no êxito de tão condenável iniciativa (diz-se) invocar — como tantas vezes têm feito!

... o capcioso pretexto de que tais corridas teriam em vista apenas fins beneficentes, e até reeditam o seu bom velho alvitre da criação de zonas especiais a elas reservadas.

RAZÕES VÁLIDAS

Os nossos antagonistas não se preocupam com muitas das facetas fundamentais da educação, quer individual quer dos agregados populacionais, o que os leva a não considerarem válidas as nossas razões, até por vezes as ridicularizando. O certo, porém, é que argumentamos com largo conhecimento do problema.

... Na sua esmagadora maio-

ria, as nações que constituem a América Latina não admitem corridas de touros (contrariamente ao que, entre nós, muitos pensam). A frente delas, conta-se a grande República Argentina, que proscreeu do seu território a tauromaquia em qualquer modalidade, há mais de século e meio, logo após ter obtido a sua independência política!

Há perto de quarenta anos, ao manifestar a sua oposição aos que exaltavam os benefícios que das corridas à espanhola poderiam advir para instituições de beneficência, escrevia a direcção da Sociedade Protectora dos Animais: «Se são necessárias maiores receitas para a

assistência pública e privada, o Povo Português não se negará a suportar os novos encargos precisos para que diminuam os sofrimentos de todos os necessitados!

Assim se pronunciou a agremiação, que tinha bem presente o desairoso resultado financeiro obtido (melhor, não obtido) pelas corridas de morte, dadas a título de beneficência, antes do sobredito Decreto n.º 13355. Atenda-se ao estrondoso insucesso verificado, quanto à infelicíssima ideia de incluir os «Parques Infantis» no número das instituições a contemplar por tal processo: pela Imprensa veio a saber-se que a empresa da Praça do Campo Pequeno teve de lhes oferecer um donativo, em substituição do almejado produto líquido, inexistente...

Mereceu igualmente menção especial — no quadro da oposição à apresentação de **picadores** em Portugal — as manifestações de protesto verificadas, no passado ano, em Salvaterra de Magos. Não obstante a tão significativa atitude hostil do público, consta-nos persistir-se, no ano corrente, no propósito assim condenado. Quem de tal modo procede, enquadra a sua mentalidade no qualificativo de «primária».

A animosidade produzida em Salvaterra reflecte a reacção verificada noutras zonas ribatejanas, onde se procura incentivar apuramento zootécnico das espécies mais importantes do meio (cavalo e touro), ou seja, alvo dispar do dos negregados **picadores e matadores**.

O certo é que, mesmo com esses ou outros estratagemas, é impossível reanimar os espectáculos tauromáquicos, que tiveram a sua época, mas se encontram hoje desactualizados. O seu declínio é flagrante, tanto entre nós, como nos poucos meios estrangeiros que ainda os toleram.

REPUGNA

Os estrangeiros, geralmente, vão primeiro a Espanha, entrando no nosso País mal impressionados pela sorte das varas e morte de touros, motivo que os leva a aplaudir as pegas e a receber, embora com fortes motivos de reserva, o resto da lide, mesmo à portuguesa...

A acanhada mentalidade dos aficionados leva-os a insistir precisamente nos dois pontos, que mais repugnam aos estrangeiros e que, uma vez legalizados, constituíram sólido pretexto para ataques à nossa cultura.

Os costumes, que imperaram largo tempo, só lentamente se vão perdendo; não deve, portanto, causar estranheza que o divertimento dos touros ainda conte adeptos em Portugal, embora em impressionante minoria populacional. Considere-se enorme malogro de recentes tentativas para levar tal espectáculo a terras nortenhãs.

Ora, pretender que se mantenha o velho uso ao qual falece carácter nacional, tem de considerar-se errada orientação; tentar dar-lhe novos alicios, um desacerto que tem, a bem do nosso prestígio, de ser combatido vigorosamente.

Soldados mortos por afogamento

BISSAU, 21 — (ANI) — Anunciam os Serviços de Informação Pública das Forças Armadas que faleceram, por afogamento, na Guiné, o soldado número 08884471, António Alberto Gonçalves, natural de Câmara de Lobos, Ilha da Madeira, filho de Jordão Gonçalves e de Ester Adelaide Gonçalves; e o soldado do recrutamento da província número 8218871 Iai Balde, natural de Fulacunda, filho de Samba Balde e de Nante.

...Felizmente moro em MirafloresLux!

Diplomacia. A maneira bem vestida e elegante de resolver os problemas mais sérios. Sempre com um sorriso nos lábios. Tacto, inteligência, sensibilidade. Cultura profunda e um agudo conhecimento dos Homens.

Uma vida de sacrifício, ao serviço dos mais altos interesses.

Mas... felizmente o Diplomata mora em **Miraflores-Lux!** Pausa entre as horas tantas vezes dramáticas da chancelaria — e o repouso no campo-praia, a 5 minutos de Lisboa... **Miraflores-Lux!** Esse gosto bem sentido de viver no prestigioso ambiente social a que pertence.

Miraflores-Lux. Construção e acabamentos do mais alto nível. Piscinas, garagens privativas, Centro comercial. Escola. Jardins... Equipamento completo.

MIRAFLORES LUX merece a sua visita

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL
Informações e vendas: Avenida das Tulipas - Lote 10 - Algés
Telefs. 215756-216749-216768

- Algés

ADVOGADOS	6%
ALTOS FUNCIONÁRIOS	6%
COMERCIANTES	9%
DIRECTORES EMPRESAS	7%
DIPLOMATAS	3%
ECONOMISTAS	3%
ENGENHEIROS E ARQUITECTOS	9%
GERENTES COMERCIAIS	7%
INDUSTRIAS	6%
INVESTIDORES	12%
MÉDICOS	8%
PROFESSORES	2%
PROPRIETÁRIOS	7%
INVESTIDORES ESTRANGEIROS	4%
DIRECTORES BANCÁRIOS	2%
DIVERSOS	9%
	100%





Opinião

VER A FLORESTA E NÃO VER AS ÁRVORES

Em regra, estes comentários contemplam figuras e casos directamente ligados ao rectângulo continental, e têm sempre a preocupação de procurar no prisma de visão a face menos iluminada, aquela que ganhará, na nova focagem, um valor crítico, ainda que mínimo ou limitado. Acreditamos que desta maneira servimos melhor o público do que se fizéssemos avultar as evidências já amplamente beneficiadas por sua natureza e ajudas laterais.

Este modo de ponderar os acontecimentos vem agora impôr-se-nos a propósito da recente divulgação de um relatório preparado pela FAO, com a colaboração da UNESCO e da Organização Meteorológica Mundial, e que será discutido em Junho, na conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente.

Esse relatório acentua a importância capital das florestas no equilíbrio ecológico do planeta (um terço da superfície das terras está coberto de florestas). Lembra também as muitas funções das florestas na protecção do meio ambiente, actuando como reguladores das águas (impedem o jorramento excessivo durante as chuvas, e, em contra partida, com as suas fontes e ribeiras, fornecem água durante a estação seca), protegendo também as culturas contra o vento e as areias. As plantas, acentua o relatório, são os únicos organismos capazes de converter a energia solar em energia química pela fotossíntese (absorvem o óxido de carbono da atmosfera e libertam oxigénio, conforme nos ensinaram na escola).

O estudo da FAO lembra ainda que as florestas são actualmente dizimadas, quer para fornecer madeira a populações em rápido aumento, quer para abastecer de matérias-primas as indústrias da madeira, quer para conquistar novos mercados de exportação, quer, enfim, para utilizar uma mão-de-obra cada vez mais pletórica.

Nas suas conclusões, o estudo faz, nomeadamente, as recomendações seguintes: classificação dos solos segundo a sua qualidade, com vista a utilização agrícola; lançamento de um programa internacional de pesquisas destinadas a melhorar os conhecimentos sobre as influências ecológicas das florestas; preparação de um regulamento florestal que possa ser subscrito por todos os países interessados.

Os elementos necessários à determinação do estado das florestas seriam obtidos por meio de técnicas de verificação a distância (por avião ou satélite); outros seriam fornecidos pelos governos ou colhidos nos inventários florestais clássicos. Agrupariam e tratados por computador, esses dados permitiriam traçar uma carta florestal do mundo. As «zonas em perigo» seriam registadas e imediatamente assinaladas aos diferentes governos.

Resumindo desta maneira o relatório da FAO, perguntará o leitor onde está a face menos iluminada que logo de princípio insinuámos que focaríamos. Tudo quanto ficou dito é excelente, tudo mostra um decidido empenho de cooperação internacional, um reconhecimento da importância das florestas na vida e na saúde do mundo. Não podemos fazer mais do que felicitar-nos. Mas há realmente uma face obscura que o relatório não menciona e que temos a obrigação de não esquecer. Qual é essa face?

Durante a guerra do Vietname foram usadas técnicas de **desfoliação** das florestas por meio de agentes químicos poderosíssimos que transformaram árvores densas e ricas de folhagem em exércitos de esqueletos vegetais. Passado o escândalo, que ficou? Um relatório que omite agora cuidadosamente o crime, a face obscura do prisma, etc., etc...

Ler em Viseu

Notícias de Viseu dizem-nos que durante o mês de Março entraram 19 volumes na Biblioteca Pública daquela cidade, tendo sido consultados 1126 volumes por 988 leitores. Embora com total desconhecimento da natureza e qualidade das obras lidas, o número médio de 30 leitores, diariamente, não envergonha a cidade e a cultura de Viseu. Nestas paragens lisboetas, há bibliotecas de maior reputação e responsabilidade que não se gabam de tanto, ou, proporcionalmente, deveriam registar números muito maiores...

Contudo, se repararmos que só entraram na Biblioteca de Viseu 19 volumes durante todo o mês de Março, passa a haver lugar para certas dúvidas sobre a maneira como a referida biblioteca estará a cumprir realmente as suas funções culturais: pensemos no que já é actualmente a produção literária em Portugal e logo saberemos o pouco que representam 19 volumes novos... Além disso, muito gostaríamos de saber que 19 livros foram estes...

Inaugurar em Santarém

O dia 25 de Abril será uma data fastuosa em Santarém. Nesse dia se inaugurará o momento a Pedro Álvares Cabral, com bastos festejos, entre os quais uma sessão solene na Câmara Municipal, com a presença dos componentes portugueses e brasileiros da romagem a Santarém e Belmonte, a deposição de flores no túmulo de Pedro Álvares Cabral, na igreja da Graça, e um almoço no Jardim-Miradouro das Portas do Sol. A estátua, segundo o programa, será inaugurada às 11.30 desse dia.

O programa não é rico nem é pobre: tem todos os ingredientes a que nos habituámos em circunstâncias semelhantes: sessão solene, flores e almoço. Não vai portanto aí o nosso reparo.

Onde nos dói é não sabermos quem foi o artista que concebeu e realizou o monumento. O que nos dói é que, mesmo sabendo-o nós, essa informação não seja considerada tão necessário ao público como a hora do almoço. O que nos dói é ver o pouco caso que fazem da arte aqueles que à arte vão buscar pretextos de imortalidade própria ou por interposto navegador... O monumento não nasceu das ervas: tem pai. Quem é ele?

Ler em Inglaterra

Os métodos antigos não são bons por serem antigos, nem os métodos modernos ótimos por serem modernos. São, simplesmente, bons ou maus, como se deduzirá da seguinte notícia, vinda da Inglaterra:

«Um inquérito efectuado em Inglaterra, e que foi patrocinado pelo Ministério da Educação, permitiu as seguintes conclusões:

«1 — Das crianças inglesas que terminaram os estudos primários em 1970, uma em 240 lia pior do que um aluno médio de 7 anos, em 1938, e podia ser considerada analfabeta;

«2 — Em cada 6, uma tinha um desenvolvimento intelectual inferior ao de um aluno médio de 9 anos, em 1938, e era praticamente iletrado;

«3 — Numa classe de 30 a 35 alunos, deixando a escola em 1970, 5 seriam considerados praticamente iletrados, segundo os critérios aplicados em 1938.

«O relatório sugere que este estado de coisas se deve aos novos métodos de ensino e a uma formação defeituosa dos professores.»

ENG. PEDRO MARTINS DA SILVA

UMA JANELA, TRÊS PROBLEMAS

Ultrapassada a preocupação de alojar-se, conquistado um tecto, o homem passou a exigir mais à sua habitação: quis fresco no Verão, calor no Inverno, boa iluminação, sossego. A medida que, mercê de diversas características sociais, se tornava mais árduo o ofício de viver, o homem teve de fazer evoluir a habitação, de uma simples e envolvente protectora, para formas que facilitassem a vida do agregado familiar.

Dentro desta evolução, avulta a importância da janela como elemento de construção. Com efeito, no Inverno é causa de perdas de calor, no Verão de «perdas de frio», faculta a penetração do ruído e, todavia, ela tem de existir e é conveniente que apresente área elevada — é esta a tendência evidente da construção actual — reconhecida a importância, para o bem-estar dos habitantes, de uma boa comunicação com o exterior.

Não há dúvida que a aparência externa de um edifício é claramente comandada pela forma e disposição das janelas, no entanto há que ter cuidadosamente presente que, para o interior, a sua influência é igualmente determinante. A profundidade das salas, a altura dos tectos, a decoração das paredes, são outros tantos pontos intimamente relacionados com as janelas. Ainda mais significativa é a influência exercida nas proporções das salas, disposição relativa dos espaços de circulação e de ocupação e na utilização dada ao espaço disponível.

Considerando apenas a iluminação e o estabelecimento de uma comunicação com o exterior, a janela deve ter área elevada. Porém, a solução de continuidade que a janela introduz na envolvente do espaço habitado, compromete tão seriamente os isolamentos térmico e acústico que encaminhou a concepções que simplesmente suprimiram as aberturas para o exterior. E assim surgiram escolas, escritórios e, mesmo, habitações «cegas», tentando-se reproduzir no interior as condições de ambientes «naturais», até ao ponto de se projectarem imagens de paisagens nalgumas paredes...

A essência do problema não está, porém, na construção de fachadas altamente isolantes mas, sim, em fazer viver as pessoas confortáveis e economicamente em habitações permanentemente «desligadas» do exterior. Estes ambientes «in vitro» não facultam toda uma série de elementos físicos e psíquicos que influenciam profundamente o comportamento e estimulam o organismo evitando a claustrofobia. O homem tem de resistir à tentação de, entusiasmado pelo progresso técnico, julgar-se o dono e senhor da natureza. Só poderá lucrar se tiver a humildade e o bom-senso de reconhecer-se uma simples espécie animal, um filho da natureza, talvez o mais bem dotado, mas sujeito como todos os outros às suas leis.

As soluções dos problemas luminosos, térmico e acústico, que se levantam relativamente a uma janela, impõem exigências contraditórias, apelam para uma solução global de compromisso. A harmonização dos compromissos a assumir exige, logicamente, informação aturada de cada um dos campos envolvidos.

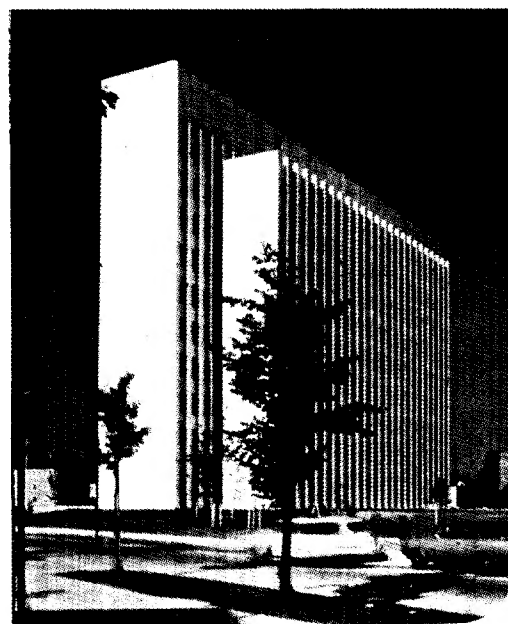
No que se refere à iluminação — domínio um tanto descurado, pelo menos relativamente à habitação, embora e felizmente em evolução no bom sentido — há que ter presente que uma boa iluminação exige não só luz em quantidade mas, também, que ela esteja bem distribuída, por forma a evitar todas as formas de desconforto visual. De facto, as imagens visuais que temos do mundo integram uma composição complicada de luz, sombra, cor e forma e dependem, obviamente, não só do nosso mecanismo visual mas, igualmente, do padrão de luz da cena que observamos. A boa iluminação deve introduzir neste padrão o realce suficiente para que os objectos importantes possam ser bem observados, permitindo ao menos importantes uma integração não intrusiva num plano de fundo. O estudo das condições de iluminação natural, dada a extrema variabilidade das condições exteriores, faz-se à custa do factor de relação dos níveis interiores para os exteriores.

Sendo o isolamento térmico das janelas geralmente bastante menor que o das paredes onde estão inseridas, ele assume, obviamente, uma importância determinante no isolamento global da habitação. Além deste aspecto, há, ainda, a considerar que, se a temperatura das janelas for bastante inferior à das paredes circundantes, tem-se a sensação de «gelar» frente

às janelas, o que vai reduzir evidentemente o espaço utilizável. Com vista a aumentar o isolamento das janelas, interessa, por um lado, assegurar a sua estanqueidade ao ar — e, aqui, é importante ter presente que não há vedantes de frinchas que possam compensar eficazmente a execução e manutenção deficientes — por outro lado, há que aumentar o poder isolante do pano envidraçado. O emprego de «vidros duplos» não só aumenta o isolamento térmico como contribui para evitar fenómenos de condensação de humidade, desagradáveis essencialmente no aspecto higiénico. A propósito, assinala-se que o afastamento entre os vidros aumenta ligeiramente o isolamento mas, sensivelmente a partir de dois centímetros, deixa de se verificar qualquer aumento, dado que passam a estabelecer-se correntes de convecção no espaço limitado pelos dois vidros.

No aspecto do isolamento acústico, para além da estanqueidade ao ar da janela, extremamente importante, interessa aumentar a massa por unidade de área dos panos envidraçados ou adoptar disposições construtivas que aumentem este isolamento. É este o caso das «janelas duplas», tornando-se, porém, obrigatório que o afastamento entre os panos envidraçados seja superior a um valor mínimo, da ordem de dez centímetros, para que a janela possa funcionar como «dupla» acusticamente.

Era uma janela e três problemas mas, para além destes, outros se encadeiam. É o caso da ventilação... mas, espere, caro leitor, sobre um ramo que quase roça a minha janela alguém canta alegremente este começo de Primavera. Vou tentar, lentamente, abrir o caixilho para que, mais intensamente, chegue até mim esta mensagem de alegria e esperança. Entrará também o ruído da cidade e todos os seus agentes de poluição por esta janela cujos problemas, e todos os restantes, eu vou esquecer neste doce embalo...



A hora de Braga outra vez

«Sejam outra vez a hora de Braga, da Revolução Nacional e da Senhora do Sameiro» — disse o ministro do Interior ao concluir o seu discurso de ontem, na posse do novo governador civil daquele distrito, dr. Francisco Leite Dourado. O ministro fez o elogio do anterior governador, António Santos da Cunha, e fez considerações sobre a tarefa a cumprir e a fazer cumprir: «Os agentes da autoridade não-de distinguir actividades pacíficas normais e legítimas, cujo exercício é um direito natural que decorre da vida em sociedade; dos actos que exorbitam dos costumes, escandalizam as pessoas, ou afrontam as instituições e a ordem social». E mais adiante: «Os valores morais que configuram a autoridade têm expressão nos costumes e na lei e não cedem a nenhum bisantinismo dialéctico, nem afrouxam perante a contestação sistemática que pretende insinuar-se como força redentora quando, afinal, constitui o núcleo central da própria subversão».

TRABALHOS NO ALENTEJO

Encontra-se de visita ao Alentejo o secretário de Es-



tado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto. Ontem, entregou a dirigentes corporativos o alvará do Sindicato da Panificação, que resulta da extensão dos Sindicatos de Faro e de Portalegre, numa fase de redimensionamento dos organismos sindicais representativos dos profissionais de panificação. O governante está hoje a visitar o distrito de Beja.

UMA ESTRADA NO ALGARVE

Numerosa deputação de gentes do Algarve, sobretudo do concelho de Monchique, acompanhadas por deputados do círculo e antecidos por centenas de telegramas, esteve ontem no gabinete do ministro das

Obras Públicas, a quem pediu a conclusão da Estrada Nacional 267, entre Aljezur e S. Marco da Serra. O empreendimento (cerca de 40 kms e mais de cem mil contos) é de grande importância para a região. O ministro Rui Sanches prometeu interessar-se pelo problema, mas avisou que os estudos a que é necessário proceder não estarão prontos antes de um ano. Só depois virá a concretização.

DIRECTORES DE TRANSPORTES

Os engenheiros Luís Manuel Barroso Coelho da Silva e Vasco Henriques Serra e Santos foram nomeados, respectivamente, para os cargos de directores de Transportes do Norte e de Lisboa, lugares recentemente criados por decreto. Formados, o primeiro na Faculdade de Engenharia do Porto, em 1944, e o segundo no Instituto Superior Técnico, em 1943, qualquer dos novos directores tem larga folha de serviços no sector dos transportes terrestres e dentro da respectiva Direcção-Geral. A posse verifica-se amanhã, no gabinete do director-geral de Transportes Terrestres.

VIAGEM PRESIDENCIAL

Bandeiras suspensas saudam a chegada

EXERCÍCIOS NO ALTO MAR

O contra torpedeiro «Perambuco» — que saiu da formatura da escolta a fim de proceder a exercícios de conjunto no mar — voltará a integrar-se na escolta ao fim da tarde.

Durante a viagem, as unidades portuguesas e brasileiras da escolta têm aproveitado a oportunidade para efectuarem exercícios.

Ontem, o petroleiro da armada brasileira «G 27 Brejo» procedeu, em pleno mar, ao reabastecimento dos contra torpedeiros da escolta. As fragatas não necessitaram, pois dispõem de maior raio de acção.

O petroleiro continuou na esteira do «Funchal», distanciando-se progressivamente. A noite ainda era visível na linha do horizonte, mas de manhã desaparecera.

RUI PATRÍCIO NO RIO DE JANEIRO

Entretanto chegaram ontem ao Rio de Janeiro o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, o presidente da comissão portuguesa do quarto centenário de «Os Lusíadas», prof. Manuel Lopes de Almeida, e o almirante Sarmiento Rodrigues. No mesmo avião chegaram também 35 jornalistas portugueses que vêm fazer a cobertura da viagem presidencial.

Os jornalistas tiveram a seguir uma reunião com o conselheiro de Imprensa junto da Embaixada de Portugal, Fialho de Oliveira, e com um assessor de Imprensa do Itamarati, dr. Jorge Barbosa, para esclarecimento de pormenores de serviço.

RIO DE JANEIRO, 21 (ANI) — Entre as comemorações cívicas da chegada dos restos mortais de D. Pedro I Imperador do Brasil, que ficarão em exposição pública na Quinta da Boa Vista, figura a participação da Força Aérea

Brasileira, que erguerá, naquele local, bandeiras monumentais de Portugal e do Brasil, por meio de 50 balões meteorológicos.

RECONSTITUIÇÃO DA SALA DO TRONO

O Museu Nacional, para receber a urna funerária contendo os despojos de D. Pedro I, procede à reconstituição da sala do trono e do salão dos embaixadores, do antigo Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista.

A iniciativa é do Instituto do Património Histórico e colaboram nos trabalhos vários museus e coleccionadores particulares.

O altar, erigido pela Santa Casa da Misericórdia, foi executado pelo arquitecto Maurício Kanter.

Para a restauração de toda a ala contígua à câmara ardente, o Museu Nacional está fechado ao público desde o dia 18, reabrindo somente no sábado, 22, após a chegada da urna.

As salas reconstituídas serão, a partir desse dia, franqueadas ao público, até 30 do corrente.

CONFERNATERNIZAÇÃO DE «HOMENS DO MAR»

A associação dos sub oficiais e sargentos da Marinha brasileira receberá, na sua sede social, no dia 22, às 20 horas, os sargentos da Marinha de Portugal, componentes das guarnições das fragatas que compõem a força-tarefa portuguesa que escoltou, até ao Rio de Janeiro, o paquete «Funchal».

Por seu turno, os marinheiros portugueses serão recebidos pelos seus camaradas brasileiros no dia 23, às 20 horas, na sede recreativa da «Casa do Marinheiro».

A chegada do «Funchal» ao Rio de Janeiro, amanhã, às 5,30 (hora local), uma força-tarefa brasileira, comandada pelo porta-aviões «Minas Gerais», junta-se à força naval luso-brasileira que escolta o paquete presidencial.

COMEMOROU-SE O DIA DO TURISTA

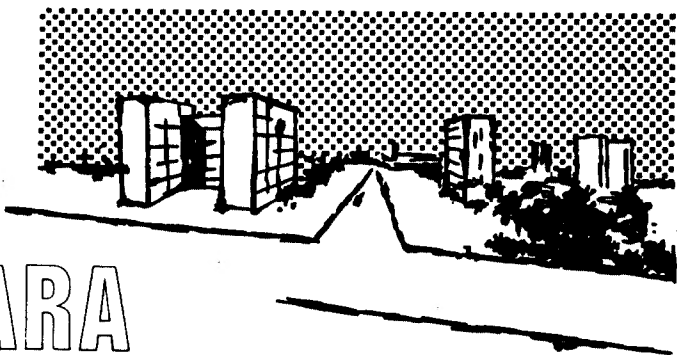
Um dia do turista diferente dos anos anteriores foi ontem comemorado em todo o país. Maior espontaneidade e realismo nas realizações levadas a efeito (e desta feita com a colaboração dos profissionais do Turismo), o «Dia do Turista» poderá a partir deste ano apresentar o carácter novo, arrojado e prático com que se pretende receber os amantes do sol e das coisas baratas que de ano para ano aumentam no nosso país, deixando apreciável número de divisas.

Em Lisboa cerca de doze mil visitantes estrangeiros foram observados com passeios no Tejo, provas de vinho, diversas excursões e visitas à Batalha, Tomar, Santarém, Estoril, Cascais, Sin-

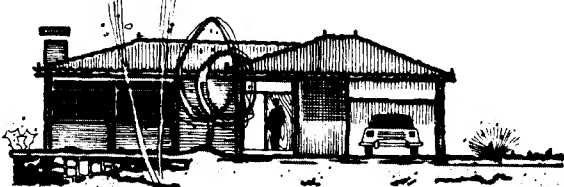
tra, Nazaré, Setubal, Arrábida, Sesimbra, Obidos e ainda às zonas monumentais da capital. Durante o dia e em quatro sessões foram mostrados filmes turísticos no Palácio Foz. Poucos turistas lá estiveram. O sol e vento eram os objectivos dos nossos visitantes.

A noite na Estufa Fria realizou-se já com maior afluência de turistas o espectáculo promovido pela Direcção-Geral de Turismo e da Cultura Popular e Espectáculos. Pratos fortes da festa: O grupo de bailado Verde Gaio, com a colaboração de Fernando Ribeiro e Fernanda Guerra (acordeão) Carlos Paredes (guitarra) e Fernando Alvim (viola), Maria Luisa Viegas (canto) e Fernanda Guerra.

PARA PRÉDIOS



OU PARA



A SUA MORADIA

VENDEMOS-LHE LOTES DE TERRENO APROVADOS, NA NOSSA URBANIZAÇÃO* EM:

QUELUZ
DE
BAIXO

* PROJECTOS APROVADOS
ARRUAMENTOS
ABASTECIMENTO DE ÁGUA
ESGOTOS
ENERGIA ELÉCTRICA

INTERCONSULTA, LDA.

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 71-1º, LISBOA-1. (TEL. 531235-531892)

Uma abelha na chuva

UM FILME DE FERNANDO LOPES



GRUPO C-14 ANOS • 2ª SEMANA NO *estúdio*

Doutor Artur de Oliveira

A Família do Doutor Artur de Oliveira comunica que será rezada missa do 5.º Aniversário do seu falecimento, amanhã, dia 22, pelas 12 horas na Igreja dos Mártires.

«Vendemos a nossa intimidade...»

Não se sabe se a operação será cancelada. Saber-se-á dentro de 10 horas, ou seja cinco revoluções em torno da Lua.

José Mensurado avisa-nos, em Telejornal, e aproveita para, através de um esboço explicar como tudo se terá passado. Nem discutirei se foi ou não uma explicação científica rigorosa (como aliás é timbre) mas a verdade é que fiquei na mesma. E se isto acontece comigo, afeiçoado aos velhos hábitos (e necessidades) de estar na Lua, que acontecerá à grande maioria dos telespectadores?

Bom. Continuamos ansiosamente à espera de notícias da **Apolo Dezasseis**. Cerca das 23 e 30, Mensurado torna para nos dizer a grande novidade: só dentro de não sei quantas horas, ou seja, não sei quantas revoluções em torno da Lua, saberemos se a emissão será ou não cancelada. Bem, cá por mim o que quero é que não aconteça nada aos homezinhas.

Estou a lembrar-me das palavras de Angelo Caldas que serviu de base à meditação: «Vendemos a nossa intimidade...»

Logo depois, o comentário, mais ou menos assim: «Vendemos a nossa intimidade. Perdemos o gosto pelo silêncio, pela reflexão. Habitamo-nos ao martelar da rádio e da televisão, às festas com muito barulho. Somos como os meninos ricos que se aborrecem com os brinquedos e não os querem mais. Ficamos imensamente aborrecidos quando estamos sós. Vendemos a nossa intimidade porque nos espanta o nosso próprio vazio interior. Somos homens vazios por dentro. Temos necessidade de nos encontrarmos. Urge reflectir, pensar. Se nos aborrecemos é porque estamos vazios. Não descobrimos porque temos de caminhar. Procuremos encher a alma com um ideal grande a realizar com amor as pequenas coisas que a ele nos levam. Que o Senhor nos ajude a ter hábitos de estudo e de reflexão.»

Amen. A verdade, porém, é haver pessoas capazes de dizer (em público e em privado) que os telespectadores procuram só entretenimento na Televisão e portanto a Televisão tem de lhes proporcionar doses compactas de entretenimento. A coisa não é novidade para ninguém. Recordemos o velho slogan: «o que a gente quer é bola...»

Tivemos bola, ontem. Muita. Muita. E emoção. Às carradas, como se costuma dizer. Ah, aquilo em directo! Bom, mas além de futebol também tivemos a aventura no espaço.

Mensurado, publicando do Cosmos, dá-nos a novidade, outra vez, só dentro de 10 horas, equivalentes a cinco revoluções em torno da Lua, saberemos se a emissão será ou não cancelada.

Entretanto, e dentro do seu esforço por contribuir para a distração de (pelo menos) dois milhões de portugueses (upá! upá!) a televisão oferece-nos mais um episódio do «Jogo da Vida».

Sei que é muito difícil perceber esta vida e que não é menos difícil perceber este jogo. A verdade é que há sempre um **jogo da vida** para tapar um buraco. Quando julgamos que a série acabou definitivamente, não senhor. Vamos a ver — e ainda mexe, ainda estava um episódio na prateleira, um epi-



sódio do jogo... viciado.

Esta série sempre nos pareceu muito um maluquinho. Aparenta uma soberba saúde mental, fala que nem um doutor, discorre com a lógica por a + b e de repente pede 20 metros de vinho tinto.

O governador é um traste, mas as pessoas gostam dele porque também ele é imperfeito. O médico sabe como é assistência nos hospitais, uma autêntica miséria. Mas deixa-se corromper pelo governador até dar-se conta da sua alienação. Nesse momento fica



Por MARIO CASTRIM

chulado da pinha e resolve dar cabo do canastro ao governador. Felizmente, o Alenn parece no momento próprio e acaba tudo em família, numa euforia de saturação da inevitabilidade de viverem uns com os outros numa sociedade formidável como é a americana.

Ao intervalo, Mensurado vem dar-nos a grande novidade: só dentro de 10 horas, equivalentes a cinco revoluções em torno da Lua, etc., etc., etc., etc.

Como é, como é, como é que dizia Angelo Caldas?

a GENERAL MOTORS comprou à ASEA uma patente para locomotivas eléctricas

A maior empresa do mundo, a General Motors, obteve da ASEA uma licença não exclusiva para utilizar as patentes para fabrico de locomotivas eléctricas, da segunda daquelas empresas.

No acto da assinatura B. B. Brownell Vice-Presidente da G. M. disse que o acordo era um exemplo da tradicional política da G. M. em manter uma posição de vanguarda como construtora daquelas locomotivas e que o recorrer à técnica avançada e bem experimentada da ASEA nesse campo era um passo necessário. No mesmo acto

C. Nicolin, Presidente da ASEA, disse que a sua empresa foi a primeira do mundo a lançar-se na produção em série de locomotivas de tiristores, tendo 60 já sido fornecidas em 120 encomendas.

Alguns dias depois uma outra companhia americana, a R. T. E. Corp. em conjunto com a ASEA, inaugurava no estado de Wisconsin uma importante fábrica de transformadores, a R. T. E. — ASEA. No acto da inauguração o Vice-Ministro das Finanças americano, Paul Volcker, declarou que embora os Estados Unidos estejam

orgulhosos da sua tecnologia, a entrada no país de novas ideias avançadas do estrangeiro terá por efeito aumentar as reconhecidas força e eficiência americanas.

O licenciamento concedido pela ASEA à G. M. tinha sido anunciado por Bo Englund, Vice-Presidente da ASEA, no acto da entrega ao Ministro das Comunicações da Áustria, Erwin Fruhbauer, em Viena, de uma chave de ouro simbolizando a entrega de 4 locomotivas, do tipo que a G. M. vai passar a fabricar, aos caminhos de ferro austríacos.

Leonard Cohen de novo em francês

Pelos vistos a França parece ter-se interessado definitivamente pela já vasta obra do poeta cantor canadiano Leonard Cohen. Assim, depois do curioso romance «The Favourite Game» publicado em francês pela 1018 as edições Christian Bourgeois, propõem ao seu público, uma excelente tradução da mais importante obra do autor intitulada «The Beautiful Losers» que para circulação em França se chama «Les perdants Magnifiques». Enquanto a venda dos discos de Cohen, especialmente de «Songs of Love and Hate» aumenta a um ritmo vertiginoso, a 1018 visivelmente entusiasmada com a boa aceitação da obra por parte do público francês anuncia já a publicação dentro de poucas semanas duma colectânea de poemas do autor: «Selected Poems 1956-1968».

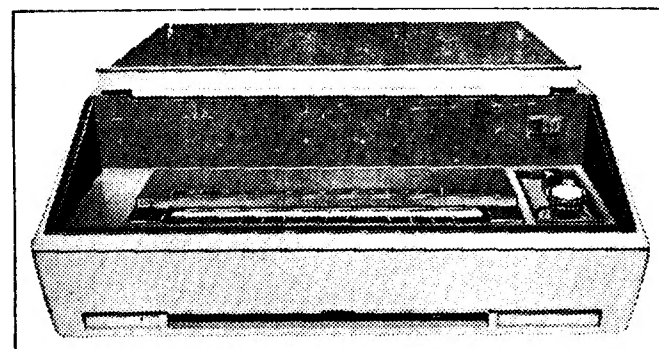
A respeito da obra recentemente publicada em França pode dizer-se que nela se encontra retomada a problemática dum Canadá, diminuído pela sombra

dos Estados Unidos e dum Quebec que prossegue com a sua luta pela independência. Cohen, que a todo o momento nos surge enfeudado a uma estranha mitologia povoada de símbolos e de imagens que se diluem na distância escreve serenamente: a sua escrita é um longo exercício de interioridade.

Muito mais que em «The Favourite Game», o seu primeiro romance, com carácter mais ou menos autobiográfico, Cohen consegue nesta obra levar às últimas consequências a exploração de uma imaginação que os seus temas cantados mostravam ser extremamente rica. Posto isto perguntamos: para quando a tradução portuguesa de «Beautiful Losers»? Neste momento importante ouvir Cohen como lê-lo. Se alguém estiver disposto a pensar no assunto pode desde já contar com o nosso apoio.

J. J. L.

A FOTOCOPIADORA A SECO «3M» MODELO 251



FOTOCOPIA TUDO

A fotocopadora modelo 251 é realmente uma máquina extraordinária. Fotocopia tudo — desde o memorando rabiscado a esferográfica a uma pintura a óleo. Faz fotocópias perfeitas de páginas de livros mesmo encadernado. E as cores não são problema. Até mesmo o azul claro é reproduzido facilmente. Você obterá uma fotocópia nítida a preto sobre papel branco, sempre completamente seca, em alguns segundos.

A «251» não necessita de líquidos, pós, tintas ou produtos químicos. É compacta — do tamanho de uma máquina de escrever — e acomoda-se perfeitamente na sua secretária, pronta a ser utilizada em qualquer altura. Mas, o mais extraordinário é a facilidade da sua utilização. Até mesmo o Director-Geral pode trabalhar com a «251» sem o mínimo «espalhafato».

Apresenta sempre bons resultados e nunca precisa de retoques.

Para uma demonstração grátis no seu escritório dirija-se a:

3M MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.

Av. Infante Santo, 40-C — LISBOA-3
Telefones 67 74 10 - 67 74 41 - 67 74 47

Nome
Companhia
Morada
Tel. n.º
Máq. mod. 251

SCHAUB-LORENZ
TELEVISORES COM GARANTIA



8 ou 15 DIAS DE FÉRIAS

PALMA DE MAIORCA
Partidas às segundas-feiras, de 8/7 a 11/9
em avião a jacto Boeing 727
PREÇOS DESDE 3.090\$ (TUDO INCLUIDO)

TORREMOLINOS
EM AVIÃO — Partidas às quartas-feiras, de 5/7 a 18/9
em avião a jacto Boeing 727
PREÇOS DESDE 2.580\$ (TUDO INCLUIDO)
EM AUTOPULLMAN — Partidas aos Domingos, de 4/6 a 24/9
PREÇOS DESDE 2.250\$ (TUDO INCLUIDO)

abreu

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

5.ª-FEIRA, 27 DE ABRIL
ÀS 21.45 H.

GRUPO B—M/10 ANOS

TUNA ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

I PARTE:
— Minuetes
— Sonata em ré menor
— Concerto em lá maior para cravo
CARLOS SEIXAS

II PARTE:
— Anónimos do Cancioneiro da Biblioteca Pública Horténsia
— Divisions Upon an Italian Ground
ROBERT CARR
— Concerto em sol maior para dois bandolins
PROSPERO CANCELLLO
— Concerto em dó maior para bandolin
VIVALDI
— Concerto em ré maior para bândola
VIVALDI

BILHETES À VENDA
PREÇOS DESDE 125\$0

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
(Subsídio da Fundação Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET
a mais moderna e confortável de Lisboa

DE TERÇA A SÁBADO
às 21 h. e às 23 h.

DOMINGO ÀS 16 H.
E ÀS 21.45 HORAS

Segundas-feiras
descanso da companhia

Arturo

RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEIRO
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de «Dorina»

DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO - tel. 326037

VARIEDADES

VASCO MORGADO APRESENTA
à noite: 21.45 h.

DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
8.ª MES

Empresta-me o Teu Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSE TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO

6.ª FEIRAS e SÁBADOS
2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.

DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO

LAURA ALVES
TEL. 86476

VASCO MORGADO APRESENTA
à noite, 21.45 h.

Domingos à tarde, 16 h.

UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
6.ª MES

Quem tem medo de Virginia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUIS MATA

Encenação de JOAO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

30 % de desconto aos estudantes
benefício da Fundação Gulbenkian
ÚLTIMOS DIAS

Don McLean tem muito para contar

Há alguns meses o nome, até então completamente desconhecido de Don McLean começou a ser referido pela crítica e notado pelo público mais atento às coisas da música: uma canção intitulada «American Pye» era o motivo próximo do entusiasmo.

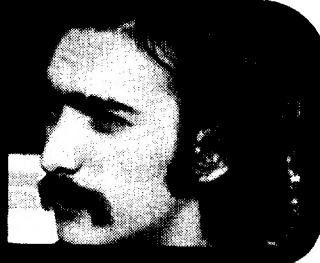
Music Festival em Central Park, Festival de Newport, Main Point em Philadelphia e ao Troubadour e Ash Grove de Los Angeles. À medida que o seu nome e a sua música se iam popularizando Don foi ganhando confiança nas suas qualidades como compositor e

Estados Unidos faz da música ofício.

O contacto regular de McLean com alguns dos nomes mais importantes da música popular do seu país é visível, pois «American Pye» tem fortes afinidades com «Crucifixion» de Phil Ochs, com «Iron Man» do magnífico Tom Paxton e dum modo geral com as crónicas (cantadas) da decadência americana, que, pelo seu teor e pela crueza do seu processo narrativo nunca tiveram acesso aos «Mass media» nem aos primeiros lugares das tabelas de vendas. Com McLean, porém, isso não vai suceder, do mesmo modo que não sucedeu com Dylan sete ou oito anos antes. As pessoas revêm os seus hábitos os seus sistemas de valores e, coisas que em princípio pareciam irremediavelmente segregadas acabam por ser recuperadas e consumidas. Assim «American Pye», que há uns dez anos teria caído pura e simplesmente no esquecimento, ocupou du-

crítica de DISCOS

José Jorge Letria



Natural do Estado de Nova Iorque acompanhou durante cerca de um ano o seu amigo Pete Seeger numa ampla campanha de esclarecimento sobre os problemas da poluição na Baía de Hudson. Escusado será dizer que esta actividade deve ter tido para ele uma extraordinária importância tanto mais que se desenvolveu na companhia do consagrado Pete Seeger.

Depois há ainda a história: aos três anos segundo rezam os textos biográficos que acompanham a obra de Don, este sabia já de cor todas as canções gravadas nos discos que havia em casa de seus pais. Aos dez anos apenas, apesar de não haver na sua árvore genealógica notícia de qualquer vocação instrumental Don tocava já razoavelmente viola.

Com um itinerário musical definitivamente virado para os compromissos de carácter social, o cantor que actuou bastante com Tom Paxton, tem já o seu nome ligado a grandes realizações musicais. Shaefer

autor. A prova disso está nos títulos do Album «American Pye», significativamente dedicado a Buddy Holly e em particular na canção que deu o nome ao disco.



Não fora o arrojo da linguagem poética de Don McLean e a interessante estrutura do seu fraseado musical, onde a lentidão se mistura com a aceleração das partes de refrão, e o nome do cantor passaria quase despercebido. Não porque sejam reduzidas as suas qualidades, mas porque é vulgar encontrá-las em quem nos

rante semanas consecutivas os primeiros lugares das tabelas de vendas no seu país. Semelhante a Tom Paxton e a Pete Seeger, do ponto de vista interpretativo, McLean consegue nas baladas trágico-heróicas que integram o seu LP personalizar um estilo e uma intenção que se tornam palpáveis em títulos como «Vincent» ou «The Grave». Embora preocupado com a construção de um «retrato histórico» McLean consegue, libertando-se do peso dos símbolos, dar-nos uma imagem bem humorada do «rock» que se ouvia durante a sua infância; é o caso «Everybody Loves Me Baby». Longe do egocentrismo e do misticismo de James Taylor que cultiva a interioridade McLean veio para ficar. A consistência dos seus temas, a riqueza da sua linguagem que por momentos se converte num verdadeiro caudal de imagens e sugestões asseguram-lhe à partida um lugar na galeria dos nomes mais importantes da música popular dos Estados Unidos. Ouvir Don McLean é ter presente a importância de Seeger e de Paxton e poder saborear ao mesmo tempo toda a gesta duma América que tem muito para contar.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

VENDA PARTICULAR MOBILIÁRIO USADO

Recheio de moradia
c/ 40 divisões. Barato
Av. Aeroporto, 147



ASAHI PENTAX O SISTEMA FOTOGRÁFICO REFLEX
MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO



“Ivan” no São Jorge

O filme de Sergei Eisenstein «Ivan o Terrível», que, apesar de realizado há já vinte e seis anos, continua a ser considerado um dos dez filmes mais importantes da história do Cinema, será projectado, em sessão especial, no Cinema São Jorge no próximo domingo, às 10 e 30. A sessão, que tem o patrocínio do Cine-clube Católico, insere-se no ciclo «Cinema com critério».

“Don Pasquale” no Coliseu : o público disse não

O argumento da popularidade para justificar a montagem duma ópera como o «Don Pasquale» de Donizetti já não serve. O público desertou maciçamente do Coliseu mostrou com a sua ausência que é mais exigente e mais avançado do que a rotina quer que ele seja.

A ópera, em si, é um dos exemplares mais acabados e representativos do estilo ligeiro italiano do último quartel do século XVIII e primeira metade do século XIX. Não tem a frescura, nem a riqueza dramática, nem o conteúdo social do **Barbeiro de Sevilha** de Rossini, mas é, muito à maneira da época, uma comédia bem urdida nas suas componentes cénicas e musicais. Justifica-se a sua permanência no repertório como exemplo de como essa ligeireza de processos da época cômica italiana, e mórmente de Donizetti, pôde apreender a mentalidade e os tipos característicos de certa aristocracia, dando-lhe a expressão musical adequada.

Simplesmente, «Don Pasquale» representa também um determinado padrão de exigências vocais, segundo o qual em ópera (naquele estilo operático) o cantor e o seu virtuosismo são mais importantes que quaisquer considerações de ordem teatral. Daí que uma montagem moderna do «Don Pasquale» só valha a pena se, para além duma cuidada encenação (aspecto absolutamente indispensável nos actuais palcos de ópera), contar com cantores que já nem podem ser só os de primeiríssima ordem: têm de ser os melhores de todos, aqueles que no momento, a nível internacional, são considerados inultrapassáveis. De outro modo, perde-se toda a força expressiva que esta obra ainda hoje poderá ter, porque essa força está inteiramente contida nos

prodígios vocais que exige dos cantores e não na substância da música, que é das mais pobres. A música que existe num capricho de Paganini só um Oistrakh é capaz de explicitá-la; assim também o teatro musical contido numa ária de Donizetti só uma Caniglia ou um Baccaloni podem surpreendê-lo. Mais vale passar vinte anos sem ver e ouvir o «Don Pasquale», do que representá-lo uma só vez em circunstâncias que não sejam estas, as óptimas. Ao fim e ao cabo, há efectivamente muito mais coisas no céu e na terra para ver e ouvir, que faz falta ver e ouvir, que é vital ver e ouvir. O público do Coliseu já sabe disso. Por isso não compareceu desta vez. Como a obra só se salva com cantores de antologia, e não os havia no cartaz, para quê comprar bilhete e passar três horas mal sentado no «pontapé-nas-costas»?

As pessoas bem querem ser puxadas para a frente mas insiste-se em puxá-las para trás.

Porque puxar para trás é improprio uma encenação como esta de Hugo Casais (onde se pressentem algumas ideias, mal realizadas, e onde a direcção de actores primou pela ausência, isto apesar de Hugo Casais ser dos raros cantores portugueses que sabem pisar um palco), uma cenografia atamancada a atirar para o pseudo moderno do argentino Casero, um elenco onde os artistas mais qualificados, ou que se mostraram mais qualificados — Elizette Bayan e Marco Stecchi — não ultrapassam a mediania (até Ugo Savarese, que fizera até brilhar na «Força do Destino», se apagou por completo). Puxar para trás é levar o público a fixar-se na rotina, é cavar uma barreira cada vez mais funda e difícil de transpor, em tempo útil, entre o público e arte do nosso tempo, é acertar constantemente o relógio da nossa cultura musical pelos relógios de há cem anos. Mas puxar para trás...até quando?



O T.E.P. no Capitólio

A partir de hoje e durante dez dias, a Companhia do Teatro Experimental do Porto apresenta, no Capitólio, a peça de Lorca «A Casa de Bernarda Alba», antes da digressão do TEP pelo estrangeiro.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

6.ª FEIRA, 28 DE ABRIL
ÀS 21.45 H.

GRUPO B — M/10 ANOS

DOMINGO, 30 DE ABRIL
ÀS 18 H.

GRUPO A — M/6 ANOS

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

MAESTRO:

Manuel Ivo Cruz

SOLISTA:

Domingos Taneco
(TROMPETE)

PROGRAMA

ABERTURA
«CONDESSA CAPRICHOUSA»

Marcos Portugal
CONCERTO
PARA TROMPETE

Haydn

SINFONIA N.º 5

Tchaikowsky

BILHETES DESDE 12\$50

DL show

Tonicha regressou já de Macau onde, acompanhada por Pedro Osório, deu uma série de espectáculos.

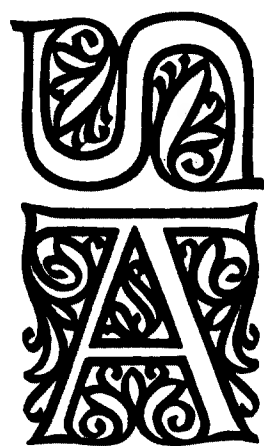


A «Sexta-feira Cultural» do cinema Império será hoje preenchida com o filme «Sete Dias em Maio», de Frankenheimer, com Burt Lancaster, Kirk Douglas, Ava Gardner e Edmond O'Brien nos principais papéis.

Os «Gaiatos» da obra do Padre Américo realizam o seu espectáculo anual no dia 11 do

Espectáculo sobre Aleixo

O teatro de ensaio da Sociedade Filarmónica «João Rodrigues Cordeiro» estreará no próximo mês de Maio, sob a direcção do actor João Sarabando, um espectáculo dedicado ao poeta popular António Aleixo, tendo à frente do elenco a jovem cançonetista Rosita Afonso e os actores Sénuel de Carvalho e Fernando Fonseca.



6º SALÃO DE
ANTIGUIDADES

12-23 Abril

Das 17 às 24 h.

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

próximo mês de Maio no cinema Monumental.

O realizador Fernando Matos Silva está a rodar o seu primeiro filme de fundo. Trata-se de «O Mal Amado», uma película com características de sátira que tem como protago-

nista a actriz Maria do Céu Guerra.

O Cine clube de Beja leva a efeito no Cine-Teatro Pax Júlia desta cidade, pelas 21 e 30 horas do dia 24 de Abril, uma sessão em que será projectado o filme de Otto Preminger, «Primeira Vitória».

Hoje, pelas 18 e 30 horas, prossegue com a regularidade estabelecida o Ciclo de Iniciação Teatral promovido pelo Imave e com a colaboração da Casa da Comédia, para apresentação da nova Lição dedicada ao estudo do Teatro de Gil Vicente. Procedeu-se a uma montagem dos autos na intenção de procurar um encontro tanto quanto possível extenso e didáctico com a obra do genial dramaturgo do Teatro português. Daí o nome um tanto provocador do Título da

Lição: Quem tem medo de Gil Vicente? A Direcção foi confiada a Jorge Listopad com a colaboração de Carlos Cabral. Participam os seguintes actores: José Gomes, Vicente Galfo, José Tavares, Maria João Galope, Fernando Heitor e Carlos Cabral.

CONFISSÃO!!



Ficámos para trás...
...ainda
não operamos
na Lua.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

DIA DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

Na Sociedade de Geografia de Lisboa realiza-se no sábado, às 21 e 30, uma sessão comemorativa do «Dia da comunidade luso-brasileira», durante a qual o dr. A. Sebastião Gonçalves proferirá uma palestra subordinada ao tema «A comunidade luso-brasileira e alguns aspectos da realidade sócio-económica do Brasil».

CONCURSO PARA GUARDAS DA P.S.P.

Continua aberto o concurso para guardas da Polícia de Segurança Pública, tendo as provas de admissão realizar-se em Maio, nas sedes dos distritos onde os candidatos tenham o seu domicílio habitual.

A este concurso são admitidos os militares recentemente regressos do Ultramar, os que já se encontram na disponibilidade, bem como os que passaram para esta situação no corrente ano, mesmo que tenham prestado serviço na Metrópole.

As condições de admissão, programa do concurso e as normas da documentação a apresentar, podem ser consultados no Comando-Geral da P. S. P., em Lisboa, ou ainda em qualquer comando distrital de Polícia, nas sedes do concelho onde existam secções, esquadras e postos policiais.

ASSEMBLEIAS GERAIS

GRÊMIO DA LAVOURA DO CADAVAL

Foi eleita a nova direcção do Grémio da Lavoura do Concelho do Cadaval, constituída por Ruben Ladeira Monteiro Duarte (presidente) e Gabriel Gonzaga Lobo Silva e José Serafim Rosa (Vogais).

ATLÉTICO CLUBE DO CACÉM

Realiza-se no dia 21, a partir das 20 e 30, a Assembleia Geral Extraordinária do Atlético Clube do Cacém, para «apresentação, discussão e aprovação dos novos estatutos do clube».

CRUZ DE MALTA

Foi convocada a Assembleia Geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Cruz de Malta para reunir amanhã em sessão ordinária, às 17 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: discussão do Relatório e Contas referentes ao exercício do ano findo e eleição dos corpos gerentes para o triénio de 1972/74.

ROTÁRIOS FALANDO DE EMIGRAÇÃO

Durante o almoço habitual do Rotary Clube de Lisboa-Norte, dedicado em especial à XXVI Conferência do Distrito Rotário 176, o governador rotário, prof. dr. José Dias Marques e o presidente da Comissão Executiva da conferência, dr. Amadeu Batista André, referiram-se à reunião conjunta dos clubes rotários portugueses a realizar de 5 a 7 de Maio na Eriçeira.

Durante a próxima conferência de Maio, presidida pelos drs. Robert Malavialle e José Dias Marques, será abordado o tema: «O Problema da Emigração nos seus aspectos económico-sociais», com a presença do secretário nacional da Emigração e «Aspectos sociais e humanos da emigração».

Em nome dos representantes dos órgãos de Informação falou o dr. João Patrício.

CONFERÊNCIAS

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Na sede da Sociedade de Geografia de Lisboa, o dr. Ramiro Ladeira Monteiro profere hoje, às 18 horas, uma conferência sobre «A família nos musseques de Luanda».

FACULDADE DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, o prof. A. Denoel, da Faculdade de Medicina da Universidade de Liège, profere no dia 24, às 18 horas, uma conferência subordinada ao tema «Stabilité des colorants dans les formes galéniques».

COLÓQUIO SOBRE EMPRESA AGRÍCOLA

EMPRESA AGRÍCOLA

A Sociedade de Ciências Agronómicas realiza, no dia 24, um colóquio sobre a adaptação da empresa agrícola ao desenvolvimento económico, com o seguinte programa:

As 9.30, sessão inaugural presidida pelo secretário de Estado da Agricultura; «Palavras prévias», pelo presidente da direcção da S. C. A. P., dr.

J. Carvalho Cardoso; tema «O papel da agricultura no desenvolvimento económico», pelo prof. Henrique de Barros; «A mentalidade do agricultor e a sua participação numa economia em desenvolvimento», pelo prof. E. Castro Caldas, e discurso do secretário de Estado da Agricultura, sr. eng. Vasco R. P. Leônidas; às 11 horas, comentários ao tema 1, pelos engs. J. Duarte Amaral e Carlos Silva; às 12, comentários ao tema 2, pelos engs. J. Carvalho Cardoso e M. Barreira da Ponte; às 15, tema 3. «Panorama da estrutura fundiária portuguesa», pelo eng. Mário Pereira, e comentários, pelos engs. Carlos Silva e A. Trigo de Abreu; às 16 e 45, tema 4. «A estrutura fundiária e a economia de mercado», pelo eng. Mário Pereira, comentários pelos engs. Amândio Galvão e J. Silva Girão.

OS PROBLEMAS DA INFORMÁTICA

No anfiteatro da N.C.R., à Rua dos Anjos, 79, realiza-se no dia 25, às 18 e 30, um colóquio sobre «A informática e os seus problemas», que será orientado pelo dr. Jorge Branco, investigador do Centro de Cálculo Científico da Fundação Gulbenkian.

A entrada é livre.

MÊS DO CORAÇÃO

Na sede do Instituto de Cardiologia Social, à Rua Tomás Ribeiro, 46-r/c, realiza-se no próximo dia 24, pelas 10 horas, uma conferência de imprensa destinada a divulgar os objectivos e actividades relacionadas com o «Mês Mundial do Coração», que se comemora em Abril.

MATERNIDADE ALFREDO DA COSTA

Prossegue no dia 26, às 10 e 45, na maternidade Alfredo da Costa, o II Curso de formação de internos, com o tema «A profilaxia do parto prematuro. Problemas da prematuridade», pelos drs. Constantino Esteves, Coelho de Campos e Noronha.

AMPLIFICADORES PARA ANTENAS DE

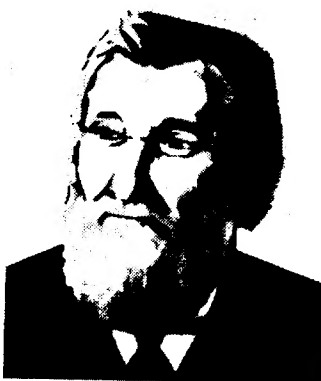


TELEVISÃO E RADIO

JF J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, Lda

TEL. 654165 * LISBOA

FAMOSO CIENTISTA RUSSO descobre um importante segredo: como viver mais tempo com mais saúde



ELI METCHNIKOFF ganhou o Premio Nobel com o seu trabalho de «caça ao microbio». O resultado dessas investigações está agora disponível no BÉVITA, o iogurte Express ab-solutamente natural.

ELI METCHNIKOFF, um dos mais brilhantes cientistas do mundo, tornou-se famoso quando descobriu os glóbulos do sangue e a sua acção defensiva do organismo. Metchnikoff descobriu também que a maior fraqueza do homem está no seu tubo digestivo. Este canal está todo enrolado e é constantemente contaminado por micróbios produtores de fermentações e venenos prejudiciais que produzem mal-estar e tiram anos de vida. Metchnikoff procurou a forma de remediar isto. Observou que os pastores búlgaros eram extraordinariamente vigorosos e isentos de complicações e desarranjos intestinais. Verificou-se que eles bebiam leite azedo. Seria esta a razão?

OS LIVROS SAGRADOS

Na Bíblia fala-se frequentemente em leite azedo. Abraão ofereceu-o aos três anjos. Moisés incluiu-o entre os alimentos que Jeová deu ao seu povo. Mas foi Metchnikoff que deu a conhecer ao Mundo moderno o maravilhoso *Lactobacillus Acidophilus*. Este micro-organismo é uma preciosa ajuda para o bom funcionamento intestinal... agora fácil de obter com iogurte express BÉVITA.

HISTÓRIA DA ÁGUA A FERVER

Ninguém ignora que a água a ferver destrói os micróbios. Pasteur demonstrou isso há muito tempo. Se pudéssemos deitar água a ferver sobre os biliões de micróbios que pululam nos nossos intestinos

todos os germes nocivos seriam destruídos, mas morreriam também os bons.

COM «BÉVITA» CONSEGUE MAIS QUE COM ÁGUA A FERVER

Apareceu o Bévita — o iogurte express que contém o maravilhoso *Acidophilus*. Logo que os *Acidophilus* chegam ao intestino começam a trabalhar para si. Ajudam as bactérias boas, encorajam-nas e dão-lhes forças para lutarem e destruir as perigosas bactérias putrefactivas. A flora intestinal fica sã e livre de impurezas que lhe envenenam a existência. Quando os amigos *Acidophilus* acabarem com as putrefacções sentir-se-á bem, com mais entusiasmo porque se sente mais jovem, com olhos brilhantes e ideias claras. Experimente a agradável sensação de se sentir completamente limpo por dentro, mais leve e muito mais bem disposto. Comece a tomar BÉVITA ainda hoje.

UM SEGREDO DA NATUREZA ENCERRADO NUMA LATA DE «BÉVITA» PARA LHE PROPORCIONAR BEM-ESTAR

Nunca fora possível conservar os *Acidophilus* adormecidos para reviverem no instante desejado. Conseguiu-se isso agora no BÉVITA. Um processo especial conserva esses micro-organismos adormecidos. Quando chegam ao intestino acordam e começam a trabalhar activamente para si eliminando as bactérias putrefactivas. Todos os ali-

mentos que ingere não podem ser aproveitados convenientemente se o seu tubo digestivo estiver sujo. O BÉVITA faz com que os alimentos possam ser aproveitados como deve ser.

Sucedem coisas maravilhosas no seu organismo assim que começa a tomar o BÉVITA. Comece hoje mesmo.

O SUPER-IOGURTE EXPRESS BÉVITA devolve-lhe a alegria de viver. Ele é o único iogurte instantâneo do Mundo! É maravilhoso! BÉVITA ajuda a acabar com as putrefacções intestinais, fomentando um incomparável bem-estar. Junte-se a água simples, a leite ou a sumo de frutos e verá como a sua vida é outra.

O BÉVITA só está à venda nas melhores mercearias e supermercados. Se não encontrar o BÉVITA, preencha e cole o cupão abaixo num postal e remeta-o para:

diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL av. da República, 46 - Lisboa I

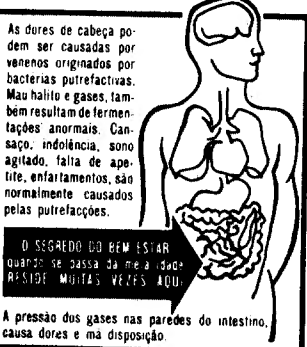


Peço que enviem na volta do correio

- ☐ lata individual de BÉVITA (para 50 iogurtes) 45\$00
- ☐ lata familiar de BÉVITA (para 100 iogurtes) 75\$00

NOME

MORADA



As dores de cabeça podem ser causadas por venenos originados por bactérias putrefactivas. Mau hálito e gases, também resultam de fermentações anormais. Cansaço, indolência, sono agitado, falta de apetite, enflaquecimento, são normalmente causados pelas putrefacções.

O SEGREDO DO BEM-ESTAR quando se passa da «ma» para a «boa» vida muitas vezes aqui

A pressão dos gases nas paredes do intestino, causa dores e má disposição.



OFERECE UMA MOEDA OLÍMPICA DE PRATA



NA COMPRA DO NOVO TELEVISOR



SIEMENS

OLYMPIC

O MELHOR NA TÉCNICA E NO PREÇO

7

LOJAS DARDO

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AV. ALMIRANTE REIS, 124
PRAÇA DE LONDRES, 7
RUA DE S. BENTO, 53-57
RUA D. ESTEFÂNIA, 193, D-E
R. GONÇALVES CRÊSPO, 26-B
R. 1.º DE MAIO, 146 (S. Amaro)

Dada a dificuldade na obtenção de moedas olímpicas, o prazo desta campanha é limitado.

ASAHI PENTAX O SISTEMA FOTOGRÁFICO REFLEX MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO



notícia de
LIVROS
TORQUATO DA LUZ

Este mundo... e não sō

Um professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Nancy, Louis Vax, escreveu o livro «A Arte e a Literatura Fantásticas» que, em tradução de João Costa, a Arcádia acaba de publicar na sua Biblioteca de Bolso. Trata-se de uma aliciante e curiosíssima incur-

tas», diz ter em preparação o romance «A Pantera Negra Chorou».

Nestes textos escritos com o coração denuncia Simy Ezaguy, através da evocação sentida do passado, uma alma aberta à busca da beleza.

Com a devida vênua, transcrevo a última página do livro: o conto intitulado «Como os tempos mudam»:

«Quando criança, detestava a poesia. O romance era a fatalidade da inspiração que esperava na última página.

Aos treze anos considerava o mundo uma farsa, em que os delitos, dia a dia, me amedrontavam. Amigos não tinha, nem queria ter. Sentia-me cercada de mentiras, e cheguei a duvidar de que existisse Deus! A desconfiança em mim desorientava-me. Não compreendia o desprender duma lágrima, nem penas nem amarguras. A beleza do dia era como as luzes ao cair das tardes. A bravura era falsidade para alcançar o céu, no seu perdão.

Tudo me causava repugnância. Gritos, cantos de guerras. A humanidade convertida em diferenças à degradação. Não havia um espírito que não atraísse o que sentia, nem conseguia dizer o que aspirava. Quanta ilusão perdida no vazio de todo aquele tempo! Tormentas que matavam. Ex-plores (sic) que cegavam».

A FORÇA DO MUNDO

No seu livro «A Força do Mundo», agora publicado por Lelle e Irmão Editores, a autora, Dalila L. Pereira da Costa, inclui três meditações sobre o êxtase. Em seu entender, são condições que favorecem a vinda dum estado de êxtase: o silêncio, a imobilidade, a solidão e também a presença duma doce e brilhante luz do sol.

O MEU MUNDO

Simy Ezaguy publicou o volume «O Meu Mundo», que reúne mais de três dezenas de «contos realistas». A autora, que já nos oferecera «Ânsia de Viver» (também «contos realis-

EM 3 LINHAS

O prof. Edgar António de Mesquita Cardoso foi nomeado vogal do Conselho Superior de Obras Públicas e Transportes.

professor extraordinário do 4.º grupo (Ciências Jurídicas) da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

O dr. Vasco Pereira Bramão Ramos foi exonerado, com louvor, do cargo de secretário do sr. ministro dos Negócios Estrangeiros.

Assume o cargo de director do Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha o dr. João de Loureiro Saavedra Machado.

Foi nomeado o dr. Euclides Ribeiro, professor efectivo de Educação Musical da Escola Preparatória de Nuno Gonçalves, em Lisboa inspector do ciclo preparatório do ensino secundário.

Foi nomeado director do Observatório Astronómico de Lisboa o dr. António Joaquim Baptista dos Santos.

O dr. José de Oliveira Ascensão foi nomeado, por três anos,

O dr. Manuel Antunes Branco foi nomeado para exercer as funções de chefe do gabinete do sr. ministro das Corporações e Previdência Social.



EPÍLOGO FELIZ

Com o sorteio que foi realizado há dias, a Philips Portuguesa distribuiu 170 Certificados de Garantia total, que foram contemplar número igual de possuidores de televisores da marca Philips, tendo terminado desta forma o Concurso PHILIPS TeVer Toda a Vida, cuja mecânica foi largamente difundida neste jornal.

deliberou a Philips Portuguesa premiar com um magnífico automóvel um dos seus Agentes, cabendo a sorte ao senhor Joaquim Maria Martins da cidade de Lagos, que se deslocou agora a Lisboa para tomar posse do seu automóvel Opel Manta 1.9 de Luxo.

A entrega foi feita pelo senhor dr. Orlando Morbey Rodrigues, Administrador-Delegado da Philips Portuguesa, S. A. R.L. numa breve cerimónia a que assistiram, (na foto) a esposa e filha do premiado e alguns funcionários superiores daquela Empresa.

**Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira**

Break GS uma nova geração GS

Confort e Club são as duas versões do Break GS. A linha agrada. As características também, já que são as de uma nova geração do carro que conquistou 8 prémios internacionais. O Break GS beneficia igualmente de todos os recentes melhoramentos introduzidos na Berline. Espaço aumentado para bagagens e maior conforto para passageiros. A suspensão hidropneumática mantém-se inalterável, com o seu sistema de

correção automática em função da carga, que mantém constante a horizontalidade e a distância em relação ao solo, o que permite dispor permanentemente das mesmas condições de condução. Está ainda por descobrir melhor. O Break é bem uma nova geração de um carro de sucesso. Raul Solnado é da mesma opinião. Dirija-se ao Stand Citroën mais próximo, experimente-o e ele explicar-lhe-á porquê!



Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro. A vossa escolha Berline ou Break GS.

CITROËN ^ GS

Concurso para professores da universidade de Luanda

Seguiram para Angola os prof. Soares Abreu Lopes e Paulo Marques, da Escola Superior de Medicina Veterinária, e Pais de Azevedo, do Instituto Superior de Agronomia, que vão tomar parte nos júris para as provas de professores da Universidade de Luanda. É a primeira vez que tais provas se realizam na província de Angola, tendo os anteriores concursos sido efectuados na Metrópole.

ORQUESTRA GULBENKIAN: ÊXITO EM GRANADA

Obteve grande êxito o concerto que a Orquestra Gulbenkian, actualmente em digressão artística por Espanha, deu em Granada, para assinalar o 10.º aniversário das Juventudes Musicais daquela cidade.

O programa inclui o concerto para piano e orquestra KW 488, de Mozart e, na segunda parte, diversas obras clássicas e contemporâneas.

Dirigiu a orquestra o maestro titular Werner Andreas Albert, tendo actuado como solista a pianista Maria João Pires. As suas actuações receberam calorosa recepção, por parte da plateia e da crítica. Segundo a agência espanhola EFE, pianista e orquestra deram uma lição de elegância, qualidade e profissionalismo.

NÃO PODE ACEITAR-SE A IMPORTAÇÃO DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS INTERNACIONAIS

ESCLARECIMENTOS DO MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES E DO GRÊMIO DOS INDUSTRIAS DE TRANSPORTES EM AUTOMÓVEIS

A propósito do artigo «Camiónes estrangeiros paralisados na fronteira» que este jornal publicou recentemente recebemos um ofício do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis com os seguintes e oportunos esclarecimentos:

«Há muito que os países europeus institucionalizaram regimes sobre os transportes rodoviários internacionais com o objectivo de proteger as respectivas economias.

Nesta perspectiva dois aspectos principais se podem referir:

a) A utilização da infra-estrutura rodoviária de um dado país por camiónes estrangeiros corresponde a um encargo (conservação e reparação das estradas e obras de arte) para esse país. Como contra partida desses encargos costumam as Administrações Públicas aplicar impostos específicos aos veículos de matrícula estrangeira em circulação nas suas estradas. Ninguém fica surpreendido com esse facto pois tal prática está generalizada de há muito;

b) Um transporte internacional é um acto de comércio externo equivalente à exportação (ou à importação) de uma prestação de serviços. Como é evidente, será indispensável man-

ter um certo equilíbrio entre a importação de serviços representada pela entrega do transporte a um camião estrangeiro e a exportação representada pela realização do transporte num camião nacional.

Os transportadores estrangeiros têm vindo portanto a beneficiar dum regime excepcional, pois não só podiam efectuar livremente transportes de e para Portugal, como ainda não estavam sujeitos ao pagamento dos impostos específicos que oneram os transportadores nacionais, privados e públicos.

Por esta razão, o mercado dos transportes internacionais ficou dominado pelos transportadores estrangeiros uma vez que os transportadores nacionais tinham dificuldade em competir na medida em que, como se disse, suportavam maiores encargos — os devidos em Portugal e os exigidos nos outros países — e estavam sujeitos ao regime de autorizações.

do sobre as medidas a pôr em prática para a consecução desse objectivo, nos transportes internacionais e nos transportes internos.

Concluindo, pode afirmar-se que o regime promulgado para os transportes internacionais apenas nos colocou a par dos outros países europeus com os quais é possível negociar acordos bilaterais (como aconteceu já com a Espanha e a França) e não se opõe ao desenvolvimento dos transportes internacionais por estrada e muito menos ao movimento de integração europeia...

Foi dado, porém, um prazo suficiente para que os transportadores estrangeiros, directamente ou por intermédio dos seus representantes em Portugal, tivessem conhecimento do novo regime a que ficariam sujeitos.

Seria de esperar, assim, que, com um mínimo de antecedência, os pedidos das autorizações necessárias fossem gradualmente apresentados, de forma a que o início da aplicação do novo regime se pudesse processar sem especiais perturbações. Acontece, porém, que grande número de empresas que, no País, representam os transportadores estrangeiros, ficando na expectativa de ver o que viria a dar na prática o novo regime, não tomaram as providências que se impunham, pelo que, só vendo os veículos retidos nas fronteiras, se dirigiram à Administração, reclamando contra a situação criada e pedindo a sua resolução urgente. Em face de tal situação e para que o comércio externo português não sofresse prejuízos, imediatamente a Direcção-Geral de Transportes Terrestres se pôs em contacto com as autoridades aduaneiras, no sentido de se estabelecer um regime transitório que permitisse a entrada imediata dos veículos estrangeiros imobilizados nas fronteiras.

E portanto, manifestamente infundada a crítica feita quanto à actuação dos Serviços nesta emergência.

3. Outro aspecto a esclarecer é o dos reparos à exigência, constante dos arts. 58.º, n.º 4 e 62.º do Decreto n.º 45/72, de indicação, nos pedidos de autorização para a realização de transportes, de certos elementos que na prática se verificaria não ser possível fornecer. Seria esse o caso da indicação do «tempo de permanência previsto».

Todavia, o que se tem pedido é uma previsão aproximada desse tempo, razão por que nenhuma autorização deixou ou deixará de ser passada — ou haverá qualquer espécie de sanção — se a permanência real for diferente da prevista.

Aproveita-se, aliás, para esclarecer que, muito embora o caso concretamente referido não originasse quaisquer dificuldades, outras exigências feitas nas referidas disposições legais já o poderiam originar, como foi exposto à Direcção-Geral de Transportes Terrestres por empresas que se

não limitaram a ficar na expectativa. Em face desses reparos, e até que o alcance das novas disposições pudesse ser perfeitamente apreendido por todos os interessados, imediatamente a Direcção-Geral de Transportes Terrestres adoptou um procedimento transitório, mais flexível, que permitiu aos transportadores em questão obterem rapidamente as autorizações de transporte.

Por outro lado, está em funcionamento um esquema de contactos regulares entre os serviços centrais da Direcção-Geral de Transportes Terrestres e as delegações aduaneiras com vista a acompanhar, em pormenor, a evolução da situação e resolver dúvidas que se levantem.

RESPEITO NAS NORMAS INTERNACIONAIS

4. Ainda no referido artigo, refere-se a existência de uma contradição entre o regime recentemente promulgado — após longos anos em que fomos um dos raros países europeus que mantivemos uma situação de total liberdade de realização de transportes por empresas estrangeiras — e um movimento no sentido de uma integração europeia e de aproximação com o Mercado Comum.

A este respeito esclarece-se que o regime consagrado na nova lei não difere substancialmente do adoptado na generalidade dos países europeus.

Nesta matéria Portugal respeitou escrupulosamente todas as recomendações da Conferência Europeia dos Ministros dos Transportes, na qual temos participado activamente, conhecedores que tais recomendações são muito próximas das adoptadas no Mercado Comum.

5. Convém não ignorar que os transportadores nacionais deparam, frequentemente, com dificuldades, de ordem técnica e burocrática postas por outros países, não inferiores às que, pelos condicionalismos especiais atrás descritos, os transportadores estrangeiros apenas há dias têm tido em Portugal. Só uma escrupulosa observância de todas as regulamentações em vigor nos vários países permite aos nossos transportadores efectuarem transportes para os restantes países.

Os próprios transportadores estrangeiros, para chegarem à nossa fronteira, têm de obter autorizações para a realização dos transportes nos restantes países; haverá, portanto, algum fundamento para exceptuar esses transportadores — ou seus representantes — do cumprimento das formalidades exigidas pela nossa legislação?

Resta acrescentar que o Estado Português tem estado aberto à celebração de acordos bi ou multilaterais, conducentes a uma crescente liberalização dos transportes internacionais, dentro dos limites impostos pela defesa dos interesses nacionais que uma adequada política geral de transportes tem procurado preservar.

A leitura atenta dos preceitos legais publicados permitirá conhecer as bases em que funcionará o sistema instituído e o espírito que preside à sua aplicação. Se, no entanto, a leitura dos referidos preceitos não for suficiente para eliminar todas as dúvidas, poderão os interessados obter na Direcção-Geral de Transportes Terrestres todos os esclarecimentos suplementares que julgarem necessários.

AMBICIOSOS/AS?

Tem mínimo 5.º ano
livre tel.: 561763 hoje
das 18 às 20 h. e amanha
das 12 às 14 h.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Hígino Ferreira Neves S. João das Lampas ASSA-FORA

NOS OUTROS PAÍSES ACONTECE O MESMO

Em todos os países europeus (incluindo os do Mercado Comum) os transportes internacionais estão sujeitos continuamente, a autorizações prévias e a impostos específicos.

... UM FILHO COMO VOCÊ GOSTA

Filhos robustos; ossos rijos, bons músculos, dentes sãos... filhos alegres e saudáveis.

em cápsulas, o ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU «DIESE», é fácil de tomar.

em cápsulas, o ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU «DIESE», é um alimento puro, que concentra as poderosas vitaminas A e D

em cápsulas, o ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU «DIESE», estimula o crescimento, aumenta a resistência, protege o organismo, evita o raquitismo.

em cápsulas, o ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU «DIESE», é fácil de tomar, dá mais saúde a seus filhos... dá-lhe filhos como você gosta.

Peça ainda hoje qualquer das embalagens disponíveis:

50 cápsulas 25\$00
250 cápsulas 80\$00
500 cápsulas 150\$00

EM TODOS OS SUPERMERCADOS E BOAS CASAS DE ALIMENTAÇÃO

diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL
Av. da República, 46 - LISBOA 1



MANUEL LÚCIO NAS BELAS ARTES

Na Sociedade Nacional das Belas-Artes continua patente ao público e tem sido muito visitada a exposição de trabalhos do pintor Manuel Lúcio, que volta aos salões da Rua Barçata Salgueiro com uma colecção de dezoito quadros a óleo, nos quais se define a maneira própria e a sensibilidade do artista.

A foto mostra-nos uma das telas expostas.

EXPOSIÇÃO DE LUÍS VIDAL LOPES

Está patente ao público no Colégio Universitário Pio XII, até ao dia 29, uma exposição de pintura de Luís Vidal Lopes, cujo tema genérico é «Cavalos».

CERÂMICA EM EXPOSIÇÃO

O Director-Geral da Cultura Popular inaugurou no Palácio Foz uma exposição de trabalhos em cerâmica da artista Maria de Lourdes Castro, que estará patente ao público durante alguns dias.

Maria de Lourdes Castro tirou o curso de cerâmica na Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde actualmente lecciona, e obteve em 1967 o prémio «Manuel Brios», do SNI.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

Está patente ao público, até ao dia 28, na sede do Clube de Campismo de Lisboa, uma exposição de fotografia de Orlando Baptista, com passagem de «slides», na 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras.



EXPOSIÇÃO ROSA MENDES

O governador civil de Lisboa inaugura amanhã, pelas 16 horas, na Galeria Castilho, na rua Castilho, 13, uma exposição de pintura de motivos paisagísticos da artista Rosa Mendes.

VISITA GUIADA AO MUSEU GULBENKIAN

No próximo dia 26, pelas 18 e 30, realiza-se a terceira visita explicada às galerias do Museu Calouste Gulbenkian, que será orientada pelo pintor Eduardo Nery, versando o tema «Composição e Expressão na Pintura».

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA SOBRE LUANDA

A exposição itinerante «Luanda 1951-1971», organizada pelo Município de Luanda, encontra-se patente no átrio dos Paços do Concelho. O acto inaugural teve a presença dos presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa e da capital angolana.

A exposição, que vai percorrer as principais cidades da Metrópole, compreende dois grupos: o primeiro, composto por 12 painéis com aspectos panorâmicos de Luanda de 1951 e, comparativamente, as mesmas panorâmicas em 1971; e o segundo, formado também por 12 painéis com motivos fotográficos da vida da cidade.

RECEPÇÃO NA EMBAIXADA DE ESPANHA

A embaixada de Espanha oferece um beberete no dia 27, às 19 e 30, no Palácio de Párvia, em continuação da conferência sobre «As pinturas negras de Goya», que D. Xavier de Salas, director do Museu do Prado, proferiu às 18 e 30 do mesmo dia, na Fundação Gulbenkian.

APRESENTAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Realizou-se na F.I.L. uma apresentação dos novos modelos de máquinas agrícolas representados pela Divisão Agrícola de J.J. Gonçalves, Sucr., Comércio e Indústrias, S.A.R.L.

Presentes além do Secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vasco Leônidas, e de vários directores-gerais dessa Secretaria, inúmeras entidades oficiais ligadas à Lavoura e representantes dos órgãos de informação às quais foram apresentados os novos modelos de tractores DAVID BROWN com caixas de velocidades sincronizadas, e um novo 72 HP com caixa automática.

A nova linha de ceifeiras-debulhadoras CLAYSON da série 1500, encontrava-se também em exposição. Trata-se de máquinas de excepcional robustez, versatilidade e rendi-

DIÁRIO DE LISBOA

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prefeitos colegas: «Diário do Ribatejo», de Santarém; «Diário do Alentejo», de Beja; «Comércio do Funchal» e «Jornal do Fundão».

QUELUZ DE BAIXO:

CADA VEZ MAIS LONGE DA CIDADE

Entre Queluz de Baixo e Lisboa há uma distância que não é feita apenas de quilómetros, nem da diferença entre o aspecto provinciano do lugar, o carácter cosmopolita da cidade. Há uma distância feita de tempo. Tempo que se torna mais longo enquanto se espera, sem possibilidades de alternativa. Espera que se torna mais angustiante quando há um horário a cumprir. Quando existe na cidade, um emprego cuja entrada é marcada por um relógio cujos ponteiros não esperam.

Foi para encurtar distâncias que se criaram os transportes. Distância não apenas de espaço mas também de tempo. Mas os habitantes de Queluz de Baixo não sentem que essa intenção tenha sido muito conseguida em relação a eles. Utentes de transportes públicos, entendem que há qualquer coisa que falha em relação a eles.

PASSO DE BOI

A gente não se pode queixar de falta de transportes. Temos autocarros directos para Sete Rios, de 10 em 10 minutos, segundo reza aqui o horário das carreiras Eduardo Jorge.

E o sr. Manuel Figueira, porteiro numa empresa do centro

Texto de REGINA LOURO

de Lisboa, mostra-nos o horário com gestos bruscos.

Está a ver? Parece uma maravilha. Mas o que é que acontece? Até à Amadora não é muito mau, mas depois apanha-se um «empate» de trânsito que não queira saber. Na Estrada de Benfica, a camioneta segue atrás dos eléctricos a passo de boi.

A sra. D. Laura de Matos, funcionária pública.

Até agonia, com tantas paragens bruscas. E em vez dos 25 minutos da tabela, demora-se aí uns quarenta. Depois, ainda é preciso apanhar um transporte urbano e já se sabe como funcionam em Lisboa, a, nas horas de ponta. Com tudo isto, preciso de sair de casa com quase hora e meia de antecedência. E à tarde ao regresso, a mesma coisa...

Há quem recorra a outras ligações. As pessoas que trabalham na baixa preferem tomar o autocarro só até à estação de Queluz e ali apanhar o comboio para o Rossio. Ganha-se alguns minutos mas...

O serviço da CP não é tão rápido e eficiente que mereça a troca. Além disso, apanhar um comboio em Queluz, às oito e meia da manhã, é um desafio à capacidade respiratória. Morre-se entalado nas carruagens - queixa-se o sr. Carlos Amaral, empregado bancário na Rua do Ouro.

E além disso, fica mais caro - afirma ao lado o seu colega de trabalho, sr. Fernando Cândido. - As carreiras interurbanas dão correspondência ao metropolitano, por isso é mais económico utilizá-las. Para quem suporte viajar de metro.

COMODIDADE?

Há uma terceira possibilidade também com a concorrência de autocarro e comboio - o primeiro, de Queluz de Baixo a Caxias e daqui, a ligação com o Cais do Sodré, através

dos serviços da sociedade Estoril. Trata-se de um sistema que não tem muitos adeptos, pois implica um dispêndio de tempo consideravelmente maior. Quem prefere a comodidade (?) à rapidez, sujeita-se, contudo a esta modalidade.

Não tenho outro remédio - conta-nos a sra. D. Maria Lopes. - O meu trabalho é na Avenida 24 de Julho, e o comboio deixa-me perto. Já não tenho pernas para andar a pé. Demora-se muito tempo, mas paciência. O pior é o dinheiro que se gasta em transportes. Só daqui até Caxias são 5\$00 cada viagem. E mais a assinatura do comboio.

Mas não é só isso. As ligações entre Caxias e Queluz de Baixo tem uma periodicidade de 30 minutos. Nem sempre cumpridos...

É uma maçada. Quantas vezes não chego atrasada ao emprego sem culpa nenhuma. Claro que os patrões não atendem os atrasos dos transportes, só aos nossos. E já viu os autocarros que utilizam? Tão velhos que até as portas não querem abrir.

Vimos os autocarros. As portas enferrujadas. Os bancos a abrirem a meio. Trocar rapidez por comodidade? Mas que comodidade? Não se ganha com a troca, como disse um dos moradores de Queluz.

Tudo isto se passa entre um local dormitório da população e a grande cidade. Assim como entre muitos outros pontos cuja distância geográfica até nem é considerável. Tudo isto acontece a milhares de pessoas num tempo em que a psiquiatria revela a existência de um número crescente de patologias nervosas, provocadas pelas contradições do dia-a-dia. Tudo isto se passa como se não tivesse remédio. Em 1972, num tempo em que as viagens à Lua (até) já nem provocam espanto.

327493 TEATRO CAPITÓLIO

D. M/18 anos

HOJE

ESTREIA às 21.45 H.

A CASA DE BERNARDA ALBA

Sobre o texto de
Frederico Garcia Lorca
UM DOS MAIORES
ÊXITOS
DA TEMPORADA
PELA
★ COMPANHIA
DO TEATRO
EXPERIMENTAL
DO PORTO ★

«... Saudemos um acontecimento raro: este espectáculo coloca o nosso teatro na Europa, Contra ventos e marés»
Carlos Porto
(De «O Diário de Lisboa»)

«... um triunfo para a história do «Experimental». Um espectáculo que se aconselha, vivamente, a uma cidade só-frega de bons espectáculos...»
Manuel Dias
(De «O Primeiro de Janeiro»)

10 únicos dias - Sábado e Domingo às 16 h.

A RUA ALVES REDOL EM VILA FRANCA

De um alhandrense residente no estrangeiro, o sr. Luís Fernando Pereira de Carvalho, recebemos acerca do caso da «estranha» Rua Alves Redol em Vila Franca, ou seja, da oposição do nome do grande escritor, que entre nós encabeçou o movimento neo-realista, a uma via excêntrica daquela vila, uma expressiva e calorosa carta, da qual extraímos algumas passagens das mais significativas.

«Decisão infeliz?, precipitada?, proposta? Não sei. Mas que magoou e ofendeu, não há dúvida. (...) O essencial, para mim, nem é a questão da rua, mas a da expansão livre e honesta, tão ampla quanto possível, das obras de Alves Redol, que bem merecem ser levadas, mais do que a sua rua, ao coração do povo.

«(...) Se abaixo-assinados com milhares de assinaturas pedem que o nome de Alves Redol figure na placa de uma rua central de Vila Franca, e não em local retirado do centro do burgo, porque há-de a municipalidade obstar-se na sua negativa?!

DE UM LEITOR DE CHAVES

«Têm estas minhas palavras o fim de apoiar o artigo

de Urbano Tavares Rodrigues intitulado «Esta rua merece o nome de Alves Redol?». Já anteriormente me tinha pronunciado, numa carta que escrevi à «Vida Ribatejana», dizendo que ou se homenageava condignamente a memória do Homem integral que foi o Redol ou seria melhor aguardar a altura em que fosse possível prestar-lhe a homenagem justa. É preciso as pessoas terem uma certa grandeza de alma para reconhecerem a verdadeira estatura moral e intelectual de homens com quem não estão de acordo.» (José Luís Gonçalves - Chaves)

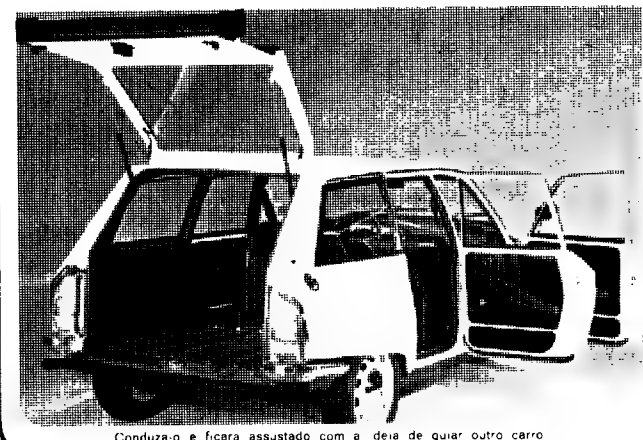
AFRONTA À MEMÓRIA DE REDOL

Com dezenas de assinaturas de comerciantes, industriais, artesãos e operários de Vila Franca, recebemos, dirigida ao nosso camarada Urbano Tavares Rodrigues, esta singela e curta mensagem. «Os abaixo assinados solidarizam-se com o v.º artigo no «Diário de Lisboa» que diz respeito à afronta feita à memória de Alves Redol, que legou ao povo português uma das maiores obras literárias da actualidade».

Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira

Break GS uma nova geração GS

A vossa escolha Berne ou Break GS



CITROËN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS

LUBRICAR

AGENTE CITROËN

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 7/7A
LISBOA



ASAHI
PENTAX

O SISTEMA FOTOGRÁFICO REFLEX
MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO



JÁ LEU
DL?



ENTÃO
LEIA-SE
OUTRA VEZ

ESTRADAS SEM CANTONEIROS

Nos últimos cinco anos a Junta Autónoma de Estradas perdeu cerca de 700 cantoneiros. Contudo, a situação parece agravar-se cada vez mais. As vagas numerosas estão por preencher e não há ninguém para as ocupar. Este delicado e complexo «beco sem saída», que afecta também vários outros organismos do País, deve-se principalmente à emigração, e, de certa maneira aos vencimentos (pequenos) não serem de molde a atrair. Cada cantoneiro dispõe, em

obreiros, hoje todos envelhecidos e gastos pelas ralações quotidianas, não acreditam em dias melhores. Eles mourejam diariamente, procurando apresentar «obra» decente e capaz. Com que objectivo? O cantoneiro acabará no futuro? Quem irá trabalhar sem benefícios compensadores? As maiores dificuldades de recrutamento de pessoal estão surgindo agora. Apenas cantoneiros com largos anos de serviço, queimados pelo sol agreste, sofrendo as incle-

mências do tempo, à espera da «santa» reforma e saturados da azáfama. Algures numa estrada do Ribatejo, um cabo chefe cantoneiro começou por nos dizer: *Não é uma vida grande coisa (coça a cabeça) os cabelos brancos, mãos calejadas, olhar lúcido, compenetrado). O ordenado é baixo em relação ao custo de vida (Pega na enxada para cortar as ervas da berma) levanta a cabeça devagar). Que quer que lhe diga, que esta vida é boa?* (Cospe nas

mãos, agarra de novo na enxada e leva-a com intuito de continuar o trabalho. No entanto, desiste. Fala gesticulando). *Nem o pessoal eventual aparece, só um ou outro velho, mesmo esses é difícil encontrá-los.*

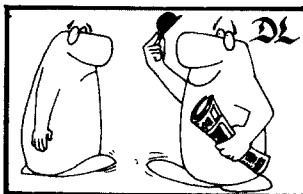
Ao lado do cabo, irmanados no mesmo trabalho, um cantoneiro com 23 anos de actividade. Escutá-mo-lo: *O nível de vida está a aumentar, está tudo caro, muito caro. Rosto enrugado e moreno, (do sol, «da praia da lezíria», dos dois consecutivos de torreira, comendo uma sopita, uma linguça com pão acompanhado de um copo na taberna mais próxima?). Sorriso seco e severo. Segurança nas palavras pronunciadas sem retórica. Diálogo espontâneo.*

O ordenado, cerca de 1800 escudos, é compensador? *Não dá para quase nada. Assim, daqui a meia dúzia de anos, não há ninguém, alguns não querem este serviço, preferem as fábricas, outros rapazes ficam, depois da tropa, em África, e muitos vão para a França*

Sessenta e sete anos, uma alegria (forçada) cigarro ao canto dos lábios, quatro filhos solteiros («um na guerra»), vida transitória, trabalho de agricultura, *de qualquer coisa para a família. Moro ali na vila. Antes de lhe fazermos qualquer pergunta, forneceu-nos toda a identificação, com um à-vontade como se estivesse já habituado a interrogatórios desta natureza. Jacinto, de seu primeiro nome. Cansado. Ganho uma média de 60 escudos.*

Os ignorados zeladores das nossas estradas foram unânimes em afirmar que «este trabalho é um passatempo.» A continuar assim a situação, os cantoneiros não terão a quem transmitir a sua arte. Há quem estudar um processo para os substituir, já que a evolução dos tempos não parece compadecer-se da sua especialidade. Quem (e como) resolve o seu problema?

O salário mensal dos cantoneiros de 2.ª classe é de 1.774\$00 e de 1.868\$00 não incluídos os descontos para despesas de fardamento e outros. Nem todos têm direito a habitação. Em 1965 existiam cerca de 2.500 e actualmente 1.800. Nestes números se inclui elevada percentagem de doentes, velhos e inválidos, aos quais a Junta Autónoma de Estradas continua a pagar o vencimento por inteiro.



Não há quem se interesse por esta profissão.



Os zeladores das estradas (envelhecidos) não têm a quem transmitir a sua arte, os novos ficam por África e partem para a França e Alemanha.

regra, de uma área (cantão) de cinco quilómetros, pela qual fica encarregado. Só pessoas bastante idosas prestam serviço actualmente, zelando pelas estradas conforme podem. A maioria, (com idade superior a 50 anos) mantém-se até à reforma, dado que já não tem possibilidades de conseguir outro emprego. Os mais novos recusam-se a prosseguir o trabalho iniciado pelos pais, preferem os grandes centros urbanos, a fábrica, os escritórios, as lojas. Realmente complicam-se as coisas. As dificuldades avolumam-se e os vencimentos dos cantoneiros não permitem fazer uma vida desafogada (pelo menos assim se justificam, queixosos. Encarregados do arranjo de certos remendos do alcatrão, cuidam ainda das bermas da estrada e do corte das ervas que crescem desalmadamente, estes



Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Diamantino da Silva, Rua Elias Garcia, 241-1.º. Esq.º AMADORA

Fim de tarde Em S. Bento

PAZ MANUEL DE AZEVEDO



Problemas que afligem as ilhas dos Açores foram levantados, no período antes da ordem do dia na sessão de ontem da Assembleia Nacional, pelo deputado Valadão dos Santos. Este, ao referir certos factores que têm gerado a emigração no arquipélago, acentuou: «Somos, actualmente, nos Açores menos 50.000 que há dez anos, quando devíamos, precisamente, ser mais 50.000, pois que estas ilhas têm em si mesmas, riquezas potenciais e ambientais suficientes para albergar todos, e todos viverem com aquele mínimo de dignidade indispensável a qualquer homem deste século. Somos muito menos e, depois, do pouco que foi dito, e do muitíssimo que haveria ainda a evidenciar, põe-se esta pergunta a nós próprios: Como é que esta gente não há-de ir procurar em terras estranhas e longínquas aquilo que a terra-mãe lhes negou, sobretudo, por culpa e negligência dos homens, que o mesmo é dizer, nossa?».

O deputado Miller Guerra, começando por recordar os acontecimentos ocorridos nos hospitais centrais de Lisboa no fim do ano passado, falou da demissão dos internos e da ocupação das direcções hospitalares por médicos militares. E acrescentou: «A crise foi atribuída pela maioria das pessoas conhecedoras, ao péssimo funcionamento dos hospitais, que vem de longa data, e, secundariamente, à falta ao teste referido. Outras pessoas, entre as quais figuram entidades superiores, capitularam o comportamento dos internos de agitação insubordinada, colocando em lugar subalterno as deficiências dos serviços hospitalares. Desta maneira inverteram-se as razões, apontando os médicos como primeiros culpados, deixando na penumbra os verdadeiros motivos. Segundo esta maneira de ver, os hospitais funcionavam bem, ou pelo menos, sem perturbarem a ordem estabelecida, e assim continuariam se não fosse a irrequietude dos internos do 2.º ano.»

O orador citou, a propósito, palavras há dias proferidas pelo secretário de Estado da Saúde, entre as quais a frase: «a insatisfação dos médicos internos, cuja concentração maciça nas enfermarias, falta de acompanhamento permanente e perda de critérios objectivos na

AGRICULTURA E EMIGRAÇÃO

A propósito da reportagem de «DL» intitulada «Ribatejo em crise por falta de mão-de-obra», publicada no dia 10, recebemos uma carta do nosso leitor, sr. Joaquim António Baltazar Lopes, residente em Nave, Sabugal (Beira Alta), que a seguir transcrevemos:

«Sou leitor assíduo do Jornal que V. Exa. dirige, o qual merece os meus parabéns pela atenção que tem vindo a chamar para os importantes problemas que nacionalmente nos preocupam.

Quero referir-me concretamente ao artigo intitulado «Ribatejo em crise por falta de mão-de-obra».

No citado artigo, chama-se a atenção para a gravíssima situação da agricultura em Portugal.

A este respeito permita-me que lhe apresente um exemplo bastante significativo. Sou originário de uma aldeia cuja população em 1960 se cifrava à volta dos 500 habitantes. Presentemente não possui 200, dos quais cerca de 65 por cento, têm idade superior a 50 anos e cuja mortalidade foi da ordem dos 15 por cento no ano trasacto. De salientar ainda, que mais de 30 por cento dos habitantes de idade inferior a 50 anos, são crianças em idade escolar, na sua maioria filhos de emigrantes, entregues aos cuidados dos avós e que completado o ensino primário, se reunirão aos pais, ou que procurarão outras condições de vida.

Nesta perspectiva, se a emigração e a mortalidade continuarem em ritmo idêntico à última década (e nada faz prever o contrário), teremos no fim de-

ta década, mais uma zona in-culta e menos uma aldeia no mapa.

Faltam condições de segurança nos serviços mecanográficos do I.N.E.?

Do sr. António Ferreira Marques, de Lisboa, recebemos a seguinte carta:

«Por me parecer tratar-se de matéria que à Imprensa interessa conhecer e ventilar e em que a sua intervenção num esforço de saneamento pode ser de muita utilidade para algumas dezenas de funcionários públicos, despojavos de meios eficazes de defesa, trago ao vosso conhecimento os seguintes factos ocorridos recentemente nos serviços mecanográficos do Instituto Nacional de Estatística, em Lisboa:

1. No dia 10 do corrente mês, a funcionária Ana de Jesus, perfuradora mecanográfica, sofreu forte choque eléctrico na máquina em que trabalhava. Teve de ser conduzida desmaiada, a um hospital. No dia 15, ainda não tinha podido retomar o serviço por se encontrar doente em consequência do acidente.

2. No dia 11, duas outras perfuradoras verificaram anomalias no funcionamento do equipamento que lhes está distribuído, provocadas por deficiente

EMIGRAÇÃO NOS AÇORES

apreciação final do seu trabalho, não os favorece para a obtenção daquilo que justamente pretendem: uma boa preparação profissional, complemento da do curso base, que os habilite a desempenhar a sua função extra-hospitalar com segurança e tranquilidade...

O dr. Miller Guerra, acentuando o significado das afirmações daquele membro do Governo, concluiu: «Não haveria sido mais correcto e útil ter aproveitado a crise para travar relações estreitas com os internos, ouvindo-lhes os reparos e as reclamações em vez de os demitir, ferindo-os desnecessariamente e a toda a profissão médica? Os métodos autoritários têm isto de mau: em vez de solucionar os problemas, esmagam-nos.»

Entretanto, esta intervenção foi contestada pelo deputado Salazar Leite, que numa série de interrupções afirmou, principalmente, que citar frases isoladas do discurso de um dirigente poderia ser uma forma de deturpar...

— Isso não lhe consinto - disse o orador. Estou a citar e não a deturpar.

O incidente terminou com uma intervenção do presidente, eng.º Amaral Netto.

O problema das transferências entre o Ultramar e a Metrópole serviu de base à intervenção do deputado Carlos Ivo, que criticou alguns aspectos, nomeadamente as restrições sobre transferências para turismo. «Será que uma ida para o Ultramar começa a representar, como em tempos idos, a ida para uma espécie de desterro?» - perguntou.

O dr. Almeida Cotta lembrou que a lei é recente e devemos esperar que venha a resolver certas dificuldades. O orador fez votos para que as esperanças do «leader» se concretizassem.

Entrou-se depois na primeira parte da ordem do dia, em que intervieram os deputados Miguel Bastos, Ribeiro Veloso, Moura Ramos e Peres Claro sobre as Contas Públicas, que aprovaram, fazendo geralmente referências elogiosas ao parecer do eng.º Araújo Correia.

Na segunda parte da ordem do dia, continuaram a discutir a revisão da Lei Orgânica do Ultramar os deputados Casal Ribeiro, Sá Viana Rebelo e Delfino Ribeiro.

Lembrando que na altura votou contra os Art.ºs 133 a 136 da alteração à Constituição, devido a «certas palavras», o deputado Casal Ribeiro explicou o seu actual pensamento: «Não vejo, portanto, e infelizmente, qualquer razão para modificar o ponto de vista então por mim expresso. Se a designação «Estados» é um título honorífico não se explica que, a par de gente decerto muito bem intencionada, não exultem com a designação - que, pelo menos na aparência, enfraquece o conceito da unidade sempre defendida e pela qual tem dado a vida, ou sofrido amputações terríveis, tão grande e generosa parte da juventude portuguesa - tantos e tão suspeitos elementos que pela nossa África já nem escondem o seu desejo de verem tornar-se em novos Brasis as portuguesíssimas províncias de Angola e Moçambique...»

Referindo-se à «intensa campanha» dos jornais «Le Figaro», «Le Monde» e «L'Express», acrescentou: «Tudo isto faz parte de uma luta contra Portugal, as forças armadas, as forças da ordem; a origem conhecemo-la! Descaradamente pretende-se envolver neste jogo lamentável pessoas que pela sua posição actual, pelo seu passado e, alguns, até pelo seu presente, só podem ser consideradas vítimas de calúnias, a necessitarem urgentemente de esclarecimentos inequívocos, para que sobre elas não pesem dúvidas pouco dignificantes! E eu pergunto: será este o momento de se largar de mão uma posição intransigente, embora em muitos aspectos evolutiva e, sobretudo, construtiva no Ultramar, dando assim a impressão que os nossos inimigos, refiro-me a todos os nossos inimigos, que alimentam as campanhas contra Portugal, ou delas fazem eco, têm razão, ou as suas teorias podem ser levadas em consideração? Continuo a perguntar se a designação honorífica de «Estados» não será um preço demasiado caro, uma interpretação demasiado perigosa, e que possa apenas servir para sustentar, ou sugerir, sonhos quiméricos? Felizmente que a posição do Chefe do Governo é bem clara, mas mesmo assim não será um risco criar ideias, externas ou internas, de um abrandamento, ou diferença de métodos, na luta pela defesa do Ultramar, ou que esta já não se põe com a mesma intransigência de há uns tempos atrás? Creio bem que sim, e é justamente isso que eu temo.»

O ponto de vista («dúvidas e apreensões») do deputado Casal Ribeiro foi apoiado pelo seu par Moura Ramos.



CONTRA O FADO

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

Desde pequenino, ia a dizer mas não é exacto, desde a adolescência, que detesto o fado. Gostava, todavia, do flamenco - cântico subterrâneo do orfismo andaluz - e do nostálgico hieratismo dos coros alentejanos. Quer dizer, não era propriamente contra a pobreza musical do fado ou contra a sua monocrónia que a minha sensibilidade se revoltava, mas contra a sua inserção (que hoje se me afigura irremediável) num contexto social profundamente reaccionário, de que ele me surge como o produto e o emblema nocturno, o sinal de decadência. Bem lá que as «letras» eram, e durante muito tempo continuaram a sê-lo, castiçamente, irresponsavelmente estúpidas, mesmo brancas, exalçando bebedeiras e proezas de faquistas, marialvi-ces e amores sentimentais (em que se caprichava na doce-amarga escravidão da mulher), não será decerto novidade. Apareceram os poemas do David Mourão-Ferreira cantados pela Amália, cuja voz era, de facto, como uma encarnação sangrenta da paixão - e o fado melhorou um pouco, mas porque se afastou da sua linha lamecha e servil, para celebrar, com outra dignidade, o *fatum* - e porque a intérprete, nesse tempo, era tão dotada, tão excepcional, que valia por si, impunha qualquer mercadoria vocal. Alguma coisa do mesmo género, aliás (selecção estética do texto, poder mimético, clareza dourada do canto) está acontecendo com Teresa Silva Carvalho. Mas não basta: na mata da banalidade bem-pensante, nos monólitos do machismo é que o fado viceja. E é precisamente quando parece, quando se finge popular, que o fado assume mais descaradamente o paternalismo da classe superior, o gozo na piedade, a lágrima tranquilizante, a falsa justiça e, porcaria das porcarias, o louvor da pobreza honrada. O que é preciso não é que haja pobres honrados: é que deixe de haver pobres e que todos se tornem, se possível, honrados. E que se dê, inclusive, a esta palavra um sentido novo, cívico, universal, arredado da ideia de mácula (mancha de sangue) e das virtudes mesquinhas da burguesia ou do falso povo.

Mesmo que um novo fado se propusesse cantar o povo-povo, orgulhoso do seu destino, mas consciente do seu aviltamento temporário, sem pegajosa bondade (complacência) nem caturrice amorada, duvido de que entre nós fosse possível aceitá-lo, tanto sarro vem já pegado aos seus acordes, tanta vergonha a rastejar na esteira dos seus tremidos e curvetas de alta-escola.

Ingratidão social

O tema das «Ingratidões Sociais», praticadas nas «pessoas morais e físicas de abnegados doadores de sangue», e, mais concretamente, no caso de Jaime Vilaverde, caldeireiro do Alfeite, objecto de um comentário publicado neste jornal, em 31-3-71, mereceu algumas considerações da nossa leitora, sr.ª D. Idália Fernandes Antunes, residente na Av. Gago Coutinho, nº 48-2º, Lisboa, que, pela sua clareza e objectividade, achamos oportuno transcreever.

«Leitora assídua do «Diário de Lisboa», apoio incondicionalmente o comentário assinado por Manuel Geraldo que, pleno de oportunidade, nos elucida sobre as «Ingratidões Sociais» praticadas em abnegados doadores de sangue: o caso do caldeireiro do Alfeite, Jaime Vilaverde, atesta plenamente a verdade deste juízo esclarecedor.

«Vilaverde dá o seu sangue e em troca (se acaso o sangue constituísse objecto de troca) apenas pretende que a sua filha, uma pequenina de dois anos, possa ser medicamentada, uma vez que o seu magro pecúlio já se encontra dramaticamente esgotado, devido a múltiplas consultas particulares.

«Tenho na minha frente dois boletins de «Totobola» e ambos ostentam anúncios de apoio aos espíritos altruístas, para que ocorram com o seu sangue em socorro daqueles que o solicitam urgentemente. «O seu sangue pode ser a vida duma criança» ou «O sangue que der hoje, pode ser-lhe útil amanhã».

«Li, meditei, e agora gostava de saber se os respon-

sáveis por tais anúncios ignoram (ou fazem por ignorar) os casos como o do caldeireiro do Alfeite. Anúncios para quê? Se nas sociedades insensibilizadas, dar ou vender o sangue, constitui dilema de fácil opção.

«Dar o sangue no Hospital de Santa Maria e receber «por tabela» uma recusa na pessoa de sua filha não será um caso típico de reverso de medalha?

«Slogans» como «O seu sangue pode ser a vida duma criança», postos perante a realidade dos factos, tornam-se frágeis como uma aposta simples do «Totobola» entre milhões de concorrentes».

Fundo de assistência para vendedores de rua

A propósito duma reportagem publicada no «Diário de Lisboa» do passado dia 9, recebemos do nosso leitor Leonel da Silva Dias, morador na Praca C (à Rua dr. Egas Moniz) lote 7, 4º Dt.º em Odivelas, a seguinte carta:

«Pregões alegres escondem dramas» é o título do artigo inserido no D. L. de 9/4/72 que me comoveu e motivou a escrever esta carta que pode ser publicada se for útil fazê-lo.

Por diversas vezes tenho observado que os vendedores ambulantes, homens, mulheres e crianças, também trabalham e vivem duma existência duramente humilde, muito inferior aos padrões considerados normais.

Não obstante, a cidade devesse o pitoresco que eles em prestam com os seus pregões, o colorido e a diversidade das cores e formas dos artigos que

vendem e expõem por essas ruas fora.

Lisboa deve aquilo que os turistas devem em fotos em filmes com os vendedores servindo de fundo ou de primeiro plano, consoante o gosto. São eles um fulcro de atenção, são a parte bizarra da cidade, o contraste que o turista sequioso de motivos originais fixa nas imagens colhidas pelas suas câmaras para se recriar.

Seria justo orientar os vendedores ambulantes válidos para trabalhos cuja remuneração fosse mais lucrativa e aos que restassem, por não terem capacidade para outras funções, poderia criar-se um fundo de assistência para a invalidez, doença ou velhice, compartilhado pelo Município e Turismo de Lisboa. É uma ideia viável? - Oxalá seja e se concretize tendo Lisboa por pioneira.

MORTO POR UM COMBOIO

AVEIRO, 21 - Foi encontrado junto ao cais de embarque da estação de Cacia, o corpo de um homem morto pelo rodado de uma composição.

Trata-se do 1º cabo miliciano da Escola dos Serviços de Materiais do Entroncamento, Joaquim Benjamim de Moura Gonçalves, de 22 anos, natural da freguesia de Cedofeita, e residente em Aguas Santas, concelho da Maia.

Cumpridas as formalidades legais, o corpo foi removido para a casa mortuária do cemitério central de onde, após a autópsia, sairá o funeral.

Ensaie o Break GS com Raul Solnado e ganhe viagens a Paris, Londres e Madeira

Break GS uma nova geração GS

A vossa escolha Berline ou Break GS



CITROËN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS

SOVENDO AGENTE CITROËN

AV. INFANTE SANTO, 15 A

LISBOA



JUGOSLÁVIA: REFORMA CONSTITUCIONAL

BELGRADO, 21 — (F. P.) A Jugoslávia entra agora na segunda fase da sua reforma constitucional de 1971 que põe em vigor uma importante descentralização das suas estruturas federais. A ideia principal desta fase é fazer da autogestão uma realidade não somente económica mas também política. Teóricamente, a concepção apoia-se na teoria do «depercimento do Estado» em benefício da actividade directa do cidadão. Uma comissão parlamentar está a redigir os textos constitucionais reunida em Brioni com a presidência de Edvard Kardelj, o grande teórico do socialismo jugoslavo, e que já presidirá à reforma constitucional de 1971.

EUBA: INQUÉRITO SOBRE INVASÃO

SÃO JOSE DA COSTA RICA, 21. — (F. P.) O presidente da Costa Rica, José Figueres, ordenou um inquérito aos preparativos que, segundo consta, grupos anticomunistas estão a fazer para uma invasão de Cuba. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Gonzalo Fazio comunicou que foi o Departamento de Estado norte-americano que informou o Governo costarricense desses preparativos, na altura da realização da recente assembleia da OEA.

HOSPITAL: OITO MORTOS NUM INCÊNDIO

DUEREN (ALEMÂNHA OCIDENTAL), 21 — (R.) Oito internados morreram quando um incêndio alastrou a noite passada no primeiro andar de um hospital de psiquiatria desta cidade, perto de Aachen, segundo revelou hoje a Polícia.

Um informador disse que os oito doentes morreram aparentemente intoxicados com o fumo. Foram encontrados nos leitos, no chão e nas casas de banho.

Os 22 doentes do hospital foram salvos e acrescentou.

BERLIM: HEINEMANN SEM PROTESTO

BERLIM, 21 (F.P.) Está desde ontem em Berlim-Oeste o presidente da República da Alemanha Ocidental, dr. Gustav Heinemann, que veio proceder à condecoração do burgomestre Klaus Schuetz, com a grã-cruz da Ordem do Mérito.

A República Democrática Alemã (RDA) registou a visita mas não apresentou protesto, ao contrário do que é habitual.

Apolo-16: apenas duas saídas para a superfície lunar

HOUSTON, 21 (F.P. e R.) Apenas duas saídas lunares, uma permanência na Lua não excedendo, na melhor hipótese, 65 horas, descolagem do módulo lunar avançada, é no que vai resultar o atraso de cinco horas e 42 minutos na alunagem do módulo Orion.

Tais foram os pontos importantes da conferência de Imprensa da equipa no solo realizada ontem à noite (hora local) no Centro Espacial.

Rocco Petrone, director do programa Apolo, o general James McDill, astronauta, director do programa de construção das naves Apolo no Centro Espacial de Houston, Gerry hoje director do voo durante 15 horas e o astronauta da Apolo-15 James Irwin, que manteve o contacto até à alunagem com John Young e Charles Duke, responderam a numerosas perguntas dos jornalistas.

A alunagem atrasada do Orion impõe, com efeito, uma revisão de todo o programa: encontros, permanência na Lua dos dois astronautas, duração da órbita em volta da Lua no fim da missão na cratera Descartes. Uma massa impressionante de dados a reinserir nos ordenadores. Uma multidão de decisões

a tomar em virtude de não se querer «perder demais» quanto à colheita de informações e de amostras de rochas lunares que se esperava da missão.

Tudo isto vai ser repensado enquanto Young e Duke dormem na Lua.

ALEGRIA

Quando o Orion pousou suavemente na superfície lunar, os astronautas Young e Duke deram um grande grito de alegria.

«O velho Orion encontra-se finalmente aqui, Houston. Fan-tás-ti-co», gritou Duke, cheio de alegria.

Contudo a demora no desembarque, causada por problemas com o sistema de orientação de apoio, a bordo da nave de comando Casper, significou o cancelamento de um dos seus programados passeios lunares e havia a possibilidade de toda a missão ser encurtada dois dias.

PASSEIO

Os orientadores da missão afirmaram que era provável que os astronautas iniciassem a sua primeira excursão nas montanhas da região da cratera de Descartes, onde o Orion desem-

barcou, por volta das 10 e 30 horas de Houston (17 e 30 de Lisboa).

Young e Duke, no módulo de desembarque lunar Orion, permanecerão na Lua até domingo, quando porão em funcionamento novamente o LEM para fazerem a acoplagem com o módulo de comando Casper, onde se encontra Ken Mattingly.

Contudo, o dr. Rocco Petrone, director do programa Apolo, afirmou que planos para os três astronautas descreverem órbitas em redor da Lua, durante dois dias, para tirarem fotografias e realizarem outras experiências, serão revistos.

A opinião geral era, porém, que o comando da missão julgava preferível tentar fazer com que os astronautas regressassem o mais depressa possível à Terra.

Após saírem hoje do Orion, os dois astronautas o nono e o décimo seres humanos a pisarem a superfície lunar iniciarão experiências científicas, descarregarão o seu veículo de locomoção lunar, tirarão fotografias e principiarão a recolher as primeiras amostras de pedras das planícies Cayley, que se encontram juncadas delas.

Nova batalha naval em Tonquim

SAIGÃO, 21 (F.P. e R.) — Um navio de guerra norte-vietnamita abriu fogo contra o contratorpedeiro americano «Benjamin Stoddert», ontem, ao fim da tarde, no Golfo de Tonquim — informou hoje, em Saigão, o alto comando americano.

Outro navio de guerra americano, o contratorpedeiro «Lloyd Thomas», afundou um barco comunista não identificado, após breve luta.

Os navios americanos estavam em missão de bombardeamento ao largo da costa norte-vietnamita. Nenhum deles foi atingido, — diz o comando americano.

Foi a primeira vez que navios norte-vietnamitas foram os primeiros a disparar sobre navios americanos desde o início da ofensiva.

Os anteriores contactos com as rápidas lanchas torpedeiras norte-vietnamitas foram até agora iniciados pelos barcos americanos que disparavam sobre as lanchas assim que as avistavam.

Ontem à noite foi anunciado que o contratorpedeiro «Hamner» abriu fogo na segunda-feira contra duas lanchas norte-vietnamitas, afundando uma e danificando outra.

AVIÕES ABATIDOS

O comando americano anunciou por outro lado, que um aparelho Phantom foi abatido hoje cerca de 170 quilómetros

a sul de Hanói, mas que os dois tripulantes foram salvos pouco tempo, depois de terem saltado em pára-quedas.

Os dois tripulantes de outro «Phantom», que se despenhou ontem por razões desconhecidas, foram dados como desaparecidos.

Hanói declarou, numa emissão radiofónica captada em Saigão, que cinco aviões americanos tinham sido abatidos ontem a sul do paralelo 20.

O comando americano recusou-se a fazer comentários a este respeito, dizendo que, por princípio, não discutia as informações de Rádio-Hanói.

SEIS VIDAS POR UMA

Entretanto, soube-se em Saigão que bombardeiros gigantes B 52 e grande número de aviões menores foram utilizados para impedir que um coronel aviador americano caísse em poder dos norte-vietnamitas.

As buscas para o salvar e as operações de socorro foram as mais importantes de toda a guerra. Duraram onze dias e custaram a vida a seis militares americanos.

O coronel Icaal Hambleton, de 53 anos, fazia um voo de observação na zona desmilitarizada, quando o seu aparelho foi abatido pelos norte-vietnamitas. O coronel teve de saltar em pára-quedas ao norte de Dong Ha Te, numa região com muitas tropas inimigas. Ao tocar em

DIPLOMATA ALEMÃO EXPULSO DA GRÉCIA

ATENAS, 21 (R.) O Governo grego pediu que seja retirado o Embaixador alemão em Atenas, Peter Limbourg, a quem acusa de ter organizado a fuga de um preso político grego para o estrangeiro.

Um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros refere-se à saída do país do professor George Mangakis, no sábado, poucas horas depois de ter saído da prisão em liberdade provisória.

Na terça-feira o Governo grego já tinha apresentado à Embaixada Alemã uma nota de protesto, pedindo explicações a Herr Limbourg pelo auxílio dado a Mangakis que lhe permitiu sair do país quatro horas depois de ter sido posto em liberdade provisória por motivos de saúde quando cumpria uma pena de 18 anos de prisão.

OS ESTRAGOS DA CEE

Os adversários do Mercado Comum em Inglaterra tinham uma certa razão quando diziam que a adesão do país à Comunidade Económica Europeia só traria problemas: ainda o Reino Unido não entrou na CEE (a adesão formal está prevista para 1 de Janeiro do próximo ano) e já o Euromercado causa estragos. O partido Trabalhista, na oposição, encontra-se dividido e as consequências da adesão na política interna inglesa poderão tomar a forma de profundas alterações partidárias. Mas, para já, não há dúvida que a questão europeia adquire uma projecção que os partidários da unificação pelo actual processo não esperavam tão cedo.

O debate sobre o Mercado Comum pôs frente a frente no Labour Party o chefe do partido e ex-primeiro-ministro, Harold Wilson, e o chefe adjunto e seu rival em potência, Roy Jenkins, que acabou por abandonar aquelas funções, no que foi seguido por outros elementos do «gabinete sombra», em sinal de protesto contra a política anti-CEE adoptada pelos trabalhistas. O resultado imediato foi o enfraquecimento da posição dos adversários do Euromercado na Câmara dos Comuns, numa altura crucial para impedir a ratificação do acordo de adesão, malogrando-se uma dupla tentativa para impor um referendo acerca da entrada no Euromercado e para obter a antecipação das eleições gerais, que devem efectuar-se em 1973. A seguir, uma sondagem à opinião pública mostrou uma baixa de popularidade que fez diminuir a vantagem dos trabalhistas sobre os conservadores no poder.

Na base das dissensões no Labour encontra-se a «inconstância» de Wilson, que, em tempos, foi adepto da entrada no Mercado Comum, mas, depois da derrota eleitoral de há dois anos,

se tornou um adversário irreduzível da «europeização» da Grã-Bretanha, ameaçando mesmo retirar o país do Mercado Comum se voltar ao poder.

No lado «tory», a posição do primeiro-ministro Edward Heath, assoberbado com a resistência oposta pelos trabalhadores à sua



NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

política social e económica, é agora menos desconfortável, na medida em que a oposição está enfraquecida e o chefe do governo mais facilmente pode neutralizar a minoria conservadora anti-CEE. E se Heath conseguir concretizar a adesão, o Partido Trabalhista terá de rever drasticamente os seus objectivos, abandonando aquilo a que o socialista liberal Jenkins classificou de «oportunismo» de Wilson, o que significará que o chefe do Labour, transformado em símbolo das forças reacçãoárias do passado da insular Inglaterra, orgulhosamente só, passa a ser um alvo particularmente vulnerável.

A "liberdade dos céus" pedida para os "charters"

MADRID, 21 (FP) Os 500 participantes no primeiro congresso mundial de transportes aéreos e de turismo separaram-se ontem em Madrid, propondo a reunião da conferência internacional «destinada a garantir aos voos Charter» a «liberdade dos céus».

Os participantes no congresso adoptaram uma série de recomendações reclamando, nomeadamente que o «transporte aéreo por Charter possa desenvolver-se livremente para corresponder às necessidades do público, sem restrições injustificadas».

Proclamando o direito do passageiro a «deslocar-se sem limitações arbitrarias»,

lançaram um apelo à IATA para que admita representantes das associações de consumidores. Fervorosos defensores do turismo de massa pediram para os preços das passagens aéreas passarem a ser calculados em função do seu custo real.

No entanto, estas recomendações devem permanecer letra morta durante certo tempo, pois tanto a IATA como os grandes transportadores aéreos internacionais se recusaram a participar neste congresso.

A maior parte dos congressistas era constituída por responsáveis de viagens, de grupos hoteleiros, de companhias de transportes e por representantes de associações de consumidores.

ISABEL II: 46 ANOS

LONDRES, 21 (FP) Duas salvas de artilharia, disparadas de Hyde Park e da Torre de Londres, assinalaram hoje o quadragésimo sexto aniversário da rainha Isabel, que decidiu passar o dia em família no castelo de Windsor.

O chanceler da República Federal Alemã e a sra. Brandt foram os primeiros a dar ontem à noite os parabéns à soberana no jantar que a rainha e o príncipe Filipe lhes ofereceram, o casal Brandt ofereceu um presente de aniversário à rainha: um par de binóculos, testemunho da perfeição óptica alemã.

O chefe do Governo federal e a sra. Brandt foram hóspedes da família real a noite passada e ocuparam os apartamentos onde a rainha Juliana e o príncipe Bernardo da Holanda estiveram a semana passada.

A responsabilidade Civil dos Médicos e o Seguro

Organizada pela Secção Portuguesa da Associação Internacional do Direito dos Seguros (A.I.D.A.) e sob a presidência do Prof. Doutor Adelino da Palma Carlos, realiza-se na próxima segunda-feira, dia 24, às 21,30 horas, no Hotel Tivoli, a primeira de uma série de palestras destinadas à análise de alguns dos mais importantes problemas do Direito dos Seguros, conferências estas que, pelos temas escolhidos, interessarão não só juristas e técnicos como também vastos segmentos do Público em geral.

Abrendo este ciclo, o Dr. José Carlos Moitinho de Almeida, Adjunto do Procurador da República e um dos nossos principais especialistas da matéria, falará sobre «A Responsabilidade Civil dos Médicos e o Seguro», tema este que tem suscitado, em quase todos os países, o mais vivo interesse, dando lugar a variada produção nos planos da investigação, legislação e jurisprudência. O Dr. Moitinho de Almeida abordará primeiro os vários aspectos da profissão de

médico susceptíveis de o fazerem incorrer em responsabilidade civil, designadamente a falta geral de cuidados, o erro de diagnóstico, na aplicação de tratamentos e nas intervenções cirúrgicas, a negligência na passagem de certificados, a conduta culposa de auxiliares ou substitutos e a recusa da prestação de socorros. Em seguida, ocupar-se-á da forma como esta responsabilidade poderá ser objecto de seguro.

A entrada é livre, embora a lotação seja limitada.

NOS COMUNS: deputados trabalhistas pedem incremento de vigilância ao porto da Beira

LONDRES, 21 (R.) — O subsecretário parlamentar para a Defesa, Peter Kirk, disse ontem que os navios-patrolha ingleses ao largo do porto da Beira, na Província Ultramarina de Moçambique, realizaram durante o corrente ano uma única intercepção, que coincidiu precisamente com o petroleiro português «S. Mamede», em 17 de Março findo.

O subsecretário estava a ser

interrogado na Câmara dos comuns pelo deputado trabalhista Frank Judd, que acabou por dizer que contrariamente a certo cinismo, o patrulhamento britânico tem conseguido os seus objectivos de fazer cessar o afluente de petróleo através do oleoduto Piere para a Rodésia separatista.

O subsecretário Kirk concordou com esse ponto de vista mas

declinou informar quantos homens, navios e aviões estão presentemente envolvidos no patrulhamento, limitando-se a frisar: «não se afigura prático fornecer pormenores sobre o modo operacional, mas posso dizer que o patrulhamento ao porto da Beira tem variado para poder providenciar circunstâncias sempre modificadas».

O deputado Judd e um outro deputado da oposição, Ernest Fernyhough, que fizeram bastante pressão para que o Governo dê garantias de que o patrulha-

mento será mantido se actuais movimentos para porem termo à disputa sobre a independência da Rodésia se malograrem.

O deputado trabalhista Judd disse que se necessário o patrulhamento deve ser alargado a fim de se fazerem todas as pressões possíveis.

O subsecretário parlamentar para a defesa Peter Kirk respondeu-lhes que isso é um assunto que compete exclusivamente a sir Alec Douglas-Home, ministro dos Estrangeiros e do Commonwealth.

O GOVERNO AMERICANO JUSTIFICA OS BOMBARDEAMENTOS NO VIETNAME

WASHINGTON, 21 (FP)

O presidente Nixon, que continua a seguir a evolução da situação militar no Vietname, não se encontra preocupado com as resoluções adoptadas pelo grupo democrata da Câmara dos Representantes, resoluções que condenam simultaneamente os bombardeamentos de Hanói e Haiphong, e a invasão do Vietname do Sul por parte do exército Norte Vietnamita.

O texto das resoluções era «previsível» e ao mesmo tempo é «um pouco contraditório», declarou esta tarde o porta voz da Casa Branca, Ronald Ziegler. «Ninguém duvida que a iniciativa americana é uma resposta à invasão norte-vietnamita. Os Estados Unidos fizeram apenas o que o presidente tem repetido há mais de três anos», acrescentou.

Efectivamente o presidente Nixon nunca escondeu que os Estados Unidos recorreriam a

tudo o seu potencial bélico, se o Vietname do Norte tentasse aproveitar da retirada americana da Indochina para intensificar as hostilidades.

«O raciocínio americano é muito simples», disse Ziegler. O Vietname do Norte invadiu o Sul. E um facto inegável. Os sul-vietnamitas defendem-se e os Estados Unidos ajudam-nos do modo que sempre lhes prometeram que os ajudariam. Fazemo-lo por necessidade e não por amor ao exército sul-vietnamita».

O porta voz da Casa Branca declarou, por outro lado, que não era ainda conhecida, nem a data, nem o conteúdo da alocação presidencial sobre a retirada americana do Vietname. Daqui até ao dia 1 de Maio os efectivos americanos deviam ser fixados em 69000 homens. No entanto, aguarda-se agora as eventuais decisões do presidente Nixon.

A ROMÊNIA PROVÁVEL MEDIANEIRA PARA O MÉDIO-ORIENTE

JERUSALEM, 21 (R)

A sra. Golda Meir, primeiro ministro de Israel, fará uma visita oficial sem precedentes a Bucareste em princípios do próximo mês de Maio, o que faz aumentar as especulações sobre uma possível iniciativa romena de paz para o conflito do Médio Oriente — foi anunciado em Jerusalém.

A declaração sobre a visita de Golda Meir a Bucareste segue-se à visita oficial feita ao Cairo no mês passado pelo presidente da Roménia, Nicolae Ceausescu. O «leader» romeno foi nessa altura calorosamente recebido na capital egípcia e teve várias conversações com o presidente Anwar Sadat.

O convite para a sra. Golda Meir visitar a Roménia deve ser uma consequência das conversações de Ceausescu no Cairo, de acordo com especulações da imprensa de Jerusalém.

A visita da sra. Meir à Roménia — o único país da Europa de Leste que não cortou relações diplomáticas com Israel, durante a guerra dos seis dias, em 1967 — tem outra curiosidade: será feita vários dias antes da deslocação a Moscovo pelo presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon.

Segundo uma teoria posta a circular em Jerusalém, o presidente Ceausescu está convencido de que todas as outras iniciativas de paz para o Médio Oriente se malograram incluindo o plano apadrinhado pelos americanos para uma solução

provisória baseada na abertura do Canal de Suez.

As entidades oficiais israelitas não fizeram comentários a respeito de quaisquer esperanças para as conversações de Bucareste. Mas o ministro dos Estrangeiros, Abba Eban, disse pensar que as conversações serão úteis, e frisou que a Roménia goza da confiança tanto dos países árabes como de Israel.

Também se tecem especulações, em Jerusalém, do movimento romeno ser apoiado pela União Soviética, aventando-se a hipótese de que, se as conversações de Bucareste conseguirem traçar alguns planos ou indicações positivas para uma solução no Médio Oriente, os russos ficarão, automaticamente, aptos a debaterem esses planos ou indicações para a paz quando o presidente Nixon se deslocar a Moscovo.

Contrariamente às atitudes de outros países do bloco comunista, e até mesmo por vezes quase num desafio directo às directivas do Kremlin, a Roménia tem mantido estreitas ligações com Israel, aumentado relações comerciais e outras e retraindo-se geralmente a juntar-se às severas condenações feitas a Israel, pela União Soviética, e outros países comunistas do Leste.

Por outro lado, deve notar-se que as relações da Roménia com o Egipto e com outros países árabes do Médio Oriente são também bastante amigáveis.

UM FURACÃO AMEAÇOU O QUEEN ELIZABETH II

LONDRES, 21 (R) — O transatlântico «Queen Elizabeth II», pertencente à Companhia de Navegação Cunard, foi ontem forçado a parar durante 24 horas, a meio do atlântico devido a condições de tempo muito perto de ventos à velocidade de furacões — segunda anunciou a companhia armadora.

O transatlântico, que desloca 65000 toneladas, partiu de Nova Iorque no passado domingo, e devia estar amanhã em Southampton, Inglaterra, mas um porta-voz da Cunard disse que agora só chegará no domingo de manhã, frisando que é a maior demora verificada há muitos anos com um transatlântico da companhia.

Após a paragem, o bom tempo voltou a o «Queen Elizabeth II» pôs-se de novo a caminho, mas teve que ser cancelada uma escala programada para o porto de Cherburgo, na França.

O porta-voz informou que não foram anunciados prejuízos graves a bordo, e pensa-se que o comandante mandou parar o navio para minimizar o desconforto aos 1200 passageiros.

Entre os passageiros encontram-se várias personalidades de destaque, nomeadamente os artistas de cinema Robert Wagner e Natalie Wood, que já foram casados e que actualmente estão divorciados. Diz-se que os dois artistas viajam juntos.

Auxílio aos movimentos de libertação

KAMPALA, 21 (R) — O ministro dos Negócios Estrangeiros do Uganda, Wanume Bibedi, anunciou uma campanha de recolha de fundos, destinados aos Movimentos Africanos de Libertação.

Falando numa conferência de imprensa, o ministro disse que o Governo achara aconselhável que a população do Uganda tivesse oportunidade de mostrar a sua solidariedade com os movimentos de libertação, ao mesmo tempo que o comité de liber-

tação da O. U. A. se reúne aqui no próximo mês.

Bibedi acrescentou que, todo o dinheiro recolhido durante essa campanha, será entregue à comissão de Libertação, na sua sessão de abertura, a 15 de Maio.

Essa será uma contribuição do próprio povo do Uganda, para além da contribuição feita pelo Governo, salientou o ministro, e anunciou várias iniciativas, incluindo um jantar de beneficência, e um jogo de futebol.

GRÉCIA: Sexto ano de governo militar e disputa diplomática com a Alemanha

ATENAS, 21 (R) — A Grécia inicia hoje o seu sexto ano sob governo militar, sem perspectivas de um regresso em breve à democracia parlamentar.

O primeiro ministro George

ro ministro. A revolução criara condições de paz e segurança permanentes internas por meio de sua política nacional, social, económica e externa notou Papadopoulos.

Em contraste, chefes oposi-



Os dirigentes gregos George Papadopoulos e Stylianos Pattakps (ao centro) durante as comemorações do quinto aniversário do golpe dos coroneis, em 1967. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Papadopoulos, o mais forte dos coroneis que ocuparam o poder em Abril de 1967, entrenchou-se numa posição de firmeza incontestada.

Numa mensagem ao povo grego, assinalando o quinto aniversário do golpe de estado do exército, o primeiro ministro e regente, de 52 anos, afirmou que a Grécia era governada hoje de uma forma exigida pelas suas necessidades nacionais.

As grandes nações possuíam margens para suportarem o luxo da desorganização e agitação, mas os pequenos países, como a Grécia, não dispunham de tais margens — prosseguiu o primei-

resistência simbólica, tem diminuído gradualmente.

Isso poderá ser o resultado da política de Papadopoulos de permitir que dirigentes da resistência partam para exílio voluntário no estrangeiro, enquanto membros de menor importância cumprem penas severas sentenciadas por tribunais militares.

O exemplo mais recente foi a libertação temporária, devido a razões de saúde, do professor George Mangakis, que foi condenado a 18 anos de cadeia, em Abril de 1970, por conspirar para derrubar o regime militar.

A fuga subsequente do professor Mangakis da Grécia, no sábado passado, a bordo de um avião militar alemão ocidental, teve como resultado uma disputa diplomática que culminou com a exigência grega para o embaixador da República Federal Alemã, Peter Limbourg, ser chamado.

Um comunicado emitido a noite passada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros acusava o embaixador de organizar a fuga em violação dos direitos soberanos da Grécia, da lei internacional e da Convenção de Viena governando o estatuto dos embaixadores.

O incidente Mangakis reflecte a incertidude política do regime cinco anos depois de arrebatado o poder a políticos profissionais.

Não é ainda claro qual o papel que o embaixador desempenhou na fuga e se os coroneis não soberaram realmente dela.

O incidente podia demorar ainda mais o recomeço de auxílio militar directo da Ale-

manha Ocidental e abrandar os investimentos de países do Mercado Comum, principalmente da República Federal Alemã.

A força externa do primeiro ministro Papadopoulos continua a vir principalmente do apoio dos Estados Unidos.

Cehgou-se a um acordo preliminar para conceder facilidades de acomodação no Pireu, o porto de Atenas, ao pessoal de navios da 6ª Esquadra americana.

Internamente, o regime parece dirigir-se para uma questão constitucional acerca do futuro do jovem rei Constantino, que fugiu do país após o seu malfadado contra-golpe de estado em Dezembro de 1967.

O primeiro ministro Papadopoulos, que assumiu recentemente a regência, favorece, segundo se anunciou, a proclamação de uma república, com ele próprio como presidente perpétuo e o Exército como garantia contra sublevação política.



O Embaixador Alemão Peter Limbourg cuja chamada a Bonn foi pedida pelo governo grego. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Gaza pede ajuda da O.N.U.

CIDADE DE GAZA (FAIXA DE GAZA: OCUPADA POR ISRAEL), 21 — (ANI) — O presidente do município da cidade de Gaza emitiu um comunicado pedindo às Nações Unidas que assumam a administração da faixa de Gaza devido ao plano de Israel para a anexar.

«Protestamos vivamente contra as constantes declarações do ministro (sem pasta de Israel) Galili, anunciando a inseparabilidade de Israel da faixa de Gaza» — afirmou Rashid A-shawa.

«No seguimento dessas declarações oficiais, julgamos dever existir uma a nossa própria existência está a ser posta seriamente em perigo» — prossegue A-shawa, numa das declarações mais violentas jamais emitidas por um dirigente árabe em território ocupado por Israel.

«Por conseguinte, não temos outra alternativa senão pedir às Nações Unidas que acorram em nosso auxílio e nos proteja assumindo a administração da nossa pátria ocupada até que seja posta em execução a resolução 242 do Conselho de Segurança» — diz mais adiante.

A-shawa pede às Nações Unidas que «assegurem o direito sagrado e eterno à auto determinação» dos 400 mil habitantes da faixa de Gaza, da qual Israel expulsou o Egipto na guerra do Médio Oriente de 1967.

Numa entrevista concedida esta semana a um jornal israelita, Galili, que é um conselheiro íntimo do chefe do Governo, Golda Meir, afirmou que Israel e a faixa de Gaza eram inseparáveis e que a anexação da faixa era apenas uma questão de tempo.

EXPLOSION!...

GRUPO C - 14 ANOS

STANLEY BAKER

A ESPOLETA ESCALDAVA... ERA

a última GRANADA

THE LAST GRENADE

ALEX CORD
RICHARD ATTENBOROUGH
HONOR BLACKMAN

ESTREIA
HOJE ÀS 21,30

CONDES

REALIZADO POR: ROBERTO FERRIERE
PANAVISION - EASTMANCOLOR

ANGELO RIZZOLI APRESENTA UM FILME DE
PIETRO GERMI

...AQUELE AMOR
ESCANDALOSAMENTE SIMPLES!

Encruzilhada de Sentimentos

GRUPO D 18 anos

(LE CASTAGNE SONO BUONE)

com **GIANNI MORANDI • STEFANIA CASINI**
com a participação de
FRANCO FABRIZI • NICOLETTA MACHIAVELLI

uma produção R.P.A.-RIZZOLI FILM • **EASTMANCOLOR**

CINERIZ

HOJE ÀS 21,45 ESTREIA NO **ALVALADE**

ENCURTADA A PERMANÊNCIA NA LUA

Continuação da pag. 1

pois da acoplagem ao módulo de comando, para filmarem e fotografarem o planeta, serão reduzidas ao estritamente necessário para lançar no caminho de regresso à Terra.

Desde que o grande projecto do programa lunar Apolo começou a tomar forma nas mesas de desenho há mais de uma década, a preocupação dominante tem sido «a segurança primeiro».

Apesar disso, três astronautas morreram em 1967 ao incendiar-se uma rampa de lançamento. Além disso, os astronautas da Apolo-13 estiveram perto do desastre quando uma explosão dum depósito de oxigénio danificou a sua nave e os obrigou a regressarem apressadamente à Terra.

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre hipotecas de propriedades, ao juro da Lei.

Trata de toda a documentação, registos, etc., e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta toda a assistência até total reembolso do capital emprestado.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
FUNDADA EM 1933

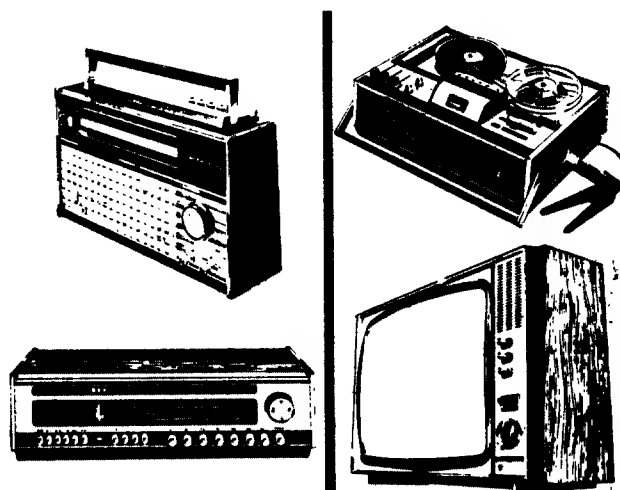
CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 40.000.000\$00

LISBOA—R. do Ouro, 292-1.º (Esq. com o Rossio)—Telef. 36 93 84/5/6

PORTO—R. Passos Manuel, 14-1.º

—Telef. 2 03 44/5/6

GRUNDIG



GRANDIOSA CAMPANHA

SUPERMANOS

Largo do Mastro, 3-9 - Lisboa

NOVALIS

Av. Almirante Reis, 21B - Lisboa

MUNDILAR

Rua 1.ª de Maio, 138 - Lisboa

Vendas em 36 prestações
Sem entrada - Sem fiador

TV **GRUNDIG** '72

a qualidade... e a forma perfeita

Brandt e Heath debatem a "Europa dos Dez"

Willy Brandt, e o primeiro-ministro inglês, Edward Heath, terminam hoje no número 10 da Downing Street, uma conferência de dois dias, prevendo-se que cheguem a acordo sobre todos os grandes problemas da Europa e do Mundo.

Brandt, já ontem teve duas horas de conversações confidenciais com o primeiro-ministro, debatendo as relações entre o Ocidente e o Leste, o conflito israelo-árabe e o futuro da Comunidade Económica Europeia.

Outros tópicos na agenda dos dois estadistas são as reformas monetárias, as relações da Comunidade Europeia com os Estados Unidos, o Japão e outros países e ainda as previstas instituições da comunidade, incluindo um secretariado político permanente. A este secretariado caberia coordenar a política externa dos diversos países da Europa, de forma a que esta fale a uma só voz.

Brandt e Heath tentam preparar-se para a conferência europeia de alto nível que no mês de Outubro, haverá em Paris, conferência que estabelecerá as linhas mestras para o futuro desenvolvimento de uma «Europa dos Dez», constituída pela França, Inglaterra, Alemanha Ocidental, Itália, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Irlanda, Dinamarca e Noruega.

As conversações começaram ontem de forma muito esperançosa, dizendo-se em círculos fidedignos que foram «muito amistosas e descontraídas».

Ainda antes de iniciadas as conversações, Heath e Brandt declararam no aeroporto que são excelentes as relações entre os Governos inglês e alemão e que depositam esperanças na Europa do futuro.

Estas conversações de Londres são parte de uma série de contactos de alto nível entre os dirigentes europeus, destinados a conseguir-se uma Europa coesa, que fale em pé de igualdade com os russos e os norte-americanos.

FERROVIÁRIOS ACABAM COM A GREVE

LONDRES, 21 — (ANI) — Os sindicatos dos ferroviários britânicos, obedecendo a uma ordem do tribunal, disseram hoje aos seus 290 mil elementos que devem acabar com a greve do zelo iniciada há quatro dias.

No entanto, alguns dos Ferroviários dizem que desobedecerão aos sindicatos, pelo que só na próxima semana os serviços poderão regressar à normalidade.

Os fornecimentos de petróleo e de carvão ao público têm estado atrasados, bem como o fornecimento de matérias primas à indústria siderúrgica, devido ao abrandamento de serviço verificado nos últimos quatro dias.

Deputados dinamarqueses contra o apoio aos guerrilheiros africanos

COPENHAGUE (R) Deputados da oposição criticaram acerbamente o Governo social democrático dinamarquês por estar a dar apoio económico directo aos movimentos africanos de Libertação, críticas feitas num debate sobre política externa que decorreu no Folketing (Parlamento).

Knud Oestergaard, antigo ministro da Defesa do anterior governo conservador, disse ao Folketing que o seu partido se opõe ao apoio directo aos movimentos de libertação, mas que essa oposição não se deve a nenhuma simpatia por processos de opressão ou discriminação racial, acrescentando: «No entanto, penso que o Governo está a abrir um precedente cujas consequências não podem ser previstas.

«Nós temos que viver no mundo em que existem diferentes formas de Governo e em que se torna necessário também manter formas determinadas e próprias de relações internacio-

nais. Nós não queremos envolver-nos por uma doutrina Brezhnev para a Dinamarca.

Acrescentou que quando os direitos humanos são postos de parte em qualquer país, quer seja ocidental, oriental ou meridional, a verdade é que se devem ouvir todas as vozes através dos respectivos canais diplomáticos.

O Governo dinamarquês prometeu fornecer 6,5 milhões de coroas no corrente ano aos movimentos de libertação africanos, uma promessa que fez com que o Governo português tivesse recentemente chamado «para consultas» o seu embaixador.

O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Poul Hartling, um liberal, disse ao Folketing ser errado em princípio o que o Governo apoie os movimentos de libertação, frisando: «Desse modo começaremos a caminhar por uma estrada que pode não ter fim. Pode-se dizer que o caso se torna uma acção de intervenção directa uma vez que o

dinheiro do Governo está a ser dado por detrás das costas de outros Governos».

Numa declaração ontem feita ao Folketing, o ministro dos Negócios Estrangeiros Andersen disse que o auxílio aos movimentos de libertação era «um assunto de exclusivo fornecimento de assistência humanitária e educacional a grupos de população com necessidades especiais, e que essa assistência não resultaria numa entrega de fundos para acções militares, uma vez que na prática o Governo dinamarquês somente está a apoiar tarefas que de outro modo não podiam ser realizadas, além de que, em caso nenhum, o Governo dinamarquês fornecerá auxílio na forma de dinheiro contido».

O ministro dos Negócios Estrangeiros disse ainda que todo o auxílio só será prestado em casos onde o Conselho de Segurança das Nações Unidas tenha já apelado para uma tal assistência ou estabelecido claramente a existência de opressão.

Observadores da ONU nas "zonas libertadas" de Angola e Moçambique

LUSAKA, 21 (F. P. e R.) A Comissão de Descolonização das Nações Unidas adoptou, após sessões com representantes nacionalistas africanos em inquirições feitas em Lusaka e Conakry, capital da república da Guiné, uma resolução em que pede ao seu Presidente que prepare o envio de missões especiais das Nações Unidas a zonas nas mãos dos guerrilheiros nos territórios portugueses de

Moçambique e Angola.

A resolução segue-se a notícias que falam de êxito na visita de uma semana, segundo se diz, realizada por três dos membros da Missão de Descolonização a uma «zona libertada» de Guiné-Bissau.

A resolução insistia também com o presidente da Comissão, o tanzaniano Salim A. Salim, para que continue as suas consultas na base dos convites feitos pela Fren-

te de Libertação da Moçambique (FRELIMO) e pelo Movimento de Libertação de Angola (MPLA).

A resolução diz exclusivamente respeito às possessões africanas de Portugal e pede aos aliados de Lisboa na NATO para cessarem de fornecer auxílio militar e outro qualquer auxílio que «permita a Portugal continuar com a sua política de domínio colonial em África».

Casal português morto em França

EVREUX, 21 (FP) Ontem de manhã, um casal de imigrantes portugueses foi descoberto asfixiado pelas emanações de uma braceira, na pequena casa onde moravam, em Marciilly-La-Campagne (Fure).

As duas vítimas, Manuel do Rosário Alves, de 37 anos, natural de Santulhão, e a mulher, Luísa, de 32, chegaram a França há um ano, deixando dois filhos em Portugal, com os avós. Contratados há uma sema-

na por um agricultor de Orgeval, Georges Blanloel, tinham a seu cargo um pomar em Marciilly-La-Campagne. Os dois corpos foram descobertos pelo agricultor. A morte tinha ocorrido segunda-feira passada.

Quatro tiros com amor

O amor é cego. Isto é o que diz o povo e lá terá as suas razões. Tão cego, tão cego que é incapaz de medir consequências, de aquilatar motivos. Perde-se o poder de raciocinar, perde-se a alma, a virtude, o pundonor. O amor pode ser a mais bela das manifestações humanas ou, quando entrado num nível patológico, o pior inimigo de quem o cultiva. O amor-todo-posse, entendase quando se supõe traído, transforma-se numa via para a violência. E não dizemos para o ódio, porque se nunca há um verdadeiro ódio nessa violência: há raiva, há egoísmo, há angústia, há loucura. Depois vem o arrependimento, o caso de consciência, a auto-punição. Mas já é tarde para voltar atrás, para desfazer o gesto destrutivo, a que nos leva o desalinho de um cérebro tocado por lampejos alucinatórios.

Terá sido este o caso que levou a jovem Maria de Fátima, de 20 anos, a esperar esta manhã o noivo, em Sete Rios e a desfechar quatro tiros de pistola, que o atingiram no peito, deixando-o em estado muito grave. Ignora-se por enquanto os pormenores do drama, mas sabe-se que os ciúmes foram o motivo da disputa que terminou com a cena que atrás descrevemos.

A vítima chama-se José Manuel Correia Magalhães, tem 26 anos, reside na Rua A, n.º 166-B, ao Bairro da Liberdade. A Maria de Fátima é sua noiva e prima. O sr. José de Magalhães deu entrada no Hospital de S. José, em coma, e a PSP da esquadra de Campolide deteve a jovem, iniciando as investigações para o completo esclarecimento do caso.

te País. Com isso é que os arrombadores e quejandos vão lucrando à farta.

ASSALTADA A SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Agora, até as repartições públicas e departamentos ministeriais são alvo de ambições estranhas. Ontem, deu-se uma tentativa de furto na Secretaria Geral do Ministério das Obras Públicas. Comunicado o caso à Polícia Judiciária, deslocou-se ali o agente Vaz Gonçalves, que iniciou imediatamente as necessárias investigações. Segundo o que nos foi possível apurar, os assaltantes pretendiam apenas apossar-se de uns quantos documentos.

Morreu atingido por uma grua

Quando, esta manhã, quando passavam na Rua de Cedofeita, no Porto, foram atingidos por uma grua, que se desprendeu dum prédio em construção, o sr. Marcelino da Silva Maia, de 44 anos, casado, escrivão da Caixa Têxtil, de Vairão (Vila do Conde) e uma rapariga, que aparenta ter cerca de 14 anos, e cuja identidade se desconhecia no momento do acidente.

Foram ambos conduzidos ao Hospital de Santo António, onde o primeiro chegou já sem vida.

A rapariga, que sofreu traumatismo craniano e perdeu o uso da fala, ficou internada na sala de observações.

O Mercado da Primavera abre hoje

Abre hoje o Mercado da Primavera, em Belém, tradicional mostra de produtos e artesanato regionais.

O aumento do número de stands dedicados ao artesanato e a ampliação da Feira de Petiscos são algumas das inovações deste ano introduzidas no Mercado, que procura ser um ponto de encontro dos visitantes da capital.

A Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, com o fim de divulgar e fomentar o interesse do público, instituiu prémios para os melhores artigos, reportagens ou crónicas publicados na Imprensa Portuguesa e também para as melhores fotografias que tenham como tema aspectos do Mercado da Primavera.

Do programa do Mercado da Primavera faz ainda parte o habitual Concurso Popular de Fado aberto a fadistas amadores e desconhecidos, que se destina a revelar novos valores.

O Mercado da Primavera funcionará mais uma vez em Belém e estará aberto até ao próximo dia 4 de Junho.

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

Prosseguiu no Plenário Criminal da Boa Hora, sob a presidência do desembargador dr. Morgado Florindo e ocupando a tribuna do Ministério Público o dr. Costa Saraiva, o julgamento de Joaquim de Sousa Duarte, Carlos Artur Lopes Correia, José Guerreiro Drago, Aureliano Joaquim José dos Santos, Miguel Camilo, João Viegas dos Santos, João Augusto Ferreira Mota, Joaquim Diogo Velez, Maria Joaquina da Piedade Cabral de Sousa Rodrigues, Fernando Joaquim, Faustino Moreira da Costa e João Manuel Ribeiro da Silva, os quais, com excepção do segundo, teriam feito parte do Partido Comunista Português e como tal desenvolvido actividades contra a segurança do Estado.

Na sessão foram inquiridas as últimas testemunhas de defesa, iniciando-se os debates, nos quais tomaram parte, além do acusador público, os patronos dos acusados, drs. Jorge Sampaio, José Pinheiro Lopes de Almeida, Manuel Correia Nunes, Joaquim Pereira da Costa, António Caldeira Marques, Laura Lopes, José Manuel Galvão Telles, José Manuel Duarte, Duarte Turras, Manuel Macaísta Malheiros e Maria Adelaide de Paiva.

Os trabalhos foram interrompidos ao fim da tarde, para prosseguirem no dia 27.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Malva Relva, Rua da Praça, 11 ANÇA

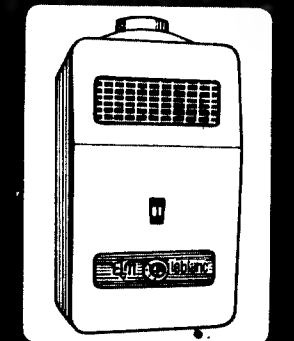


MAIS ARROMBAMENTOS

A técnica do arrombamento continua a dar os seus frutos. Frutos gordos, em alguns casos, menos rechonchudos noutros, mas quase sempre a valer o uso do pé-de-cabra. Durante a passada noite foi assaltado um estabelecimento de alfaiataria da Rua Poeta Mistral, de onde os larápios levaram cortes de fato - pudera! - no valor de quatro contos. Um armazém de ferro da Rua Gualdim Pais, no interior do qual, talvez por ficarem danados ao verificar que nada havia ali que valesse a pena, provocaram danos que atingem a importância de 4500\$00. Uma sapataria da Rua Mouzinho de Albuquerque, na Damaia, ficou sem várias dezenas de pares de sapatos. Contas feitas, apurou-se que o roubo atingiu os 20 contos. E o que se chama uma maneira de se calçar deixando os outros descalços. Um estabelecimento de artigos eléctricos situado na Rua Tomás da Anunciação e aqui, que a «colheita» foi de arrombar com pergaminhos: quase 46 contos de electrodomésticos desapareceram, num abrir e fechar de olhos. E, por isso, uma residência da Calçada Marquês de Abrantes, na qual os ratoneiros entraram com pézinhos de lá, ou seja, nada de pé-de-cabra nem outras violências feias, pois utilizaram a famigerada chave falsa. Depois, uma vez lá dentro, limpavam numa gaveta 43600\$80 em notas. Um regalo. Até parece que não há bancos para depositar dinheiro nes-

água quente barata
SO COM OS INCOMPARÁVEIS
ESQUENTADORES FRANCESES

E.L.M.
leblanc



MULTIGAS
SEGURANÇA TOTAL
IGNIÇÃO AUTOMÁTICA
MODELOS DE 6, 10 e 13 Lit.
EST. M. SIMOES JR. S.A.R.L.
Div. de electrodomésticos
LISBOA-PORTO

Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira

Break GS
uma nova geração GS

A vossa escolha Berline ou Break GS



Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro

CITROËN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS

BENJAMIN BARRAL

AGENTE CITROËN

AV. MARCONI, 4 A/4 B

LISBOA

BRASIL: igualdade para os residentes portugueses

RIO DE JANEIRO, 20 (F.P.) — O presidente do Brasil, general Emílio Garrastazu Médici assinou o decreto regulamentando a aquisição pelos portugueses, no Brasil, dos direitos e obrigações previstos no esta-

tuto entre cidadãos das duas nações. São requisitos para a aquisição da igualdade de direitos e obrigações civis: capacidade civil, segundo a lei brasileira, residência permanente em território brasileiro, gozo da na-

cionalidade portuguesa. Para o gozo dos direitos políticos são requisitos: residência no território brasileiro pelo prazo de cinco anos, saber ler e escrever português, estar no gozo dos direitos políticos no estado da nacionalidade.

Cursos de promoção para os auxiliares de enfermagem

Deverão começar a funcionar em Outubro próximo nas escolas de enfermagem de Lisboa, Porto e Coimbra, cursos especiais intensivos destinados a promover à categoria de enfermeiros os actuais auxiliares de enfermagem.

O despacho do Secretário de Estado da Saúde e Assistência, dr. Jorge dos Santos, contendo a regulamentação dos novos cursos, com base no relatório de um grupo de trabalho para a revisão do ensino, exercício e pesquisa no sector de enfermagem, que funcionou junto do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Saúde e Assistência, estabelece, entre outros requisitos de admissão, a habilitação mínima com o 1.º ciclo liceal completo ou equivalente. Esta medida destina-se a evitar a ausência súbita e simultânea de pessoal nos estabelecimentos hospitalares e noutros serviços, motivo por que a frequência dos cursos

(cuja duração máxima é de 19 meses efectivos) será limitada e escalonada no tempo. O programa didáctico inclui lições sobre: fundamento da enfermagem, enfermagem

médico cirúrgica, enfermagem psiquiátrica, enfermagem materno-infantil, enfermagem da comunidade, ensino e administração e orientação à vida profissional.

quem vence usa ROAMER

ROAMER fabrica relógios para desportos e para os grandes momentos sociais.

Ref. 482.5170.402

ROCKSHELL MARK IV automático-dia e data Superestaque até 200 metros Vidro mineral, caixa em aço inclinada HARDCAP extra resistente

Ref. 468.1230.061

ANFIBIO 100% à prova de água em aço inox ou plaqé

Ref. 471.2120.315 automático-calendário VANGUARD em aço inox ou plaqé

Ref. 726.9120.602

STINGRAY CHRONO Cronógrafo de 3 totalizadores 100% à prova de água, em aço inox

ROAMER
OF SWITZERLAND



ROAMER WATCH CO. SA Solothurn/Switzerland



com **PERSONAL**
é mesmo para parar a queda do cabelo!

Com **PERSONAL**

a caspa desaparece, suspende-se a queda, os cabelos voltam a crescer

PERSONAL renova e restitui uma nova juventude ao seu cabelo

TRATAMENTO COMPLETO

45 2 frascos de **PERSONAL**
dias (diurno e nocturno)

DISTRIBUIDORES

Norte: TURARIÃO MENDES & PAREIRO, LDA.
Rua Sta. Teresa, 14 PORTO
Centro e Sul: J. C. CRESPO, LDA.
Rua da Madalena, 197 LISBOA

crija **PERSONAL** a sua farmácia

Caravanas rolores

AR LIVRE, LDA.

NOVAS E USADAS

Largo Hintze Ribeiro, F.A.

(Rato) — Tel. 65 09 67

Lisboa

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39. VENDA AO PÚBLICO

PRÉDIOS VELHOS PARA DEMOLIR NO CENTRO DE CASCAIS

VENDEM-SE

COM PROJECTOS

OU ANTEPROJECTOS APROVADOS PARA NOVOS EDIFÍCIOS

PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telef.: 282345 — CASCAIS

«MIDA»

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDUSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA



Serra circular automática Modelos 400-500-600

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS

Com 2-3-4 e 5 assoalhadas em zona de grande valorização

Preço: desde 380 contos

Próprio: **JOAQUIM BARAONA**

Avenida Valbom, 28-1.º — Telef. 282345

CASCAIS

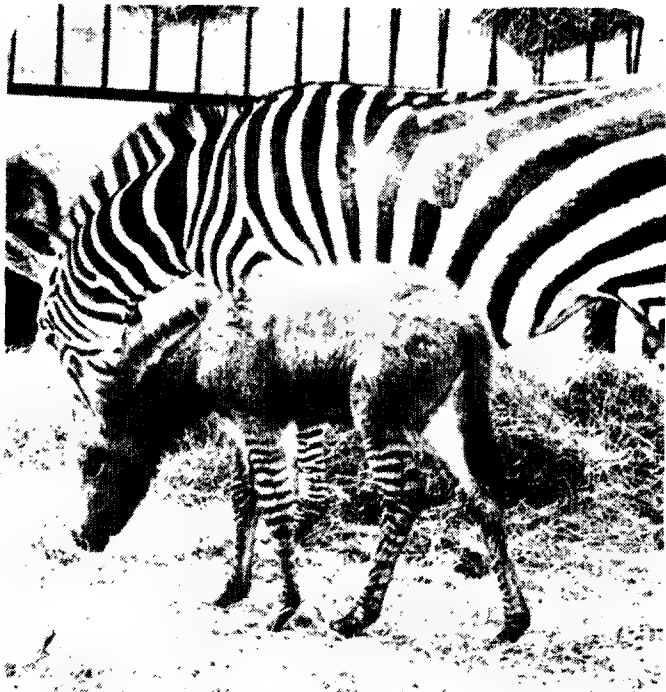
APARTAMENTOS EM CASCAIS EM EDIFÍCIO DE LUXO

Proprietário: **JOAQUIM BARAONA**

Av.º Valbom, 28-1.º

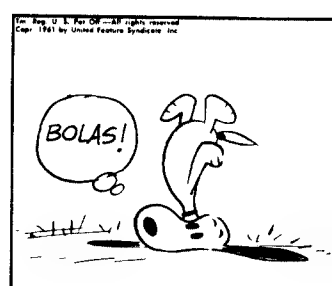
Telef.: 28 23 45

CASCAIS

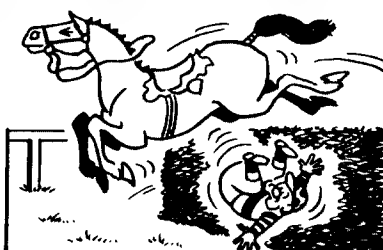


O ZEBRÓIDE

Tem corpo de burro mas não é um burro. Que é então? Não digo não. Tem pernas de zebra mas não é uma zebra. Que é então? Podíamos continuar a parafrasear a popular canção brasileira para manter o «suspense». Contudo, para não fazer perder mais tempo ao leitor, aí vai a solução do enigma: o fenómeno é produto do acasalamento de um burro anão da Sardenha com uma zebra africana. Chamam-lhe «zebroide» e é exibido na Safaralândia, Jardim Zoológico existente perto de Frankfurt. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)



CAROL DAY — Emergency!



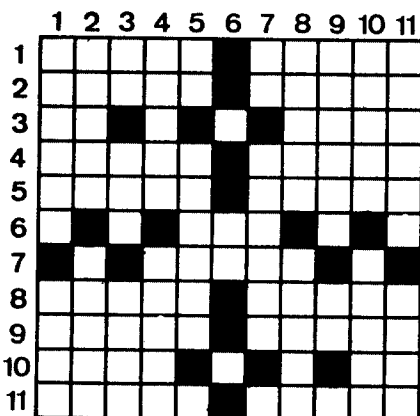
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10 067

HORIZONTAIS:

- 1 Penhasco Faro
- 2 Freguesia do concelho de Coimbra. Aguce
- 3 Prefixo de negação. Ilha do Coral, que forma um anel mais ou menos contínuo
- 4 Puro. Que não soa.
- 5 Limpar metais. Alar
- 6 Negativa.
- 7 Cuincar.
- 8 Estive unido por aderência. Reuma.
- 9 Comentários. Guarnecéis de asas
- 10 Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço. Tempo do verbo ser. Gálio (sq.).
- 11 Historiador francês, membro da Academia Francesa e secretário-geral do Senado (1842-1906). Luras



VERTICAIS:

- 1 Forma Nome científico do pato.
- 2 Versejar. Suavizar (fig.).
- 3 Viração. Preposição Nome genérico dos óxidos de alquilos
- 4 Consome. Beba (pop).
- 5 Arlgo definido. Enferais
- 6 Prefixo de privação
- 7 Sódio (sq.). Torna louro.
- 8 Respeita. Sobre.
- 9 Lima. Tempo do verbo ir
- 10 Princípio odorífico da raiz da Iris. Afhada
- 11 Veiar. Pegas

Resolveu completamente este problema?

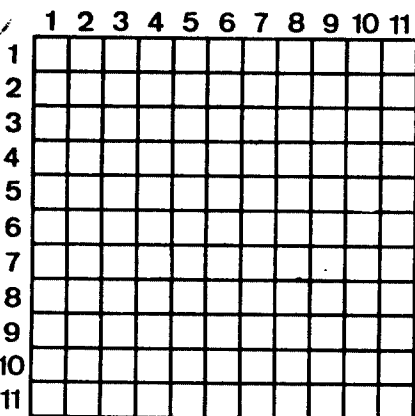
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

HORIZONTAIS:

- 1 Grande cadeia de montanhas da Europa ocidental. Recinto sagrado de Olímpia.
- 2 O mesmo que loureiro
- 3 Ave pernalta dos pântanos.
- 4 Chapa lisa de ferro, com que se arredonda o vidro nas fábricas. Notifica
- 5 Em partes iguais. Prefixo de privação.
- 6 Preposição e artigo definido. Autoridade superior de aldeia, em certas regiões da Suíça. Deusa da lua entre os Egípcios.
- 7 Amónio (sq.). Incinera. Cinquenta e cinco em romano.
- 8 Nome com que os negros feticistas da Baía designam S. Jerónimo. Adega subterrânea
- 9 Assanho. Região montanhosa da Ásia Central (Rússia, Afeganistão).
- 10 Face. Arruine.
- 11 Rio do estado do Pará. Planta acércea
- 12 Cidade de Itália. Carvão incandescente

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6225



VERTICAIS:

- 1 Espírito. Guarneciam de abas.
- 2 Mentira. Grupo de ilhas do Japão.
- 3 Papas espessas de farinha de mandioca que servem de acompanhamento a outros alimentos (Bras.) Aves semelhantes às pombas.
- 4 Torna ermo. Demolhaiz.
- 5 Ecoa. Viração O sono das crianças.
- 6 Assentimento
- 7 Mau cheiro. Antes do meio dia. Utensílio doméstico.
- 8 Limpa com água. Terminar.
- 9 Gorjeia Faz massagens em
- 10 Seguias. Freguesia do concelho de Mirandela.
- 11 Ressoar. Furara

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 066

HORIZONTAIS

- 1 Trará. Amada
- 2 Marquem
- 3 Mãos Lana
- 4 AT. Presa Or
- 5 Irmãs. Orava
- 6 Aar Ala.
- 7 Migasses Dr
- 8 Mãe
- 9 Nd ANTES. DC
- 10 To. Ali EU
- 11 Amo a Cossa.

VERTICAIS

- 1 Tomai MINTA
- 2 Alrai. Dom.
- 3 Amo. Mago.
- 4 Raspara Aal.
- 5 An. Rs Santa
- 6 QUE AS
- 7 Au Solene.
- 8 Melaras São
- 9 Ama
- 10 NOVIDADES.
- 11 Asara Recua

Provérbo: ANTES EU MINTA. QUE AS NOVIDADES

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6224

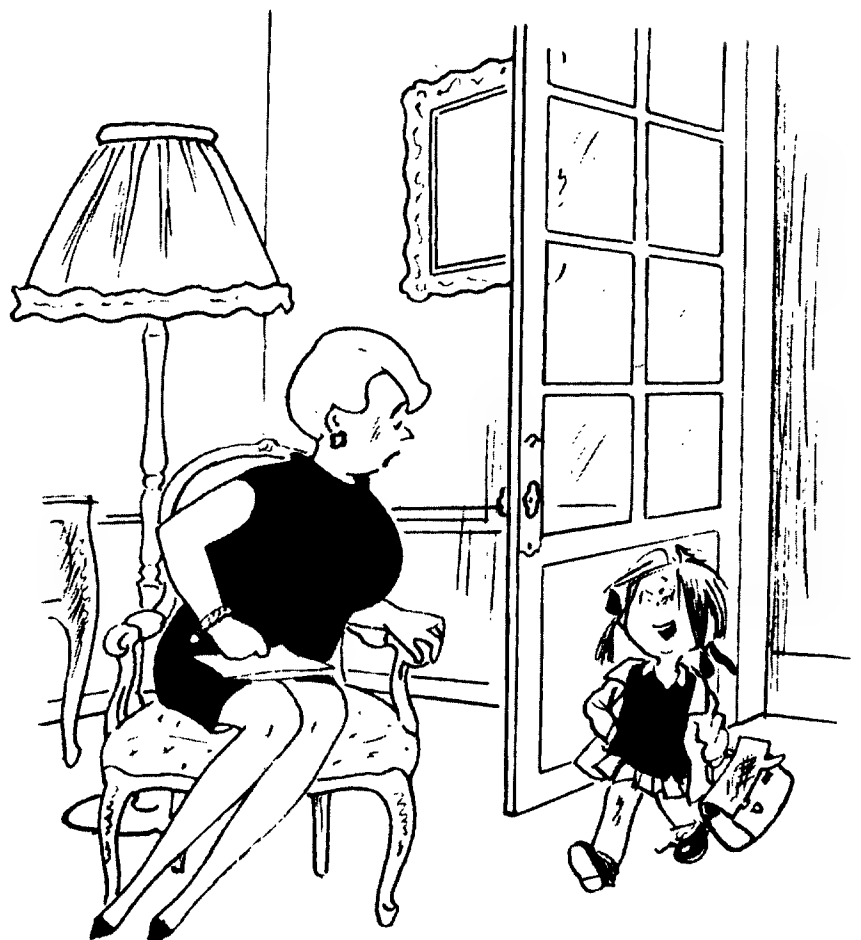
HORIZONTAIS

- 1 Aba Cás Com
- 2 Borra. Opala
- 3 Aa Única Ar
- 4 Amarara.
- 5 Eis Ler Vão
- 6 Ras. Mar.
- 7 Úmero As.
- 8 Barra Urano
- 9 Brotara
- 10 La Amaro Pó
- 11 Acere Asses

VERTICAIS

- 1 Abadé Ábila
- 2 Boa. Irral Ac
- 3 Ar Asa Rb
- 4 Rum. Surrar
- 5 Canai Maome
- 6 Irene Ta
- 7 Socar Ruara.
- 8 Par Morros
- 9 Ca Ava Aã
- 10 Olá Aran Pe
- 11 Março Solos

PRIMAVERA



... Agora já acredito que a Primavera chegou, mamã. Os rapazes andam tão assanhados...

Cova da Piedade à espera do seu "Dia do Turista"

Domingo vai ser dia grande na Cova da Piedade. O clube de futebol da populosa (47 000 habitantes) e industrial (estaleiros, construção civil e fábricas de madeira, cortiça e moagem) freguesia de Almada defronta o Benfica para os quartos-de-final da «Taça de Portugal». Apelidado «tomba-gigantes» desta arrastada e monótona competição, o Cova da Piedade deixou já pelo caminho o Portimonense, o Montijo, o Sanjoanense e recentemente, o Barreirense.

Passámos lá quase uma tarde. Dirigentes e jogadores da equipa encontravam-se nos respectivos locais de trabalho e só ao fim do dia poderíamos contactar com eles, à hora do treino: 19.30. Entretanto enquanto esperávamos, notamos um interesse bastante comedido pelo jogo. Apenas junto da sede se observava uma certa azáfama (sobretudo a partir das 18 horas) devido à procura de bilhetes. Dois miúdos vinham da escola. Tinham acabado as aulas e dirigiam-se apressados para o jogueto de futebol mais os amigos da rua.

O Fernando Manuel Gonçalves tem 10 anos, o Jaime Jacinto Borges conta nove. Ambos na quarta classe. Não sabem o nome do treinador da equipa da terra mas vêm sempre os jogos em casa.

com a ajuda de pequenas ofertas da indústria e comércio locais e com o rendimento que advém do único cinema da terra, sessões diárias, mas só à noite. Os jogadores são «não-amadores» (semi-profissionais) e, por isso, as despesas com eles não são demasiado elevadas. Além de que o clube tem outras secções: andebol, rãguebi, natação, ténis de mesa e basquetebol.

Tavares Pereira, 48 anos, regente agrícola, monitor de Educação Física e (profissão actual) perito de automóveis numa companhia de seguros, é desde Janeiro o treinador da equipa. Antigo jogador do Benfica gosta de treinar mais por prazer do que por cêrões.

Não faço disto profissão. Considero que é uma tarefa agradável mas todavia cheia de

com garra. Se as coisas saírem mal, paciência.

PROBLEMAS

Fernando Proença de Almeida, vice-presidente do Cova da Piedade, à volta com os problemas de bilhetes e lotação do campo, elucidou-nos:

Se encher, dará receita bruta de cerca de 120 contos.



Tavares Pereira: treinador por prazer

inconvenientes num país como o nosso. Se fizesse vida disto, teria de andar sempre com a casa às costas. Tenho a minha vida organizada, moro em Lisboa com a família e ser treinador de futebol será sempre para mim um mero acidente.

Sobre o jogo de domingo: Embora isso pareça paradoxal julgo que este é o nosso jogo mais fácil. E apenas porque temos 10 por cento de possibilidades contra 90 por cento do Benfica. Assim, jogaremos com a maior descontração possível pois defrontar a melhor equipa portuguesa a mais não obriga do que a lutar com brio e garra. Apesar de que o facto de ser o Benfica pode constituir um acicate para os meus futebolistas, que, jogando ainda por cima num terreno pelado e que lhes é mais familiar poderão, não digo ganhar, mas pelo menos dar uma certa luta. O que lhes exige é que se apliquem, que joguem

Ora, como isto é a dividir por todos (nós, Benfica e Federação) além das despesas normais de policiamento, ficaremos para aí com cerca de 30 contos líquidos. Montamos uma bancada suplementar que dá para 400 lugares. Mas, não haverá perigo de superlotação: pois a Federação apenas emitiu bilhetes conforme a lotação oficial. Nós bem queríamos vender mais, mas não pode ser.

Prémio especial em caso de vitória?

Não sabemos. É costume falar de prémios só após os jogos. Mas, com certeza que se eliminarmos o Benfica poderá haver um prémio substancialmente melhor.

Problema do clube: Qualquer dia ficamos sem campo. Ele pertence ao proprietário da Quinta das Frias, a quem pagamos de renda 300 escudos desde há 25 anos. Ora a Câmara já nos informou que o recinto está condenado, pois os planos de urbanização da zona (que prevêm grandes construções habitacionais) estão para breve solução. Mas, teremos (óbviamente) a compensação que será com certeza um campo de futebol, pelo menos igual.

Despesas: São grandes, mas lá nos vamos mantendo. A quotização mensal dá aí 40 contos e temos de recorrer a diversos estratagemas sobretudo peditórios a industriais, comerciantes e outros indivíduos que ajudaram conforme podem. Se a ajuda fosse maior ainda poderíamos acalantar hipóteses quanto à subida de divisão. Pode ser que venha a acontecer. Já correram rumores de que a Lisnave nos tinha dado 800 contos. Se fosse verdade...

Perigo de superlotação no domingo:

Não vai haver, certamente. Só poderão entrar os que tiverem bilhetes e o número destes está limitado ao número de pessoas que o campo pode albergar.

MÓIA E VIEIRA DIAS

Vitor Manuel Santos Móia,

23 anos, começou no Belenenses, passou pelo Oliveirense e Famalicão e está agora no Cova da Piedade. Quer continuar profissional de futebol e depois disso voltará ao seu primitivo emprego de codificador na SAAP (Serviço de Abastecimento de Peixe). Ele foi a grande vedeta contra o Barreirense marcando os dois golos da equipa.

Espero jogar ainda num clube da 1.ª divisão, pois tenho muitos anos à minha frente como jogador de futebol. O encontro contra o Benfica é muito importante para mim, pois nestes jogos é que se tem mais possibilidades de dar nas vistas. Espero fazer uma boa exibição e se calhar marcar um golito.

Vieira Dias, o «capitão», ex-jogador do Benfica e da CUF, empregado de escritório na empresa do seu antigo clube, joga agora mais por prazer do que por necessidade.

Tenho a minha vida estabilizada e isto agora já não é tão sério como dantes. Quanto ao jogo, vai ser mais fácil para nós que para o Benfica. Eles é que têm a obrigação de ganhar. Isto não significa que não façamos os possíveis por passarmos a eliminatória. O factor campo (mais pequeno e pelado) pode ajudar-nos. Vamos a ver.

Comunicado da direcção do Cova da Piedade

A direcção do Clube Desportivo da Cova da Piedade reunida expressamente para o efeito, e após correspondência trocada com a Associação de Futebol de Setúbal e Federação Portuguesa de Futebol, deliberou tornar público o que se segue:

a) Considerando que:

A marcação do jogo respeitante à 24.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª divisão a disputar entre o Clube Desportivo da Cova da Piedade e o Sport Grupo Sacavenense, foi alterada arbitrariamente pela Federação Portuguesa de Futebol para 26 do corrente mês, às 18 horas, data e hora tornadas inconvenientes para o nosso clube, cujas equipas seniores são compostas por jogadores não-amadores exercendo a sua maior actividade profissional extra-futebol, das quais não podem ser libertos antes das 18 horas.

b) Considerando que:

Não foi atendido e devidamente analisado o facto de o Clube Desportivo da Cova da



Mória — artilheiro da equipa quer marcar golos ao Benfica



Vieira Dias, o «capitão»

Piedade estar apurado para defrontar o Sport Lisboa e Benfica nos quartos-de-final da «Taça de Portugal» e, portanto, sujeita a sua equipa a um esforço que lhe não é habitual, pensamos desatenta e falha de bom senso a marcação do encontro citado na alínea a) para somente 74 horas após o jogo com o Sport Lisboa e Benfica.

c) Considerando que:

Conforme prescreve o artigo 103.03 do Regulamento de Provas Oficiais em vigor seria justo e consciente ter, a Federação Portuguesa de Futebol, considerado o assunto em questão (um caso especial, excepcionalmente de atender).

d) Considerando que:

O regulamento da «Taça de Portugal», a nada obriga em relação a jogos adiados para execução do sorteio (exemplo: o en-

contro de oitavos-de-final entre Sport Lisboa e Benfica - Atlético Clube Marinhense) seria mais consentâneo a alteração para data posterior, do encontro referente aos quartos-de-final da «Taça de Portugal» (Clube Desportivo da Cova da Piedade - Sport Lisboa e Benfica) mantendo-se inalterável a 24.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª divisão marcada, em calendário oficial, superiormente aprovado, para 23 do mês corrente.

Considerando todos estes factos e outros que de momento preferimos omitir a direcção do Clube Desportivo da Cova da Piedade além de apelar todos os recursos legais ao seu alcance delega na Federação Portuguesa de Futebol todas as responsabilidades e prejuízos inerentes que, do que se expôs, possam advir.



Querem ser jogadores de futebol

Reportagem de
EUGÉNIO ALVES E LOBO PIMENTEL JR.

Fernando O Benfica deve ganhar porque é da primeira divisão.

Jaime Mas eles devem estar cansados por causa do Ajax...

A profissão sonhada pelos dois:

Fernando Eu quero ser jogador de futebol. Ganha-se dinheiro e não se faz mais nada.

Jaime Eu também quero ser jogador. Porque gosto de marcar golos e de fintar os outros para a minha equipa estar sempre com a bola e porque se ganha bem.

Rumo ao «Parque Silva Nunes», onde se vai disputar o treino de conjunto: e, no domingo, dum particular, está arrendado por 300 escudos mensais. Pela sede, paga o C. da Piedade (por mês) mil e duzentos escudos. Com cerca de 3 000 sócios (e só agora com este jogo é que se liquidam as quotas atrasadas) o clube consegue aguentar-se:



Constrói-se apressadamente uma bancada suplementar



INFORMAL

Mário Nobre

JAIR, TÉCNICO DO SANTOS

1 — Jair da Rosa Pinto, o fabuloso «Já» da Barra Mansa, que foi um dos maiores «meias» do futebol brasileiro e mundial (que nos recordemos só Puskas teria ombreado com ele em talento e poder de remate, sobretudo com a bola parada), ingressou no Santos, como treinador, substituindo Mauro Ramos. Tal, como Mauro, também Jair actuou no «grémio peixeiro», ficando famosos os seus lançamentos (com a «canhotinha», de 30 e 40 metros) para Pelé, então na consolidação do seu «reinado». Tem a certeza de que fará bom trabalho no Santos e por isso voltou à Cidade de Brás Cubas tranquilo... financeiramente e como orientador da equipa «campeã da técnica e da disciplina sr. Jair é funcionário do Estado e residia no Rio de Janeiro («Tirei férias por um ano. Ficarei em Santos uma época. Graças a Deus o futebol não me deu só títulos, deu-me também independência económica»).

2 — Jair recordou para a Imprensa os seus bons tempos no Santos, que possuía um autêntico esquadro: «Não tínhamos problemas. Se um ou dois jogadores se «machucavam» havia sempre reservas à altura para os substituir. Hoje, isso não acontece. Como técnico sou tremendamente honesto. Se amanhã tiver de tirar um elemento do «team» ele será o primeiro a saber e vocês, jornalistas, serão os últimos a ter disso conhecimento. Sempre gostei que os meus treinadores me dessem antecipadamente a conhecer quando era tirado do quadro. Por isso, agora, procedo dessa forma. O jogador é uma entidade humana. Precisa, por isso mesmo, ser tratado como tal».

3 — O empresário Luis Campos encontra-se em Portugal, na companhia do excelente «centro-avante» da Portuguesa de Desportos, Valdomiro, com a finalidade de ir prestar provas no Feyenoord. Pelas características do jovem ariete — duro e rematador — é possível que agrade a «Mister» Happel. A circunstância de Valdomiro falar português é que talvez lhe traga recordações de um jogo bastante recente efectuado na Luz...

4 — A Portuguesa de Desportos, que sempre possuiu dos melhores «teams» do Brasil (em 1955 deu 8 jogadores para a selecção paulista que foi campeã nacional), não acertou ainda o passo no campeonato bandeirante. Já perdeu 7 pontos, tendo ganho apenas 3. Precavendo-se contra esse insucesso, acaba de

contratar o jovem ponta-de-lança da Portuguesa santista, João Marques, que se está revelando como artilheiro na divisão secundária, para colocar ao lado de Cabindo e Xaxá, o trio atacante do novo «plantel» do Canindé, que promete muitos tentos no futuro. Oxalá, se não aí temos Wilson Alves de retorno a Sorocaba!

5 — Jamais nos esqueçamos desta observação de Flávio Costa, então treinador do FC do Porto: «A partir de hoje deixei de ser técnico do clube». Porquê, «mestre»? Resposta de Flávio: «O meu avançado não teve sorte e a bola bateu na trave». Realmente nessa tarde o Atlético, último da classificação geral, foi às Antas («roubar» o Campeonato aos donos da casa, que possuíam na altura o melhor «quadro» do futebol português).

6 — O «record» da Lotaria Desportiva no Brasil foi batido domingo passado. O prémio foi de 12 milhões de cruzeiros, cerca de 30 mil contos.

7 — Tostão envervou no preterito domingo a «camiseta» do Vasco, pela primeira vez, no encontro do seu novo clube contra o Flamengo. Isso, porém, serviu, apenas de pretexto para apresentar o novo ídolo vascaiano à torcida «carioca». Finda a «cerimónia» tomou lugar na tribuna de honra do Maracanã, donde assistiu, depois, ao encontro.

8 — O famoso pugilista João Henrique deverá fazer mais um combate, em São Paulo, antes de seguir para a Itália: a fim de pelear contra Bruno Arcari para o título mundial. E que a última apresentação do pupilo de Katznelson contra o alemão Klaus Jacobi não serviu os fins em vista, em virtude da fragilidade do antagonista. O próximo opositor de João será o inglês Des Rea e a disputa está marcada para o dia 12 de Maio.

9 — Entretanto, Eder Jofre está aguardando a confirmação do francês Michel Jamet para um combate no próximo dia 28, no Ginásio do Ibirapuera, na «cidade que mais cresce no mundo». A finalidade do ex-campeão mundial é ficar «au point» para as refregas que o aguardam com vista ao título mundial dos «leves». A última peleja (contra o mexicano Guillermo Morales) não o deixou nada contente. E que tanto Eder como seu pai e treinador Kid Jofre são bastante exigentes nesse sentido.

AINDA A «GITANA» JORGE DE BRITO EM NICE

Partiu para Nice o banqueiro sr. Jorge de Brito a fim de tentar resolver definitivamente o caso da égua «Gitana». Porque notícias vindas a público põem em dúvida que o caso esteja completamente resolvido e se sabe da promessa do cavaleiro belga de mandar arrestar o equidino em qualquer outra localidade onde venha a actuar, o sr. Jorge de Brito, inconformado com a situação e na tentativa de defender os seus legítimos interesses, enviou à Federação Equestre Portuguesa, antes da sua partida, um telegrama em que, demonstrando-se extremamente sentido com a atitude de alguns membros dessa Federa-

ção e da própria equipa que em França nos representa, mandava retirar a «Gitana» da Competição e exigia que esta lhe fosse entregue o mais rapidamente possível.

Parece, na verdade, que os membros que compõem a nossa Federação não estão a trabalhar com o espírito de solidariedade que se exige num assunto em que os interesses de Portugal terão de ser defendidos a todo o transe. E de tal forma desconexa de proceder está a ser prejudicado quem tomou o encargo da aquisição da égua e fez o favor da sua cedência à F.E. P. para que esta se faça representar dignamente no estrangeiro.



HOMENAGEM: A direcção do Belenenses decidiu promover uma homenagem pública a Manuel Vacondeus, chefe de serviços, que doou já ao clube da «Cruz de Cristo» qualquer coisa como 25 anos da sua vida de homem probo e eficiente. Para o efeito realiza-se no próximo dia 28, pelas 21 horas, um jantar, com inscrições abertas até ao dia 25 para quem desejar associar-se a esta manifestação.

ATLETISMO: O «II Circuito de Agueda», patrocinado pela Associação de Desportos de Aveiro, teve os seguintes resultados técnicos: **Femininos** — 1.ª, Rosa Alice; 2.ª, Olinda Pinto; 3.ª, Conceição Rilha (todas da Ovarense). **Masculinos** — 1.º, Aniceto Simões; 2.º, Mário Cordeiro; 3.º, Manuel Oliveira, respectivamente do Santo Clara, Estarreja e Galitos. A Associação Desportiva Ovarense foi vencedora por equipas.

TÉNIS DE MESA: A Associação lisboeta da modalidade comunica que foram alteradas as datas inicialmente previstas do calendário de Infantis (equipas). As novas datas são as seguintes: 7.ª jornada, 23/4; 8.ª jornada, 26/4; 9.ª jornada, 30/4; 10.ª jornada, 3/5. O restante calendário será cumprido tal como estava previsto.

CICLISMO: Na pista do Ginásio de Távira realiza-se no próximo domingo, às 15 horas, um festival em que estarão presentes profissionais e amadores do Sangalhos, Louletano e do clube organizador.

NATAÇÃO: A nadadora do Desportivo de Lourenço Marques, Graça Maria, detentora

dos «records» nacionais dos 100 e 200 metros, vem para a metrópole. O seu destino é Coimbra, onde continuará os estudos e exercerá as funções de monitora.

CASSIUS CLAY: O antigo campeão mundial dos «pesados» defronta o seu compatriota Al Lewis, num combate a disputar em Dublin, no dia 12 de Julho — segundo anunciou o empresário Butty Sugrue. O combate disputar-se-á no Croke Park.

MUNIQUE: Foi marcada para 29 de Junho a inauguração do grande Estádio Olímpico onde decorrerão as provas de atletismo dos «Jogos de Verão de 1972». A cerimónia fora inicialmente marcada para 16 de Maio, quando do desafio R.F.A. - U.R.R.S. que permitirá ajuizar da qualidade do relvado.

FRANÇA: Efectuaram-se os quartos-de-final da Taça de Futebol. Resultados: Marselha-Nice, 1-0; Nancy-Reims, 0-0; Bastia-Avignone, 1-0; Red Star-Lens, 0-0. Ficam apurados para a fase seguinte: Marselha, Reims, Bastia e Lens.

NAÇÕES UNIDAS: A sala do Conselho de Curadoria serviu de palco à exibição da excelente equipa chinesa de ténis de mesa, de visita aos Estados Unidos, a qual teve como opositores os tenistas do Clube dos Funcionários Internacionais. Apesar da evidente superioridade dos chineses os embates não foram tão desiguais como se poderia pensar.

NICE: O romeno Ilie Nastase derrotou com facilidade o sueco Over Bengtson (6-1 e 6-0), qualificando-se para os quartos-de-final do Torneio Internacional de Ténis daquela cidade, dotado com prémios no valor de 30 mil dólares (810 contos).

FUTEBOL: O Dynamo de Moscovo classificou-se para a final da «Taça dos Vencedores das Taças», ao eliminar o Dynamo de Berlim por 4 «penalties» contra um. A final (contra o Glasgow) realiza-se a 24 de Maio, em Barcelona.

BÉLGICA: Eddy Merckx venceu a «clássica» Liège-Bastogne-Liège com dois minutos de avanço sobre o mais próximo opositor, o também belga Schepers. Joaquim Agostinho ficou no 17.º posto, com o mesmo tempo do 9.º (Van Schill).

EXPULSÃO: O árbitro ordenou a saída do terreno de jogo de todos os jogadores de Barcelona de Guayaquil (campeões do Equador) quando protestaram contra um tento marcado pelo adversário, o Independiente de Buenos Aires. A partida contava para a «Taça dos Libertadores da América».

BASQUETEBOL: o recurso do Futebol Clube do Porto foi julgado procedente. Se o Sporting não recorrer, serão os nortenhos e a Académica os clubes concorrentes ao Nacional da modalidade, que principia dentro de dias. Entretanto, na situação actual, o F. C. Porto fica (mesmo) titular metropolitano.

ARRENTELA: E inaugurado amanhã (21 e 15) o Ginásio do clube local.

MENINAS: No Estádio Universitário efectua-se amanhã um encontro de futebol feminino entre duas secções de finalistas de Biologia da Faculdade de Ciências. Jogam os «Pirilampus» contra as «Nabiças».

ATLETISMO: «Grande Torneio Aberto», amanhã e domingo, no Estádio Nacional, com o patrocínio do Totobola. Podem concorrer todos os alunos dos estabelecimentos escolares e os representantes dos clubes filiados nas Associações Regionais desde que pertençam às categorias de iniciados e juvenis.

JUVENIS: Em jogo de desempate, a contar para a «Taça Nacional», o Benfica venceu o Atlético por 2-0. Os golos benfiquistas foram obtidos por Jorge e José Maria. O Benfica mantém-se na competição.

LUTO NO VARZIM

Na tarde de ontem, o infortúnio caiu sobre o campo de jogos onde a equipa orientada por Meirim executava um treino contra o Tirsense. Infortúnio que implantou o luto nos corações varzimistas. Estavam decorridos cerca de 40 minutos do jogo-treino e Rico caiu no terreno. Quando os seus colegas se aproximaram para o levantar, constataram que ele estava inanimado. Mais: a morte (fizera cessar de bater o coração do popular jogador. Prontamente conduzido ao Hospital da Misericórdia, ali se verificou nada mais haver a fazer. José Augusto (Rico), que nascera em Luanda em 9 de Maio de 1942 e envergara as camisolas do F. C. Luanda, F. C. Porto, Barreirense e C. U. F. (e defendia o Varzim desde 1967) acabara para os grandes e pequenos feitos desta vida.

Mas não foi só este o azar para a turma varzimista. Minutos antes deste infausto acontecimento outro se havia verificado: Francisco Ferreira, promissor futebolista (pois tem apenas 19 anos), ao tentar pontapear uma bola, caiu desamparadamente e fracturou uma perna.

Assim, quando tudo parecia correr pelo melhor, a deusa Fortuna abandonou o Varzim, deixando-o mergulhado no luto e no desespero.

DR. LUÍS PEDRO PINTO DE CAMPOS

FALECEU

O Conselho de Administração do Instituto Superior de Línguas e Administração-ISLA, S.A.R.L., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu colega, cujo funeral se realizou hoje, às 10 horas, da residência para o cemitério do Alto de S. João.

DR. LUÍS PEDRO PINTO DE CAMPOS

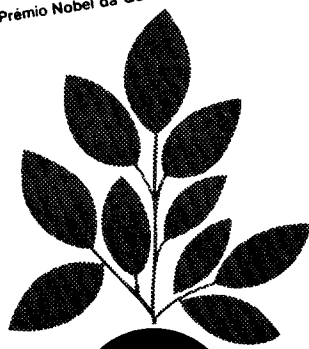
FALECEU

Os Professores e Empregados do Instituto Superior de Línguas e Administração-ISLA, S.A.R.L., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu Administrador, o que o seu funeral se realizou hoje às 10 horas, da residência para o cemitério do Alto de S. João.



VANTAGENS DA VITAMINA C NATURAL

«A vitamina C natural é a cura e a prevenção contra as constipações vulgares.» Prémio Nobel da Química e Prémio Nobel da Paz.
Linus Pauling



VITAMINAS NATURAIS NÃO SÃO LUXO!
ACEROLA

A mais rica fonte natural de Vitamina C, defende o organismo contra as infecções, os resfriados, as constipações e as gripes tão vulgares nesta época. Com ACEROLA a sua capacidade física e intelectual mantém-se intacta.

embalagens de 50 e 200 caps. a 80\$ e 300\$ - se não encontrar na sua mercearia ou supermercado, envie-se a cobrança - pedidos a **diese** Av. da República 46 - Lisboa 1

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Teles, R. João de Barros, 2
(Tel. 638249)

ALCANTARA
Lealade, R. do Olival, 226
(Tel. 663441); Nogueira, R.
da Creche, 2 (Tel. 631635)

ALFAMA
Nacional, R. S. João da
Praça, 26 (Tel. 863632)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, R. Lopes, 120 (Tel.
843381)

ALVALADE
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C
(Tel. 776358); Brisalia, Av.
Rio de Janeiro, 66-A (Tel.
722368); Nova Lisboa, R.
Guilhermina Sugga, 12 (Tel.
727721); Aviz, Av. de Roma,
56-B (Tel. 715370)

AMOREIRAS
D. João V, R. D. João V, 16-
C (Tel. 862772)

ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque de Avila,
25-31 (Tel. 47088)

AREIRO
João XXI; Av. João XXI, 16-
A (Tel. 726462)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho,
10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, R. do Salitre, 7
(Tel. 468508)

AVENIDAS NOVAS:
Galeno, Av. Oscar Monteiro
Torres, 38-A (T. 774920);
Avenidas, Av. da República,
27-A (T. 533688); Fátima,
Av. 5 de Outubro, 147-A (ao
cruzamento da Av. Barbosa
du Bocage) (T. 763107).

BAIRRO ACTORES
Esperança, R. Carlos Mar-
del, 101-B (Tel. 722868)

BAIRRO ALTO
Azevedo, R. da Miseri-
córdia, 24 (Tel. 323540)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11
(Tel. 311216)

BAIXA
Nacional, R. do Salitre, 7
(Tel. 46858); Americana,
Calc. da Santana, 3 (Tel.
863984)

BELEM
Remisio, R. dos Jerónimos,
14C (Tel. 631699)

BENFICA
Lisboa, R. Claudio Nunes,
73-A (Tel. 703393); Sousa,
Est. de Benfca, 429 (Tel.
780027)

BOA HORA
Sepol, Calc. da Boa Hora,
94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Gomes, R. Rodrigo da Fon-
seca, 101A (Tel. 682333);
Pátria, Calc. dos Mestres,
30-A (à R. das Amoreiras)
(Tel. 680627)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazu, 32-
B (Tel. 671667); Castro,
R. Quatro de Infancia, 28-A
(Tel. 688857)

CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves
Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO
Capuchos, R. Luciano Cor-
deiro, 2-A (Tel. 52076)

ESTEFANIA
Estefânia, R. Pascoal de Me-
lo, 90 (Tel. 44438)

GRAÇA

Santo António, R. Leite de
Vasconcelos, 72-C (Tel.
862333)

LAPA

Central, R. dos Navegantes,
10 (Tel. 661734)

LUMIAR

S. Tomé, Est. do Desvio, Lo-
te 12-C (Tel. 790704); Alame-
da, Alm. das Linhas de Tor-
res, 201-B (Tel. 790942)

MOURARIA

Bastos, Calc. de Santo An-
dré, 107 (Tel. 860450)

OLIVAIS

Nova, R. E. 1, lote 469 (Oli-
vais Sul) (Tel. 316402)

PENA

Americana, Calc. de Santa-
na, 3 (Tel. 863984)

PENHA DE FRANÇA

Carrocho, R. Padre Sena de
Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA

Luzmar, R. João Nascimen-
to Costa, 16-A (Tel. 728395-
720703)

SANTA CATARINA

Combro, Calc. do Combro,
78 (Tel. 326059)

S. MAMEDE

Marçal, R. de S. Marçal, 100
(Tel. 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Aguilar, Av. Columbano Bor-
dalo Pinheiro, 98-A (Tel. 768343-
764629); Bairro
cazul, Av. Ressaño Garcia,
7-A (Tel. 51451)

S. VICENTE

Rosa e Viegas, R. de S. Vi-
cente, 31 (Tel. 864351)

XABREGAS

Salter, R. de Xabregas, 63
(Tel. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGES

Miraflores, R. António Gran-
jo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS

Nova, Rua Bernardim Ribe-
ro, 1A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Trindade Brás, R. Costa Pin-
to, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS

Oeiras, L. Henrique Pava
Couceiro (Tel. 2430485)

PARADE

Macau, R. José Elias Gar-
cia, 60-C (Tel. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João, (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL

Costa, Av. Sabóia, 29-B
(Tel. 260085)

CASCAIS

Misericórdia, R. Regimento
19,41 (Tel. 280141); Cascais,
R. Conde de Monte Real
Bairro Caixas (T. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavana, R. Elias Garcia, 209
(Tel. 930019); Flama, R.
Elias Garcia, 78-B (Tel.
932489); Confiança, Av. D.
Nuno Álvares Pereira 15-A
(Tel. 938149)

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre Gus-
mão, 9-A (Tel. 970523)

VENDA NOVA

Flama, R. Elias Garcia, 788
(Tel. 932489)

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 151
(Tel. 950043); Queluz, Av.
Miguel Bombarda, 123-A
(Tel. 951841)

CACÉM

Garcia, Av. dos Missio-
nários, 2 (Tel. 294181)

MEM MARTINS

Quimã, Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA

Marrages, L. Rainha D.
Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES

Colares, Abreja, (Tel.
299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes, L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa,
8 (Tel. 224250)

ALMADA

Algarve, R. Fernão Lope-
s, 1 (Tel. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, Est. Nacional,
174 (Tel. 2764466)

BARREIRO

Higienica, R. D. Manuel I,
178 (Tel. 2273017)

COVA DA PIEDADE

Atlântico, R. Padre Manuel
Bernardes, 1 (Tel. 2764466)

MOITA

União Moitense, Av. Dr.
Teófilo Braga (Tel. 239029)

MONTIJO

Giraldes, R. Almirante Reis,
45 (Tel. 230008)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51
(Tel. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26;
Campo (do), Praça da Re-
pública, 118; Costa Cabral,
Rua Costa Cabral, 1832; Fon-
te da Moura, Rua de Tânger,
1463; Invicta, Rua do Bon-
fim, 331;

SUB-TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292;
Fátima, Rua Oliv. Monteiro,
475; Garantia, Rua Fernan-
des Tomás, 696; Gomes,
Rua Matias de Albuquerque,
243; Sá, Rua Vale Formoso, 181;
Sarabando, Largo dos
Lóios, 36

COIMBRA

Machado, Rua Bernardo de
Albuquerque (tel. 23767)
Sítia, Largo da Sé Velha,
13-14 (tel. 23234); Luciano
& Matos, Rua da Sofia, 7
(tel. 22147).

cinemas

S. JORGE (Tel. 54153)

15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«O BARÃO VERMELHO» com
John Phillip Law. Domingo
às 11 h. (14 anos) «IVAN O
TERRÍVEL»

LIDO

21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O GOLPE» com Jean-Paul
Belmondo e Omar Sharif.

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«DOIS À ITALIANA» com So-
phia Loren e Vittorio Gas-
sman. «A MÃO DESARMA-
DA» com Glenn Ford e Caro-
lyn Jones. Domingo às 18.30
espectáculo infantil.

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)

17.00 - 21.30
(Grupo B - 10 anos)
«EU JULGAVA-O MORTO MR.
JAKE»

LONDRES (Tel. 730579)

14.15-16.30-18.45-21.45
«TRISTANA» com Catherine
Deneuve, Fernando Rey e
Franco Nero na obra-prima de
BUNUEL
Cinema-Snack-bar-Pub. Tnp.
Flag.
Faça três coisas num sítio só

CONDES (Tel. 322523)

21.45 (ESTREIA)
(Grupo C - 14 anos)
«A ÚLTIMA GRANADA» com
Stanley Baker, Alex Gord e
Honor Blackman. As 14.00 - 16.30
e 19.00 (10 anos). Últimas de
«OS PIRATAS DO ARQUIPE-
LAGO».

AVIZ (Tel. 47173)

15.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos). 13.ª Semana
O Western do ano «TRINITA»
«COW-BOY INSOLENT» com
Terence Hill e Bud Spencer.
em Color-Scope

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O SOLITÁRIO DO RIO GRAN-
DE» com Gregori Peck e Pat
Quinn, no último Western de
Henry Hathaway em 2.ª Sema-
na

VOX (Tel. 720808)

15.15-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semana
«O RECAPO» O drama de
uma geração com Maria Ca-
bral e José Viana

EDEN (Tel. 320768)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Sema-
na «GOLPE DE MESTRE» com
Dean Martin, Carol White e
Honor Blackman

ROMA (Tel. 727778)

15.30 - 21.45 2.ª Semana
(Grupo D-18 anos)
«BOULEVAR DO RUM» com
Brigitte Bardot e Lino Ventura

BERNA (Tel. 776098)

15.15 e 21.00
(Grupo B - 10 anos) 4.ª semana
«OS DEZ MANDAMENTOS»
uma realização de Cecil B.
de Mille no maior e mais
sensacional filme de todos
os tempos com Charlton Hes-
ton e Yul Brynner.

ALVALADE (Tel. 717480)

21.45 (ESTREIA)
(Grupo D - 18 anos)
«ENCRUZILHADA DE SENTI-
MENTOS» com Gianni Moran-
di e Stefania Casini. As 15.15
última (14 anos) «A SOLTEI-
RONA» e às 18.15 (14 anos)
«BORSALINO».

SATÉLITE (Tel. 562632)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D (18 anos)
3.ª Semana «PARIS VISTO
POR DE» de Eric Rohmer.
Claude Chabrol, Jean-Luc Go-
dard, Jean Daniel Pollet, Jean
Rouch e Jean Douchet

LYZ (Tel. 48560)

15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«A ORGANIZAÇÃO» com Si-
dney Poitier. Sábados e Do-
mingos 3 espectáculos.

TIVOLI (Tel. 50595)

21.45 (ESTREIA)
(Grupos D - 18 anos)
«O MALANDRO» com Richard
Burton às 15.15 e 18.30 (Adul-
tos) últimas de «CASANO-
VA 70».

ODEON (Tel. 326283)

15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C (14 anos)
10.ª Semana
«NAO DESEJAS O DELICA-
DINHO DO 5.º» com Alfredo
Landa, Jean Sorel, Ira de
Fustemberg e Isabel Garcés

ROYAL (Tel. 885037)

15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«A VIRGEM E O CIGANO»
com Franco Nero e «O ACI-
DENTE» com Dirk Bogarde

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O CAÇADOR DE BRUXAS»
com Vincent Price, Patrock
Wymark, Robert Russel Nicko
Henson e Hilary Dwyer. Hoje
às 18.30 (10 anos) «SETE
DIAS EM MAIO» com Burl Len-
caster, Eva Gardner e Kirk
Douglas.

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 - 21.30
(Grupo D (18 anos)
KRUTE com Jane Fonda (Glo-
bo de ouro dos críticos de
Nova Iorque e premiada com
o Oscar da Academia) e
donald Sutherland. Sábado
e Domingo às 18.15 (6 anos)
«BAMBI» uma obra de Walt
Disney.

ESTÚDIO (Tel. 585134/5)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
2.ª Semana. «UMA ABELHA
NA CHUVA» com Laura So-
veral, João Guedes e Zila
Duarte.

APOLLO 70 (Tel. 763319)

14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
O último filme de Milos For-
man «TAKING OFF» (os amo-
res de uma adolescente)
Hoje às 0.30 (Adultos) «MAL
POR MAL, ANTES COM ELAS»
com Jack Lemon e Walter
Mathan.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D (18 anos)
O JARDIM ONDE VIVEMOS
Com Dominique Sarda e He-
lmut Berger. Amanhã às 0.30
(Adultos) «A SÉTIMA MULHER
DE HENRIQUE VIII».

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 - 21.30
(Grupo C (14 anos)
CATLOW com Yul Brynner e
Richard Crenna
QUINZENAS DO BOM CINEMA
Hoje às 18.30 (Adultos) «OFÍ-
CIO DE MATAR» com Alain
Delon e Nathalie Delon.

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
9.ª Semana de êxito. Com Re-
nato Rascel, G. Granata e
G. Giffre «A TRANSLAN-
TAÇÃO» Hoje às 0.30 (Adul-
tos) «A MALDITA O GATO E
A MORTE» Amanhã (14 anos)
«O SANGUE DO VAMPIRO».

outros espectáculos

LISBOA Teatros

VASCO SANTANA

21.45 (18 anos)
«LAR»

VARIEDADES

21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu aparta-
mento»

LAURA ALVES

21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Virgi-
nia Woolf»

VILLARET

21.00 - 23.00 (18 anos)
«O Tarluto»

MONUMENTAL

21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a
gente»

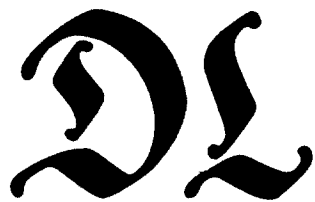
A.B.C.

20.45 - 23.00 (18 anos)
«Viva a Pandilha»

GIL VICENTE

22.00 (14 anos)
«Ivone, Princesa de Borgo-
nha»

MARIA VITÓRIA



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-192 4º E 4º
TELEF. 654531, 234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DBOA. TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL



CAMPO PEQUENO

Domingo às 17 horas

PRIMEIRAS FIGURAS DO TOUREIO

NO FESTIVAL A FAVOR DA CRIANÇA DIMINUÍDA FÍSICA

ESPADAS

"ANTOINETE"
"LITRI"

AMADEU DOS ANJOS
ROQUE SILVA

CAVALEIROS

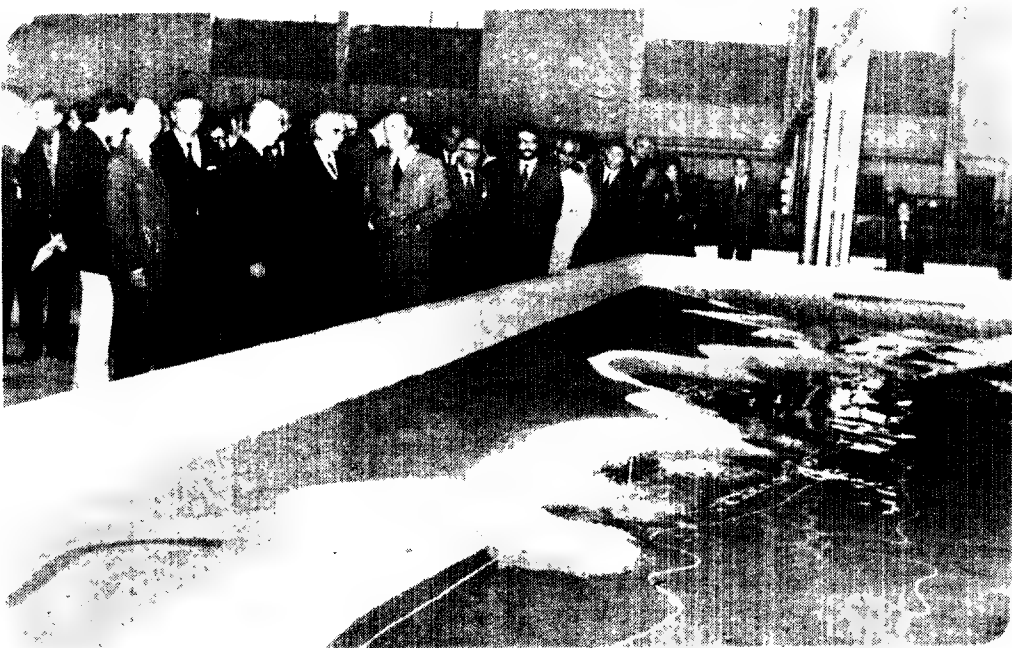
MANUEL CONDE
DAVID TELLES

J. MESTRE BAPTISTA
FERNANDO SALGUEIRO

FORCADOS

AMADORES DO MONTIJO
AMADORES DO RIBATEJO

Toiros oferecidos por: Eng. Grave, José Teixeira, Irmãos Vinhas, Rio Frio, F. Góis e Condessa Cabral



Modelo do Porto de Sines

O Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano deslocou-se durante a tarde de ontem ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, para observar o projecto do futuro porto de Sines cujos estudos estão a cargo daquele organismo.

A visita iniciou-se pelas 13 horas, sendo o prof. Marcello Caetano acompanhado pelo ministro das Obras Públicas, eng. Rui Sanches, o governador civil de Setúbal, dr. Cardoso Ferreira, o director do Laboratório, eng. Manuel Rocha, o director do Gabinete da Área de Sines e outras individualidades.

Depois do eng. Manuel Rocha e técnicos superiores do Laboratório terem dado as boas vindas aos visitantes, o Presi-

dente do Conselho escutou algumas explicações gerais do eng. Fernando Abecasis, chefe dos Serviços de Hidráulica, ao que se seguiu a visita ao modelo, em escala reduzida, reproduzindo a zona do porto e que serve para estudos de agitação das águas. A visita ao modelo foi acompanhada de esclarecimentos prestados pelo autor do projecto, prof. Vasco Costa.

O prof. Marcello Caetano visitou ainda outros trabalhos dos Serviços de Hidráulica do Laboratório, entre os quais o projecto de melhoria de condições do porto espanhol de Huelva e um outro estudo para a praia de Copacabana.

Já no final da visita, foi apreciado o modelo do projecto de Cabora Bassa.

COMPANHIAS REUNIDAS DE GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Trav.ª de Santo António a Belém de 25 a 27, Rua do Galvão de 20 a 36 e 1 a 31, Trav.ª do Galvão de 2 a 6, Cd.ª do Galvão 57, Rua Domingos Tendeiro de 2 a 46 e 17, L.º Domingos Tendeiro (todo), Beco de Domingos Tendeiro (todo), Trav.ª de Domingos Tendeiro de 2 a 12 e 1 a 11, Rua das Terras de 2 a 20 e 1, Régimento de Metralhadoras 1, Companhia das Águas, L.º Figueiredo de 2-A a 18, Rua das Pedreiras de 4 a 16 e 1 a 9, L.º do Galvão (todo), Vila Nova (toda), Vila Neves das Lages (toda). (Das 8 às 12 horas).

2.º Sector — L.º do Cantinho, Est.ª dos Marcos (parte), Ruas 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 20, 22, 24, 26 ao Bairro Alto da Ajuda. (Das 8 às 12 horas).

3.º Sector — Rua Fábrica da Pólvora, só rede aérea. (Das 8 às 12 horas).

4.º Sector — Est.ª Poço do Chão de 1 a 69-C e lotes 6 a 13, Rua Dr. Rafael Duque lotes 19 a 22, Praceta do Brito de 1 a 14-A. (Das 8 às 12 horas).

4.º Sector — Rua Cláudio Nunes de 71 a 99 e 38 a 106 e lotes 4 a 5. (Das 8 às 12 horas).

4.º Sector — Cd.ª Bento da Rocha Cabral de 4 a 14. (Das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Rua das Janelas Verdes de 2 a 90 e 1 a 49, Cd.ª de Santos de 1 a 37, Rua de Santos-o-Velho de 94 a 116 e WC, Escadinhas da Praia (toda), Pátio do Pinzaleiro (todo). (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Rua Pinheiro Chagas de 27 a 43. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Rua Quinta do Morgado (parte). (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Az.ª do Vale Fundão, Az.ª do Troca, Quinta da Bela Vista à Rua José Patrocínio e zona J ao B.º de Chelas. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** LINDA-A-VELHA: Rua Dr. Oliveira Salazar, Rua D. Joana Simões Alves, Rua Vasco da Gama, Rua do Brasil, Rua Luís de Camões, Rua de Angola, Rua Fça de Queiroz, Rua Almeida Garrett, Rua de Moçambique, Caminho para o



POMPIDOU NA TV A PEDIR O «SIM»

PARIS, 21 (A.N.I.) O presidente Pompidou dirige-se hoje à Nação por intermédio da TV, a fim de incitar mais uma vez as francesas e os franceses a votarem «sim» no referendo do próximo domingo, votarem «sim» pelo alargamento da Europa, introduzindo nela a Inglaterra, a Irlanda, a Dinamarca e a Noruega.

Segundo um inquérito ontem divulgado, 35 por cento da França estaria disposta a abster-se, não chegando bem a 50 por cento o número das francesas e dos franceses prontos a dizerem «sim» a uma Comunidade Europeia maior.

ESTA É A NOVA
Precisa
370
ELECTRÔNICA



A «Precisa» 370 é uma calculadora electrónica de mesa de 3 memórias verdadeiras (das quais, uma memória directa), efectuando os saldos, e duas memórias de constantes.

Ela adiciona, subtrai, multiplica, divide, faz o calculo automático de percentagens.

Arredondamento automático. Capacidade de 14 algarismos.

A sua vantagem principal: imprime os resultados tão depressa como os calcula.

A «Precisa» 370 trabalha com o mesmo mecanismo de impressão que os outros 7 modelos «Precisa», com os quais se calcula hoje em mais de cem países do mundo.

Como todas as calculadoras «Precisa», ela beneficia do serviço de assistência técnica e da garantia dos seus representantes exclusivos em Portugal.

ESTABELECIMENTOS **M. SIMÕES JR. S.A.R.L.**
Lisboa, Porto, Aveiro, Braga, Beja

APRENDA INGLÊS EM INGLATERRA

CURSOS DE FÉRIAS
FÉRIAS EM UNIVERSIDADES
LONDRES — OXFORD — BOURNEMOUTH



A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
AV. DA LIBERDADE, 233 • TEL 53 61 21 • LISBOA 2

FINANCIAMENTO E VIABILIDADE ECONÓMICA NA INDÚSTRIA HOTELEIRA

Seminário de 26 a 28 de Abril

por

Cornwell Green & Co. / London

organizado pelo

Centro de Formação Turística e Hoteleira

Informações — Telef.: 56 22 61

A CASA DE BERNARDA ALBA



SUPLEMENTO
LITERÁRIO

LUIZ PACHECO

FOLHETIM ARTÍSTICO

A PALAVRA POÉTICA (TEXTUAL) E O GRITO

Quem vai dizer a palavra, a palavra textual, a palavra que se dirá, arrebatada ao silêncio da minha inexistência, a palavra que eu posso calar e que eu não sei dizer? E como posso eu calá-la, como posso eu viver? Palavra morta, mas insepulta no corpo, palavra incontida, mas que nunca proferi — como acredito eu que ela morreu, como posso eu acreditar que ela está viva e como posso eu viver com a palavra morta-viva, sem a proferir, num corpo que a grita? A palavra poética (ou textual) resolve esta contradição no seu instante, o texto anónimo revela-se então um fragmento apenas do texto total, o nosso texto-grito emerge por um momento e um eu, este ou outro, de qualquer modo um eu entre outros assassina. Não posso ter a veleidade de pensar que alguma vez escrevi tal texto, mas não posso deixar de desejar escrever esse texto de que eu vivo permanentemente a iminência, pois não vivo um momento que não seja senão para o proferir e do qual não sou senão o seu grito apagado, o seu cadáver vivo. Escrevo estas palavras de mim, mas sei que elas respeitam a todo o poeta que está vivo e morto como eu na teia deste texto que cumpre pôr a nu em cada poema.

A palavra textual é a palavra improvável, a imprevisível palavra que se espera, que se deseja mas em que não se crê, palavra para além do possível e do real, palavra irreal, branca, despojada de todo o conteúdo determinado, e desabrigada, vazia. (Palavra ateológica, sem mandamento.) Ela é por isso mesmo a única palavra da comunicação viva, pois que atravessou o deserto, atingiu o extremo do abandono, e não se deteve no frio e na solidão para protestar contra as condições do seu percurso incerto, contra o nada e o vazio que a constituem e que a abrem à plenitude, à liberdade, à vida.

Esta palavra não possui nenhum poder que não seja o que lhe vem da sua proeza e insegurança últimas, que lhe permitem avançar até essa região desconhecida, impossível e, no entanto, extremamente simples onde ela se ilumina, onde o grito rompe no excesso de tudo o que até aí foi carência, momento de intensidade transbordante e de fulgurante comunicação.

Ninguém é detentor desta palavra anónima, radical, despossessiva. Ninguém a habita, nem ela habita em ninguém. Todos vivemos deserdados dela, permanentes órgãos da sua presença passada e

futura, no vão inevitável do seu rastro, este oco ou este osso, este duro, o grito calado, urdido no silêncio pobre de cada um ou nos pobres berros que gritamos aos pseudo-outros, o que é o modo mais ingénuo de afastar o grande grito, de o remeter ao silêncio, ao nosso rilhar raivoso. O grito — não o podemos soltar, e essa ainda a forma do nosso grito. Estamos de certo modo todos empenhados, por diversas e até opostas razões, em espantar o grito, e quando ele por acaso surge, quando alguém o grita (mas quem o gritou alguma vez? Se o gritaram, ou o gritamos, já o matamos, pois que sobrevivemos), os nossos mecanismos de defesa alertam-se para o esmagar, para o condenar a ser soluto, solução da solidão, solução vão (do vão). Mas o grito tem mais força do que nós — toda a nossa força vem dele, ainda quando nos crucifica, nos dobra, nos faz espumar na agonia ou no desespero, ainda quando nos mata. A sua força é a verdade da nossa existência mentirosa, é a nossa esperança. Ninguém grita o grito e, todavia, o nosso corpo, no seu silêncio e no seu disfarce, grita-o. Gritamo-lo a sós, comemo-lo, devoramo-lo e ele renasce sempre, retorna sempre, é a força mesma do retorno, o eterno retorno ou «o retorno do reprimido». E excluimos o grito do real, pondo de um lado o grito (comportemo-nos!), do outro e vamos, solitária ou comunitariamente, neutros e objectivos nos passeios ou nos cafés do real, cheios de todas as razões de sermos exteriores ao grito, arrumados de uma vez na vida real, no tempo real, no inferno da separação consentida.

Mas a vida real, a que ninguém vive ainda, é a vida do grito, é a vida da Festa. A palavra poética, que nos revela um pouco desse texto total em que estamos inseridos, é a palavra que funda a comunicação da nossa existência, a palavra que nos põe em face do impossível (a utopia) e pela qual se pode talvez dar um passo no desconhecido. Entre esta palavra, forma viva do grito, e o real, a comunhão no real, não há um abismo intransponível; ela é a navegação desse abismo, ela só é para que nós sejamos.

A nossa identidade reside na distância — e não no abismo — que essa palavra abre à nossa frente: palavra fiel ao grito, à verdade do grito que só ela revela na sua nudez, e no silêncio tumultuoso que a rodeia. A palavra iminente.



TEXTO DE
ANTÓNIO RAMOS ROSA

LITEROGRAMAS

FERNANDO PESSOA

EXPOSIÇÕES

TOMÁS MATEUS:
LETRISMO

Na exposição recentemente realizada na Galeria de Arte Moderna (S.N.B.A.), Tomás Mateus revelava-se interessado na revisão das suas proposições temáticas. Sem incorrer em alterações formais arrisca-



Claude Moisy
Uma economia ligada à acumulação do mais fantástico arsenal dos tempos modernos Documento. Reportagem. Aviso.
Col. Documentário, n.º 12 90\$00

CONTISTAS DA CHINA POPULAR
Lu Xun, Mao Dun, Lao She, G. Langling, Sun L., T. Genglang
Quem são os modernos escritores chineses? Quais são os seus temas e o seu estilo a sua visão do mundo?
Col. Galaxia, n.º 5 55\$00

INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA
G. Bazerque e C. Trullen
A explicação duma ciência à primeira vista distante, afinal tão próxima de todos nós
Col. Universidade Moderna, n.º 24 75\$00

OS DIREITOS DA CRIANÇA
A. S. Neill e Paul Adams
A criança deve ser livre — até para colaborar na sua educação. Um manifesto da moderna pedagogia.
Col. Diálogo, n.º 16 30\$00

A JUGOSLÁVIA DE TITO
A. Vratuse, M. Djilas e outros
Um dirigente de 80 anos defronta a unidade nacional contra os malefícios da diversidade.
Col. Cadernos Dom Quixote, n.º 46 30\$00

PEQUENOS BURGUESES
Carlos de Oliveira
5ª ed. rev.
A nossa vida provinciana passada a limpo pelo primeiro escritor português distinguido com o Prémio de Imprensa.
Col. Obras de Carlos de Oliveira, 50\$00

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
RUA LUCAS CORDEIRO 119 LISBOA

O REINO FLUTUANTE
de Eduardo Prado Coelho
(EXERCÍCIOS SOBRE A RAZÃO E O DISCURSO)
Onde se fala de...
Nova Crítica — Humanismo e Ideologia — Estruturalismo — Magalhães Godinho — Roland Barthes — Mário Sacramento — O neo-realismo — Eduardo Lourenço — Oscar Lopes — Casares Monteiro — Eugénio de Andrade — Fernando Echevarria — Frana Brandão — Gastão Cruz — Mourao Ferreira — Gilles Deleuze — João Cabral de Melo Neto
COLECCAO "SIGNOS" Volume de 320 págs — 75\$00
EDICAOES 70 Avenida Duque d'Avila 89-1-E Lisboa
D.ª Lúcia Q. Andrade
Av. Lusitana 85 C
Telef. 53 37 66, LISBOA

das, mantendo-se fiel a uma exploração minuciosa de tintas fluidas, dentro de harmonias seguras e de uma lírica claridade tonal, Tomás Mateus procurava todavia encontrar um novo fio condutor para o seu discurso. A letra passou a constituir a base da sua pesquisa mais recente (1971), integrando um novo processo de ocupação e dinamização da superfície.

A introdução da letra (edapalavra) na pintura deste autor não começou subitamente em 1971. Já numa fase anterior tal operação se verificara, embora de forma complementar quanto às relações de fundo estabelecidas no quadro. Desta vez, no entanto, a letra (e outros sinais que com ela se podem relacionar) torna-se no elemento operativo por excelência, desdobrada, articulada e multirrelacionada em planos que se movem num espaço indeterminado, para além dos limites do suporte físico da pintura.

Com este elemento (a letra), Tomás Mateus consegue por vezes aflorar novos problemas dentro do esquema global (e habitual) da sua pintura. Em certos casos, de início integrada num jogo regular de linhas horizontais, a letra é reelaborada à medida que esse traço ordenador se transforma. A forma muda progressivamente de estrutura, dando lugar a um novo conjunto de sinais que perderam a intenção significativa da letra inicialmente representada. Esta progressão fica definida e ilustrada no plano, impondo um ritmo (musical) ao movimento de leitura.

Noutros casos, e especialmente num dos quadros expostos, a letra evoluiu da precisão

gráfica para a imprecisão, desfazendo-se em transparências que sugerem reflexos de montanhas e paisagens urbanas. A letra passa assim a significar-se como elemento obsessivo dessas paisagens, ajudando à representação de um mundo saturado por elementos gráficos da publicidade ou da informação comum.

Grande parte da exposição é ocupada por um conjunto de quadros em que a letra forma palavras e estas compõem fragmentos de textos poéticos.

Nesses textos (de José Gomes Ferreira, Alberto Caeiro, Alvaro de Campos, Eugénio de Andrade) reside o núcleo temático da série. Em tais casos, as palavras delimitam percursos labirínticos nos quais o espectador é levado a desvendar restos de textos, versos, quase poemas. A espacialização plástica dos poemas procura traduzir, numa relação visual, o seu ritmo sonoro, a sua musicalidade. O poema é refeito por um fino tecido gráfico, com uma ondulação própria e uma trama orgânica.

A colagem é também praticada por Tomás Mateus (num quadro apenas e não muito justificadamente). Nesse caso, parece haver o objectivo de confrontar os significados de dois tipos de sinais — aqueles que são reais (porque retirados directamente do papel de jornal) e aqueles que são reais e virtuais (porque fingem ser fora da pintura, sendo apenas dentro dela). Nesta pintura, os blocos ou estruturas que suportam as letras desenham na superfície o perfil de um espaço urbano, cujo sentido labiríntico evoca (e quase home-

nageia) a obra de Vieira da Silva.

De uma forma geral, em suma, Tomás Mateus integra as letras e outros sinais em registos que se organizam em função de suportes lineares complexos. A partir daí, e mantendo quase sempre a integridade do plano, desenvolve uma espécie de jogo, manipulando os elementos gráficos segundo diferentes expedientes operativos. Uma das suas propostas mais interessantes consiste no empreendimento



TOMÁS MATEUS: novo fio condutor

de um movimento de rotação sobre o plano em que as letras estão representadas. Desse plano, que contraria pela perspectiva o plano básico, destacam-se, numa tridimensionalidade simulada, vários cubos reproduzindo jogos de letras, palavras de acaso, um texto ar-

bitrário a fazer-se ao ritmo de uma lenta desagregação.

FERNANDO CALHAU: EMBLEMÁTICA AMBÍGUA

Fernando Calhau, ao praticar uma pintura de grande austeridade formal baseada em traços geométricos elementares, não se esquece de procurar os materiais e os instrumentos adequados a esse empreendimento. No plano técnico, e tomando a obra numa primeira perspectiva crítica, terá

cas tão correctamente assumidas, mostra que o autor tem exacta consciência dos limites técnicos em que opera e do sentido das relações visuais que vem explorando.

As obras agora expostas por Fernando Calhau na Galeria Judite Dacruz têm a sua raiz numa experiência já longa, desde a indagação desenvolvida no domínio da gravura à pesquisa de novos meios de expressão, quer na pintura, quer no desenho. Parte dessa pesquisa ficou documentada na exposição realizada pelo autor na Galeria Quadrante: a oficina era então deliberadamente pobre, bastante curto o tempo de realização, propondo o desenvolvimento de uma estrutura simples e um jogo elementar (progressivo) entre os dados da forma, na exploração paralela dos efeitos da bidimensionalidade e da tridimensionalidade.

Mais tarde, na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A., Fernando Calhau voltou a interessar-se por uma linguagem baseada no mesmo tipo de código, partindo de formas geométricas simples (nesse caso um simples e único quadrado preto) e explorando a sua transformação através de efeitos ópticos que uma «muldura» colorida metódicamente provocava. A verificação pictórica que se verificava nos vértices ou nas zonas médias da «mol-dura» desencadeava, de forma «narrativa», quase didáctica, um estímulo óptico capaz de subverter a estrutura homogénea do quadrado representado.

Desta vez, o quadrado é de novo o ponto de partida da ex-

Continua na página seis

Folhetim-artístico

José-Augusto França

«Expulsará o não-público o público dos museus?» assim pergunta, em título de artigo de **Le Monde**, o museólogo aposentado Germain Bazin.

Pergunta e lamenta a resposta prática que observa ou prevê, logo a propósito do Museu Gregoriano no Vaticano, transformação do de Latrão — «musée d'un charme prestant». Transformação infeliz, vinda de uma abertura ao grande público turista que invade as salas vistosas dos museus papais mais conhecidos. E a propósito também do museu de Brooklyn, perto de New York onde as horas que Germain Bazin ali passou recentemente («des heures tissées de soie») em breve terminarão com a transformação do discreto ambiente que deixa de estar à moda.

Dai para baixo, ao longo do artigo, Bazin, ex-conservador-chefe das pinturas do Louvre, doutor em Letras pela Universidade não de Paris mas de Argel, com uma tese sobre a arquitectura barroca no Brasil em que foi muito ajudado pelos bons serviços do Património Artístico brasileiro — lança-se numa longa diatribe contra a museologia tal como, conservador reformado, ela passou a ser entendida — especialmente pela nova equipa do Louvre que o espírito esclarecido e exigente de Michel Laclotte anima. Após a época de G. Ba-

zin e R. Huyghe (que ainda recentemente veio a Lisboa falar, assaz pitorescamente, de pinturas «sólidas, líquidas e gasosas», em curiosos critérios de psicologia de arte, com activo repúdio dum marxismo evidente e aplaudidamente relegado ao arsenal das ideias ultrapassadas, os museus franceses recebem sangue novo e ideias novas, e a sua direcção passa a assumir uma outra responsabilidade cultural, para além dum pragmatismo ainda do Século XIX. A soleneta Ecole du Louvre, «alma-mater» de conservadores, cede o lugar a gente de formação universitária mais aberta. E com isso uma museologia científica, isto é dinâmica, capaz de propor problemas, começa a definir-se.

Contra ela, Germain Bazin, fino conhecedor do Século XVIII francês prolongado até ao impressionismo (e basta recordar a trapalhada em que terminava a grande exposição de arte francesa de Lisboa, em 1965, após este período), não pode deixar de reagir. Em vez de «museólogo», passa a escrever, com acinte, «animador de museu» — e se entendesse o significado, do que está a dizer, melhor diria «animador cultural», na boa consciência que o espírito esclarecido e exigente de Michel Laclotte anima. Após a época de G. Ba-

scène», senão «étalagiste» ou (cúmulo do horror!) «designer»...

Situação imperdoável para um homem como Bazin, ou com a sua respeitável idade. Tanto mais que «é o estilo miserabilista à la Brecht que deve impôr-se ao visitante, conforme uma ética que condena o «palácio» como uma abominação devida à opressão por demais tolerada das classes privilegiadas sobre as classes laboriosas. Bazin desenvolve então o seu pensamento, cujo fim é (ai dele) evidente: abertos ao público ignaro e preparados para ele, e não mais para o público cultivado, de gentes poucas e bem, os museus condenam-se e suicidam-se. O seu público, burguesemente legítimo, está cedendo lugar ao «não-público», democraticamente senão terroristicamente ilegal!

O Castelo Sporzesco de Milão, a Galeria de Arte Moderna de Berlim, o museu Gulbenkian de Lisboa, as novas salas do pavilhão de Flora do Louvre (do seu tão lamentado Louvre) são exemplos dos grandes erros cenográfico-museográficos que Bazin denuncia — tão saudoso de «horas tecidas de seda»... Mas o principal bode expiatório do ex-conservador francês é o Museu de Arte de

São Paulo, onde, lendo a seu gosto o notável espaço agenciado pelo director P.A. Bardi, vai vendo «quadros com pés» a passear pela sala. A colocação dos quadros em placas de acrílico, pontuando um «espaço aberto» e permitindo observações de conjunto em diálogos definidos por hábeis focagens visuais, multiplamente graduadas, é primariamente apreciada — e não valerá a pena dizer que, se os quadros têm pés, não tem cabeça a crítica de Bazin, ou perdeu ele a dita, com o tempo que vai passando...

Mas que pode querer dizer esta prosa tão ingenuamente reacçãoária de G. Bazin, para além dela própria?

Este não-público de que ela fala, que é, que problema esconde ou revela? Ou, por outras palavras, que é, ou pode ser, ou vir a ser, um museu, nos anos 70 deste século mutacionista? De que se fala quando se fala de museu ou quando se pensa museologia?

O problema é muito mais outro do que parece. Do «templo das musas» ao «armazém», ou ao «armazém animado», o processo do museu chegou hoje a um ponto de ruptura. Aquilo que sobre os problemas se podia pensar em 1962 não serve mais em 1972. Não porque te-

nha havido a marcha «revolucionária» contra o Museu de Arte Moderna de Paris, em Maio de 1968, nem porque em 1971 tenha entrado em greve «intelectual» tanto o sindical o pessoal do Museu de Arte Moderna de New York — não por isso só, mas por isso também e significativamente.

E toda uma estrutura que está em jogo — e a sua indispensável reforma não se sabe bem como possa ser, no quadro da inevitável politização da arte a que se assiste. Ou só se saberá (e é preciso atentar nisso) que se torna indispensável separar duas coisas, que são o passado e o presente do diálogo entre a arte e o público, ou a sociedade. O passado de museus-museus que convém definir, reservas duma cultura a animar por meios tradicionais inteligentemente aplicados (exposições temporárias e históricas, colóquios, cursos, seminários — poucas conferências em sentido único); e o presente de não-museus ou de polémicos anti-museus que serão o que forem. E que, por exemplo, a acção dum Pierre Gandibert no grupo ARC (Animation-Recherche-Conférentiation) agindo no Museu Municipal de Arte Moderna de Paris (e suas notáveis observações num ainda recente número da «Revue d'Esthétique»), podem anunciar. Voltarei ao assunto.

PÚBLICO E NÃO-PÚBLICO

MUSEUS E ANTI-MUSEUS



Não corresponde à realidade dos factos a opinião, sustentada mais de uma vez pelo dr. João Gaspar Simões, de que a imprensa portuguesa teria noticiado com parcimónia a morte de Fernando Pessoa, ocorrida em Lisboa aos 30 de Novembro de 1935 (1). Parece pouco natural, de facto, fosse abordado de leve o desaparecimento de um escritor que, àquela altura, se tornara por demais conhecido - sobretudo, e por singularidade, como articulista polémico, visto que Orfeu, vinte anos depois, era uma lenda que raros recordavam haver lido nos círculos intelectuais e jornalísticos do seu país. Com efeito, ao percorrermos os jornais portugueses do tempo, verificamos precisamente o contrário do que afirma o biógrafo oficial do poeta; verificamos, isto sim, copiosa informação sobre o assunto, desde a nota curta e imprecisa, alinhavada à pressa sob a emoção do momento, até à reportagem longa e meticulosa, feita com seriedade, fotografia, e muito destaque. Não seria descabido, por conseguinte, a bem da verdade e da escolaridade, contar o caso como o caso foi; afinal de contas, tudo interessa na história individual de um Fernando Pessoa, e já é tempo de admitirmos, sem circunlóquios, que biografia e fantasia, se constituem uma rima, por certo não propõe uma solução... Examinemos os factos.

Ao que pudemos apurar, sete periódicos divulgaram o trespasse de Pessoa: *O Comércio do Porto*, *O Século*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Fradique*, *Bandarra* e *O Diabo*. Não sendo quotidianos, estes três últimos só se ocuparam do necrológico nos seus dias normais de publicação, no caso, e respectivamente, 5, 7 e 8 de Dezembro de 1935. Quanto à circunstância, à primeira vista estranha, de a notícia só começar a aparecer nas demais folhas a partir de 2.12.1935, que é, também, por coincidência, a data do funeral - devidamente registada no livro de Enterramentos n.º 28, do Cemitério dos Prazeres, fls. 168 - eis a explicação: no dia seguinte ao da morte do poeta, 1 de Dezembro, não circularam os jornais em virtude de um feriado nacional (o feriado comemorativo da Revolução de 1640). Vamos adiante.

Foi o *Diário de Lisboa* - onde Pessoa publicava, ainda em 4.2.1935, o artigo «Associações Secretas», de forte repercussão em Lisboa e no Porto, e muito significativo para uma interpretação de conjunto do lado cabalístico de sua obra - foi o *Diário de Lisboa* o primeiro a divulgar o óbito na sua edição de 2 de Dezembro. Fé-lo sem economia de palavras às virtudes do poeta, já a partir do título da notícia, singularizado dentre os demais outros da p.6 por um quase sensacional realce tipográfico: «Morreu Fernando Pessoa/ o poeta do Orfeu/ e um espírito admirável de escritor». Este «espírito admirável» aparece de novo no corpo da notícia, que também alude, sempre enaltecendo o morto, à sua «crítica inteligente», à sua poesia cultivada «em moldes originais», ao seu «cabedal de cultura invulgar». Esquematisando-lhe em dois ou três traços a biografia, refere-se o redactor à precocidade intelectual do extinto e ao facto de que cultivara as letras «sempre com amor, lendo incansavelmente tudo ou quase quanto se publicava». Lembrando o Pessoa burocrata, conclui num tom de queixume: «Mas como as letras em Portugal não sustentam ninguém, Fernando Pessoa empregou-se num escritório comercial, onde tinha a seu cargo a correspondência em línguas estrangeiras». Todos os cemitérios se parecem, já dizia um filósofo dos ossos, e poderia ter dito que os panegíricos fúnebres também, sobretudo quando escritos com tinta de jornal. Este do *Diário de Lisboa*, por exemplo, não subverteu a regra: depois de associar-se à dor dos amigos do poeta, encerrou-se com uma apresentação de pésames à família enlutada.

Igualmente longo será, no dia 3, o depoimento de *O Século*, de título severo e cerimonioso, encabeçando o noticiário fúnebre da p. 6: «Necrologia: Dr. Fernando António Nogueira Pessoa». Além da filiação do modo, menciona-se aqui o nome de seus irmãos e cunhados assim como a sua posição de director do *Orfeu* e de director-colaborador, com Rui Vaz, da revista «Athenas» (sic, por «Athena»). Ao contrário da reportagem do *Diário de Lisboa*, que punha em 25 o número de parentes, amigos, e admira-

A MORTE DE FERNANDO PESSOA

NA IMPRENSA PORTUGUESA DO TEMPO



Pessoa com Costa Brochado à mesa do «Martinho da Arcada»

UM ARTIGO DE JOAQUIM FRANCISCO COELHO

dores presentes ao funeral, a de *O Século* registara 41 nomes, no que parece bem mais completa, embora omita, é certo, duas pessoas não esquecidas pelo outro jornal: António Botto e Almada Negreiros. Prova de que a cerimónia fúnebre foi bem mais concorrida do que sugere o dr. Gaspar Simões, mas sobretudo precioso subsídio, do ângulo da vida literária, para o futuro historiador do Modernismo em Portugal, a lista arrolada em *O Século* merece transcrição na íntegra: «No préstito incorporaram-se os srs. drs. Alfredo Guisado, Jaime Neves e Jaime Azarino; António Ferro, José Marques de Oliveira, Manassés Ferreira Seixas, Angelo Martins Fernandes, Pedro Rodrigues de Oliveira, Joaquim A. da Silva Valo Lobo Fernandes, Mortinho (sic, talvez por Martinho) da Silva Rodrigues, F. R. Dias, Raul Narciso da Costa, D. Sara Félix da Cunha, Armando Costa, F. N. Gouveia, A. Allem, Angelo Duarte da Silva Ramos, Vitor de Carvalho, Fernando da Silva, Martinho de Almeida, Afonso Lucas, Francisco Costa, Albertino Soares, Nogueira de Brito, José Castelo de Moraes, João Soares da Fonseca, Silva Tavares, António Pedro, Raul Leal, José Rato de Carvalho, Moutinho de Almeida, Armando Ferreira Rebelo, António da Silva, Rozendo Jesus, Diogo Osório Ferreira Rebelo, José de Almeida Roque, José da Costa Freitas, Eduardo Freitas da Costa, Fernando da Mota Gomes Silveira, António de Sousa, J. Araújo, Augusto Ferreira Gomes, Vitoriano Braga e Augusto Santa-Rita».

Ainda no dia 3, na coluna dos «Falecimentos» a ocorrência é assinalada (p.6) em *O Comércio do Porto*: «Realizou-se, hoje, o funeral do poeta Fernando Pessoa, ontem falecido, autor insigne do *Orfeu*, cuja morte causou dolorosa impressão nos meios intelectuais. De espírito crítico admirável, Fernando Pessoa contava 47 anos de idade. Deixa uma extensa obra quase toda inédita e na sua maioria nas línguas portuguesa e inglesa». Como se vê, equivocava-se o redactor da nota quanto às datas do falecimento e do enterro: mas com certeza não fantasiava, embora a traduzisse em «clichés» despersonalizados de imprensa, a emoção que na intelectualidade portuguesa do tempo há-de ter suscitado uma tal morte. Quanto ao louvor aos atributos criativos do morto, também não poderia ser mais justo: bem antes de 1935,

desde os tempos da *Águia* e do *Orfeu*, já Pessoa se havia superiormente imposto aos seus companheiros de geração, não obstante o muito que ainda existia inédito de sua obra, cuja publicação sistemática só a partir de 1942 se iniciou pela *Ática*, após a antologia que colecionara a maior parte dos dispersos conhecidos, publicada nesse mesmo ano por Adolfo Casais Monteiro (Coleção *Antologia de Autores Portugueses e Estrangeiros*, Lisboa, Editorial Confluência, 1942. 2 volumes).

Também será do mesmo dia 3 a grande reportagem do *Diário de Notícias*, divulgada, com retrato e incomum destaque, no canto direito da primeira página (2). Maiúsculo é, apaixonado, o tom do cabeçalho — «MORREU FERNANDO PESSOA/grande poeta de Portugal» — mantem-se inalterado ao longo do obituário. Assim, temos: «o poeta extraordinário da *Mensagem*», «o mais novo de todos os novos que em volta dele se sentavam», «o seu espírito não abandonará nunca o coração e o cérebro dos que o amavam e admiravam», etc. Não interessa questionar aqui o estilo sentimental do noticiário, no qual a emoção condiciona a adjectivação; importa, antes, reconhecer neste e nos demais obituários do tempo a estima que Fernando Pessoa — o artista, mas também o homem — granjeava entre os seus contemporâneos. Estima que se manifesta com nitidez na oração fúnebre que Luiz de Montalvor, em linguagem algo decadentista, exaltou, em nome dos companheiros do *Orfeu*, não apenas o «poder criador» mas igualmente a «presença humana» do autor da «*Tabacaria*». Preferida à beira-túmulo no cemitério dos Prazeres, e transcrita sem erros tipográficos pelo *Diário de Notícias* (é parcial e grialhada a transcrição que dela efectuou o *Diário de Lisboa*), a oração de Montalvor não merece desprezo. Circulemo-la de novo, como documento de uma época, de um estilo, e principalmente de uma amizade: «Duas palavras sobre o trânsito mortal de Fernando Pessoa./Para ele chegavam duas palavras, ou nenhuma. Preferível fôra o silêncio, o silêncio que já o envolve a ele e a nós, que é da estatura do seu espírito./Com ele está bem o que está perto de Deus. Mas também não deviam, nem podiam, os que foram pares com ele no convívio da sua Beleza, vê-lo descer à terra, ou antes, subir as linhas definitivas

da Eternidade, sem enunciar o protesto calmo, mas humano, da raiva que nos fica da sua partida./Não podiam os seus companheiros de Orfeu, antes os seus irmãos, do mesmo sangue ideal da sua Beleza, não podiam repito, deixá-lo aqui, na terra extrema, sem ao menos terem desfolhado, sobre a sua morte gentil, o lírio branco do seu silêncio e da sua dor./Lastimamos o homem, que a morte nos rouba, e com ele a perda do prodígio do seu convívio e da graça da sua presença humana. Sómente o homem, é duro dizê-lo, pois que ao seu espírito e seu poder criador, a esses deu-lhes o Destino uma estranha formosura, que não morre./O resto é com o génio de Fernando Pessoa».

A mágoa deste discurso reflectir-se-ia por igual na atitude do *Fradique* — semanário que sentiu na morte do seu antigo colaborador «a morte do maior poeta português contemporâneo» (p.8) — e na linguagem dos directores da *Bandarra*, para quem o desaparecimento do «grande poeta nacionalista Fernando Pessoa», autor de «obra notável», «cujo mérito irá crescendo à medida que o tempo for passando», representou «uma perda irreparável para a literatura nacional», (p.3). Significativa foi a reacção de *O Diabo*, se considerarmos que, jornal de esquerda, e oposicionista, não podia tolerar que Pessoa tivesse ganho e aceiteado, com *Mensagem*, um prémio do então Secretariado da Propaganda Nacional (já se abria, como se vê, a questão de *Mensagem*, livro exclusivamente louvado pelos «nacionalistas» e sistematicamente diminuído pela oposição). Com efeito, não deixou *O Diabo* de sublinhar, em Pessoa, «certa sombra saudosista que o prendia ao passado», embora sublinhasse também que ele «não teve a intenção de apregoar coisas e sentimentos encanecidos pelo tempo, nem tomou a sério certo lirismo mórbido tão de agrado dos invocadores de Alcácer Quibir». De qualquer modo, e mesmo tecendo restrições aos aspectos porventura «contraditórios» do Pessoa artista, cuja multiplicidade criadora «levava-o, algumas vezes, a aceitar temas sem os sentir» — a contradição, no caso, também tinha que ver com o problema do «fingimento» em arte, e, por consequência, com o drama em gente dos heterónimos, cujo alcance metafísico segue escapando a muito crítico pessoano — de qualquer modo, *O Diabo* reconheceu no criador de Alberto Caeiro um poeta «diferente e rebelde» e «uma das mais curiosas e complexas figuras literárias da sua época» (p.7). (3)

Junte-se, ao coro destas homenagens, a homenagem que ao ilustre desaparecido lhe prestou a *Presença* de Julho de 1936 — à qual se poderia agregar, agora no plano da grande literatura elegiaca, os dois belos, mas desigualmente lembrados, epicedios de António Botto e de Gil Vaz (4) — e força é concluir, no espírito do discurso de Montalvor, que o lírico da «*Autopsicografia*» ingressou na morte sob o protesto público dos seus contemporâneos, ainda agora frustrados com a perda do seu convívio.

(1) «Noticiaram os jornais a morte do poeta anónimo (sic) com a parcimónia com que os jornais noticiam a morte das pessoas que neste mundo morrem para que a sua vida comece Além, isto é, no espírito universal que habita... etc. J. Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Liv. Bertrand, s/d., v. II, p. 356. Reeditando em 1971 esta obra, Gaspar Simões removeu, do parágrafo acima, o insustentável adjectivo «anónimo». Preservou, entretanto, o resto, reiniciando neste e noutros enganões que fizeram do seu livro, fundamental a mais de um título, a biografia que poderia ter sido e que não foi.

(2) No dia 4.12.1935, o mesmo *Diário de Notícias*, na secção «Artes Plásticas» da coluna *Vida Artística*, publicava anónimamente esta nota, sem dúvida interessante para um futuro biógrafo do poeta: «Fernando Pessoa, o poeta que há pouco abandonou o transitório, era de grande insensibilidade perante as artes plásticas. Segundo confessava, não sentia, nem compreendia sequer, qualquer manifestação artística que, como a escultura, a arquitectura ou a pintura tivesse uma representação plástica. Arte, para ele, era talvez o ritmo subtil do verso, a música da sua transitoriedade eterna, tudo aquilo que, apesar de passageiro, se gravasse para sempre, atingindo o Infinito./Uma só vez, Fernando Pessoa apreciou uma exposição de Arte. Foi na primeira exposição de José de Almada Negreiros. O grande poeta escreveu, então, no «*Águia*», do Porto: «Que Almada não tem talento, manifesta-se em não se manifestar./E, anos passados, quando Almada recordava aquela crítica, Fernando Pessoa repetia invariavelmente: «Ainda hoje estou para saber como fiz isso».

Em nota intitulada «As caricaturas de Almada Negreiros», à p. 312 da sua edição crítica das *Páginas de Doutrina Estética* (Lisboa, Editorial Inquérito, 1946), Jorge de Sena voltou a referir a anedota, enriquecendo-a de detalhes novos e informando, com o rigor bibliográfico de sempre, que a crítica de Pessoa à exposição de caricaturas de Almada saiu in *Águia* n.º 16 (2.ª série) — Abril de 1913.

(3) Ao poeta e pesquisador Luís Amaro, que me informou da existência do *Bandarra*, e de *O Diabo* na Biblioteca Nacional de Lisboa, e ao bibliógrafo Bernardo Santos, sem cuja colaboração não teríamos chegado a localizar estas duas fontes, aqui se registam agradecimentos.

(4) Originalmente divulgado no *Diário de Notícias* de Lisboa (30.11.1938), sob o título de «Poema de Cinza», o conhecido epicedio de António Botto veio a chamar-se, posteriormente, «A Memória de Fernando Pessoa». No Brasil, onde parece gozar de maior prestígio que em Portugal, antologizaram-no A. Soares Amora, Massaud Moisés e Selgismundo Spina no vol. 3 (Simbolismo e Modernismo) da sua *Presença da Literatura Portuguesa* (S. Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1961, pp. 251-252). Quanto ao poema de Gil Vaz — este Gil é irmão daquele Rui Vaz com quem Pessoa co-dirigiu a *Athena* — acha-se no n.º 48 da *Presença* de 1936, já referida. Chama-se «Além», é um dos belos sonetos fúnebres da língua, e nada justifica o esquecimento em que actualmente se encontra. Ei-lo, em transcrição integral: «Sobre Athena imortal o Convo impera/Fitando negro a Dor que se traduz/Hoje Eleonora virtual conduz/As cinzas do que ardeu à sua espera./Irmão do Génio americano ele era/Já na Lusitânia teve a sua cruz/E SOB O FRIO DA SATURNIA LUZ/ the foi perdida a própria primavera./ Triste poeta do que não existe/ Senão em amargura sublimada./ Dormes qual o Menino que sentiste./Dos laranjeas a brisa perfunctua/ Vai modulando um afago triste/A TRISTEZA QUE FOI ABANDONADA».

A CASA DE BERNARDA ALBA



O TEATRO EM PORTUGAL E OS FABRICANTES DE SOPA

Entrevista com ANGEL FACIO

Como chegaste ao teatro?

A. F. — Fugindo da solidão. Sou filho único e sempre foi para mim muito difícil relacionar-me com os outros. Tão pouco me seduzia muito a ideia de me converter num intelectual, talvez pela mesma razão. No teatro, descobri a vida em grupo, o trabalho colectivo. Há uns anos, teria sido «gangster»; há séculos, trapista. Contudo, em Espanha e nos anos 60, não havia muito por onde escolher: fiz-me cómico.

E que fizestes?

A. F. — Que fiz eu? Pois, por isso mesmo: viver, viver com os outros. «Professei no teatro», quer dizer, adoptei-o como profissão e não como fonte de divisas. Consequentemente, fiz tudo: preguiçosos, pintei telões, mudei cenários, conduzi furgonetas e também — por que não? — «dice el versito». Interessava-me certo modo de vida, certo modo de fazer teatro — e como não descobri nenhum sítio onde pudesse realizá-lo, decidi correr a a dirigir... Tratava-se simplesmente de correr o risco de viver por conta própria.

Interpretei bastantes papéis, sempre substituindo um actor que desertava. Papéis de três frases e papéis de protagonistas. Sempre com horas para decorar o texto e a ala — para a arena! Era necessário aguentar, fosse lá como fosse.

Quanto às minhas encenações — que não foram só minhas — ei-las: «El Outro», de Unamuno; «Emmanuel. Espectáculo crítico para una Navidad»; «A Hipótese», de Pinget; «Cerimonia por un negro asesinado», de Arrabal; «Strip-tease», de Mrozek; «A Noite dos Assassinos», de Triana; «Historias de Juan de Buena Vista», de Lope de Rueda-Goliardos; «La Boda de los Pequeños Burgueses», de Brecht-Goliardos. E agora, esta «Casa de Bernarda Alba».

Que são «Los Goliardos»?

A. F. — Foram. E digo foram, porque no princípio do ano colocámos o cartaz «Encerrado por falecimento». Tratou-se do primeiro intento para criar um grupo de teatro à margem das estruturas comerciais. Teoria e prática do que poderia ser um grupo independente. Ensaio de novas formas de realização pessoal. Escola primária de iniciação. Ao fim e ao cabo, muitas coisas. Uma espécie de pequena «cidade de Deus», com reuniões intermináveis sempre regadas com pipas de vinho tinto.

Que fez o grupo?

A. F. — Fundamentalmente, mostrou que é possível o teatro encarado de outra perspectiva. Dez espectáculos. Mais de 300 representações. Uns 100 000 quilómetros. Percorremos seis países e todas as províncias espanholas, absolutamente todas. Fizemos descer os preços

— média dez escudos cada lugar — e fizemos um teatro que podia interessar o espanhol médio. Por isso, enchíamos. Seguindo as nossas pégadas, apareceram em Espanha montes de grupos que se intitulam independentes. Uns, são-no; outros não o são tanto. O que interessa, porém, é que se faz alguma coisa de diferente.

Qual é a importância da actividade dos grupos independentes no teatro espanhol?

A. F. — O público não ia ao teatro, pelo menos a um certo teatro. Os grupos independentes foram buscar o público onde este costuma ir — clubes, centros culturais, residências universitárias, institutos de ensino médio, cinemas, casinos, etc. Se hoje, espectáculos como «Yerma» ou «Lysistrata» podem manter-se em cartaz, devem em grande parte agradecer-lo à acção dos grupos independentes. Por outro lado, estes conseguiram arrancar o teatro espanhol da revista pornográfica, da alta comédia e do tristemente chamado «teatro do absurdo». De Brecht a Grotowsky, passando pelo «Living», são conceitos que se devem pôr no nosso activo. Por último, e parece-me ser este o ponto mais importante, 90 por cento do teatro que se faz na província é feito por nós. Só com os nossos pequenos orçamentos podem fazer-se espectáculos fora de Madrid ou de Barcelona. Além disso, os antigos grupos de amadores lavam a cara e, graças à nossa actividade, vão adoptando novas formas de propor o teatro e a sua função social. Felizmente, são já poucos aqueles que se atrevem a fazer sainetes ou dramas do tempo da outra senhora.

A tua concepção de A CASA DE BERNARDA ALBA era anterior à tua vinda para Portugal?

A. F. — Não. Nunca levo espectáculos dentro do bolso. O que tenho metido na cabeça é uma série de ideias acerca do mundo que me rodeia. E algumas imagens de uma adolescência pouco feliz. Em conformidade, a repressão sexual era para mim algo muito concreto e cénicamente definível. Ao conceber um espectáculo, a única coisa que me interessa é que se identifique com as coisas que me preocupam. Digamos que a proposta do autor — se o há — está na mesma onda da minha. Na mesma onda perceptiva. A moral, a mensagem, a pedagogia e outras bagatelas deixaram de me interessar há muito. Sim, perdi todo o respeito.

Em que medida te sentiste condicionado pelas possibilidades do TEP?

A. F. — Existem sempre condicionamentos. Mas não se trata de nada de grave. Creio que os condicionamentos concretos não são mais do que a expressão da realidade. São esses condicionamentos que fazem com que

Ao nível de um teatro não-comercial, o espectáculo do Teatro Experimental do Porto com a peça de Federico Garcia Lorca «A Casa de Bernarda Alba», numa encenação de Angel Facio, é um acontecimento histórico.

Os aplausos e as resistências que o espectáculo tem vindo a levantar contribuem para lhe conferir uma ressonância que ultrapassa o seu interesse meramente estético. Aplausos do público — na zona dos milhares possíveis (no entanto, trata-se do maior êxito de público da história do TEP) (1) da crítica, portuguesa e espanhola; de actores, dramaturgos, artistas que viram o espectáculo. Resistências daqueles para quem o teatro não pode atravessar a fronteira do acomodatório, do piegas, do sensato e do sorumbático. Essas resistências tomaram certos aspectos caricatos que levaram alguns portugueses a percorrerem as ruas em automóveis misteriosos para arrancar os cartazes que anunciavam o espectáculo, o qual não era mais do que uma obra «dada», cuja consagração está agora a ser feita na Gulbenkian. Tudo isto justifica, na nossa opinião, o espaço que hoje dedicamos ao espectáculo do TEP. Com esta pergunta: quando virá a Lisboa «A Casa de Bernarda Alba»? Ou será necessário organizar excursões ao Porto?

.....(1) Um pormenor significativo: no «Dia Mundial de Teatro» o TEP ofereceu um espectáculo tendo esgotado os bilhetes em quinze minutos.

CARLOS PORTO

um espectáculo interesse. Se não há condicionamentos, problemas, acabamos por escapar pela chaminé, como o fumo. E fazemos «cultura», no máximo. Foi necessário arranjar um texto numa semana, um texto que estivesse traduzido e autorizado pela censura. «A Casa de Bernarda Alba» não me exigia demasiado trabalho de «dramaturgia», tratava-se de algo historicamente muito próximo de mim, quase que me bastaria procurar nas recordações da minha infância. Além disso, a qualidade das actrizes do TEP pareceu-me desde logo bastante superior à dos actores. Precisava apenas de algum tempo para os ensaios. Pedi 60 dias, deram-mos, e aí está o espectáculo.

Como nasceu o espaço cénico criado?

A. F. — Como nascem todas as coisas. Um acto de fecundação, um período de gravidez e, por fim, o parto doloroso. Do plasma significativo que daria ao espectáculo a sua razão de ser, foi surgindo necessariamente a sua expressão cénica, mediante um bombardeamento de imagens descontinuas. Casa andaluza, convento, fortaleza, caverna, reduto virginal.

José Rodrigues participou na sua concepção?

A. F. — Naturalmente. Uma espécie de tira e põe. Ele a partir da concepção plástica, eu a partir da concepção dramática. Uma tensão constante entre o rigor dramático e a imaginação formal. Ai, sim, decisivamente estimulados por umas garrafas de bagaço. Os elementos da cenografia foram surgindo na base de «charlas» sucessivas. O que era ontem uma ideia geral transformava-se no dia seguinte numa decisão concreta: a espuma de «nylon», a inclinação do palco, as cordas, o tecto, o altar de Bernarda... Os autênticos problemas surgiram no momento da execução. Não havia dinheiro, sem sequer pessoal responsável. A coisa foi para a frente como pôde ser.

Trabalhas isoladamente ou em equipa?

A. F. — Prefiro trabalhar em equipa mas para isso é indispensável que a equipa exista ou, pelo menos, um certo nível profissional. Se tal não existe, sinto-me incapaz de sacrificar as minhas ideias a uma democracia criativa que não ultrapasse o medíocre. Defino-me melhor como criador do que como colectivista, foi uma coisa que descobri recentemente. Ainda que esta minha decisão me condene uma vez mais à solidão. Creio, no entanto, que agora posso suportá-la melhor.

Consideras que a tua encenação serve o texto de Lorca, ou que este foi apenas o material que utilizaste para criar o espectáculo?

A. F. — Lorca é um escritor, eu sou um homem de teatro. Para Lorca, contavam as palavras, para mim os signos cénicos. Lorca escreveu «A Casa de Bernarda Alba», eu traduzi-a em linguagem teatral. Lorca serviu-se

do idioma castelhano, eu servi-me da obra de Lorca. Trata-se de dois planos distintos nos quais jogam diferentes meios de expressão. Quando Lorca terminou o seu trabalho, comecei eu o meu. Dei vida real, dramática, a uma proposta formulada há 36 anos. «Cada qual a sua maneira».

O travésti de Bernarda é intrínseco à tua concepção da personagem ou resulta de circunstâncias exteriores a essa concepção?

Na minha opinião, Bernarda teria que ser interpretada por um homem sob pena de cairmos no mais trivial dos fotografismos. Nunca imaginei o sexo daqueles que me proibiram coisas, não há Jocastas na minha vida, somente inquisidores. Bernarda não é ninguém concretamente, mas é ao mesmo tempo muitas pessoas: o director do colégio salesiano que suporrei durante 11 anos, meu pai, o chefe do Acampamento da Frente de Juventude, aquele confessor que tentou em certa altura, digamos «exceder-se»...

O maior problema do teatro em Portugal é o da ausência de público. Que medidas sugeres para atrair o público (sem o trair), para além das de carácter estrutural?

A. F. — Ir procurá-lo. Esqueçamos a Europa e as alucinações culturalistas dos fabricantes de sopa, e fazer teatro à nossa medida. Teatro pobre, não como em Grotowsky por razões estéticas, mas sim por necessidade estrutural. Onde há um actor, há teatro. O resto vem por acréscimo. Portugal é um país pobre, é, por isso, não pode dar-se ao luxo de um teatro caro. Pois que pague ao menos um teatro português. O público não é idiota, o que é indispensável é proporcionar-lhe algo que lhe interesse, que tenha a ver com a sua realidade. Devolvamos ao teatro o seu carácter de festa — mais vale festa com vinho do que reunião com champanhe — o público irá ao teatro. E se não for, vamos nós onde costuma ir, cinemas, igrejas ou fábricas, e devolvamos-lhe o que lhe pertence.

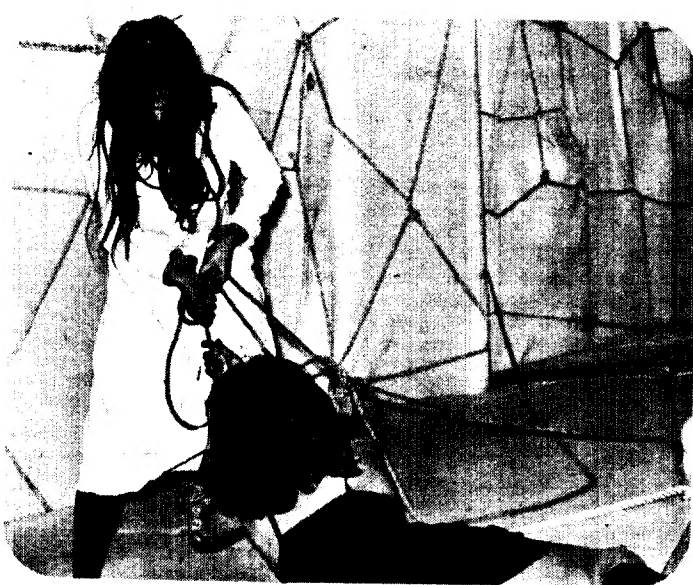
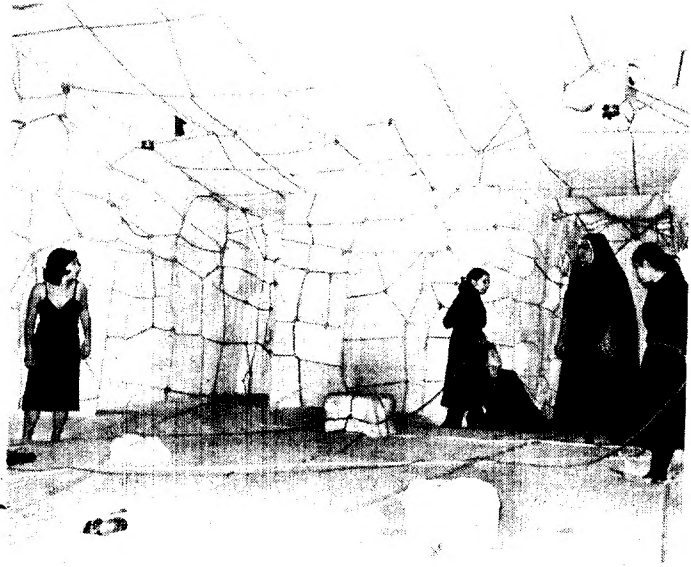
Qual deve ser, na tua opinião, o papel a desempenhar na cidade pelo TEP?

A. F. — Um centro de «agitação cultural». Abanar essa pequena burguesia provinciana ainda com os olhos postos no século XIX e convencê-la de que o rei D. Sebastião já não vem. E se houver quem ache indigesto já sabe o remédio: saís de frutos.

Estás no TEP apenas como director artístico ou exerces outras funções?

A. F. — Dizem que sou «Director do Departamento Artístico» mas nem quero crê-lo. As circunstâncias em que vivemos obrigou a direcção do Círculo a tomar certas decisões para as quais nem meto prego nem estopa. Apenas como exemplo, não tenho nada a ver com o espectáculo que se está a preparar neste

Continua na pag. sete



UM TEATRO NOVO PARA UM PÚBLICO NOVO



ENTREVISTA COM JÚLIO CARDOSO

Esta tua intervenção na peça de Lorca representa um salto importante na tua vida de actor? Queres definir esse salto em relação ao teu passado e ao teu futuro no teatro?

J. C. — Infelizmente, não é habitual a um actor colaborar assiduamente em espectáculos oportunos, que julgo ser o caso desta «Bernarda». E como, mais do que nunca, estamos a precisar urgentemente de espectáculos cuja oportunidade seja evidente, parece-me que só pelo facto de estar metido numa função desta importância e ter a consciência disso possa considerar esta intervenção como um passo relativamente importante na minha vida de actor.

Se, até aqui, já tenho muitas vezes dito «não» a determinadas produções, é natural que cada vez me exijam mais nas funções que venha a assumir como trabalhador e teatro.

Sobre o futuro, a minha resposta seria mais concreta se obtivesse a certeza de que poderia ter o mínimo de condições indispensáveis para exercer o meu ofício com a dignidade que se exige.

Como assumiste a tua personagem, ou, por outras palavras, o que é um «travesti»?

J. C. — Este «travesti» foi aparecendo conforme ia assumindo a personagem.

Juntamente com Facio, houve um profundo estudo do comportamento da personagem e quase se pode dizer que a mesma foi esculpida até às últimas consequências.

Só assim é que, talvez, fosse possível interpretar a Bernarda Alba, porquanto, «a priori», organicamente, não fosse eu o indicado.

Es de opinião que a Bernarda Alba, interpretada por ti, tem uma função dramática diferente do que teria se fosse desempenhada por uma actriz?

J. C. — Acho que sim, na medida em que o espectador se apercebe que um homem que representa, mas já não poderá garantir a sua função sexual, porquanto lhe aparece sexualmente ambígua, ou melhor, assexuada.

O que tem a certeza, pelo menos é isso que tento dar, é da situação que a mesma estabelece através do poder patriarcal que assume, passando a ser um arquétipo de um chefe de família numa sociedade rural da Ibéria, feudalista e, por conseguinte, terrivelmente fechada.

Bernarda assume sempre as funções de um homem-suporte da classe dominante e privilegiada, estabelecendo a repressão sexual como forma de segregação de classe, embora a ordem que ela impõe seja aparential e ela tenha consciência disso. Contudo, como elemento de sistema dominante ela pretende, fundamentalmente, manter as filhas integradas nessa classe economicamente superior, para que as relações sociais não se transformem.

E sentes, que essa função se integra harmoniosamente na visão do encenador?

J. C. — Nesse aspecto considero a óptica do encenador extraordinária, mas creio ter-me aproximado muito pouco dela embora me tenha entregue totalmente ao trabalho para atingir essa finalidade.

Facio deu-te uma certa liberdade na composição da personagem ou marcou-a rigidamente? Como se processou a sua direcção de actores?

J. C. — Contrariando a opinião de muitas a respeito da personagem, e a partir daí a minha liberdade de criação foi completa.

Quanto à forma como se processou a direcção de actores, poderei dizer-te que estivemos mês e meio à volta de uma mesa com a peça e, pouco mais ou menos, a dez dias da estreia é que fomos para o palco.

Pensas que o TEP pode vir a desempenhar um papel importante não só no teatro português como no teatro português? Como?

J. C. — Contrariando a opinião de muitas outras pessoas, e apesar de tudo, o TEP continua a ser «um navio dentro da cidade».

Com altos e baixos, não podemos esquecer que é a única companhia permanente no Norte do País, que funciona ininterruptamente há 20 anos e que, normalmente, exerce a sua actividade num centro populacional que atinge um milhão de habitantes, porquanto o chamado grande Porto atinge esse número de pessoas.

Mas também temos de reconhecer que, por certos e determinados condicionamentos, o TEP tem sentido os efeitos de ser obrigado a apresentar um teatro tradicionalista, conservador, popularuncho, enfim um teatro de compromisso, isto ainda aliado à presença de alguns directores que, por muito boa vontade que tenham, não fazem a mínima ideia do que seja a função e a prática de teatro.

Penso que, ultimamente, o TEP vem fazendo um trabalho sério, que já está a mostrar os seus resultados.

Assim, num período de um ano e meio, realizaram-se três cursos de teatro, dirigidos por Carlos Cabral, Júlio Castronuovo e Angel Facio. Destes cursos já saíram muitas revelações e espectáculos como «Bodas de Sangue», «Fim de Festa», e «A Casa de Bernarda Alba».

Entretanto, parece-me ser necessário transformar radicalmente as estruturas actuais mas isso só será possível se os elementos que constituem os grupos de trabalho tiverem plena consciência da função social que hoje em dia, se exige a um trabalhador de teatro, e que estes mesmos elementos comecem a ter acesso aos lugares de coordenação e orientação dos mesmos grupos.

Estou convencido que, a processar-se um movimento deste género, o TEP poderá, a curto prazo, ser um organismo vivo, actual e actuante a nível nacional.

Resumindo: o momento é de opção. Uns preferirão naturalmente o «imobilismo» porque esta situação lhes garante uma certa comodidade; outros há, que preferem correr todos os riscos e estabelecerem o «dinamismo». A «amalgama» já vai sendo possível. Depois disto quê?

ENTREVISTA COM JOSÉ RODRIGUES

Tens trabalhado com vários encenadores (Ernesto de Sousa, Carlos Avilez, José Cayolla...). Como se articulam normalmente as tuas funções com as do encenador? E no caso de Angel Facio?

J. R. — Através de um processo dialéctico tenho procurado construir um conjunto, em que a minha intervenção plástica é parte integrante da encenação global.

Como defines a função do cenário no todo que é o espectáculo?

J. R. — A função de «environnement» do cenário é essencialmente complementar e ambiental. O espectáculo não vive apenas do diálogo e do actor; mas numa integração do público em determinado espaço visual, para além do todo o fenómeno auditivo-gestual que o teatro completa na sua definição.

As indicações do autor (quando existem) têm alguma importância para ti? Em que medida as respeitas?

J. R. Essas indicações determinam uma rigorosa situação no teatro académico. Na minha perspectiva devemos tê-las em conta dentro dum processo crítico — anulando-as, adaptando-as ou modificando-as de acordo com os objectivos a atingir.

Há textos que te interessam mais do que outros? Quais?

J. R. — Não é o texto que determina a representação teatral mas sim a sua conversão sócio-política que uma situação específica do público exige.



Pretendes, através do cenário, criar signos?

J. R. — Essa pergunta é talvez inútil. Não é o cenário estritamente um conjunto de signos, uma linguagem?

O cenário pode ter um valor ideológico?

J. R. — O cenário depende fundamentalmente da ideologia da própria peça. Como elemento plástico ele é abstracto, puramente estético. A sua integração no espírito da peça, com os actores, os gestos, as roupas, a luz, som, etc. e o público é que constrói o aspecto a que tu chamas «ideológico». Só assim é que ele está a funcionar, doutra maneira, vazio, sem público, é «peça de museu» mata.

Gostarias de tentar a encenação?

J. R. — Talvez, mas é necessário uma grande preparação e prática que ainda não tenho.

FERNANDO CALHAU

Continuação da página dois

ploração plástica de Fernando Calhau. O quadrado é já o próprio suporte da pintura. Em certos casos, os limites do plano duplicam-se para o interior da superfície e a margem que sobeja volta a ser tratada por uma marcação pictórica luminosa ou de passagens lentas. A margem (ou muidura) daí resultante adquire assim uma

modulação ondulante que contém, por efeito óptico, o perfil regular do quadrado «contido» no suporte. O olhar é iludido contra o processo mental que paralelamente o acompanha. Este jogo, pelo menos em dois casos, estabelece-se por uma relação complementar entre pinturas falsamente idênticas, nas quais uma oposição significativa troca com dois

sentidos o efeito visual produzido pelo tratamento das «molduras».

Para além destas experiências, muito simples no seu mecanismo e de uma aridez deliberada, Fernando Calhau desenvolve mais dois ou três esquemas, partindo de uma divisão estrutural do plano seguindo as diagonais. Insistindo numa (severa) exploração de efeitos ópticos primários, diluindo as tintas no centro da

composição ou no contorno das formas resultantes da divisão atrás referida, o autor mobiliza a nossa capacidade perceptiva, cria ilusões facilmente desmontáveis mas demonstrativas de um processo de construção, convida-nos a distinguir a realidade desse processo, a separar a forma do fundo e a transformar os dados da superfície em dados da profundidade. Daí em diante, resta-nos a reinvenção do jogo

possível em termos estritamente subjectivos, a criação de uma aventura poética particular, talvez apenas nossa, ou o simples reconhecimento de que o quadro se esgotou na sua realidade interna, fechando-se numa relação decorativa e emblemática. Heráldica dos nossos padrões, das nossas embalagens, das nossas magias quotidianas, a geometria proposta por Fernando Calhau poderá então deixar-nos insatisfeitos: as suas «bandeiras», cuidadosamente desenhadas e pintadas, tornar-se-ão singelas formas de recreio visual. Em suma: não seremos capazes de inventar nelas a história.



ROCHA DE SOUSA

Faça render as suas economias

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei. O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem (pessoas individuais)

Até 50 contos	3 % ao ano
No excedente a 50 contos	1,5 % ao ano

Depósitos a prazo (entidades privadas)

Importâncias múltiplas de 1.000\$00
com o mínimo de 10.000\$00

6 meses, renovável	4,75 % ao ano
1 ano, renovável	5,25 % ao ano
15 meses, renovável	5,75 % ao ano



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

informações em qualquer dependência da Caixa

DO OUTRO LADO DA TELA

TAKING OFF
Realização de Milos Forman
Apelo 70

Uma visão muito rápida, tipo flash, dos E. U. Imaginativo, cheio de ideias, mas necessariamente superficial. Restos dum Milos Forman que «aterrou» na América para não resistir, com as vantagens e os defeitos que isso tem, à agressividade da sua civilização exterior.

TRISTANA
Realização de Luís Buñuel
Londres

Toledo, Espanha. Antes de 1936 ou hoje? Por momentos não sabemos e aí está o fascínio dum Buñuel que joga sempre ao ataque. Os fantasmas de Castela são iguais aos dos outros países. Simplesmente duram um pouco mais.

A SOLTEIRONA
Realização de Jean-Pierre Blanc
Alvalade

Um filme gentil sobre veraneantes solitários que se vê como homenagem ao Tati de *Férias do Sr. Hulot*. Jean-Pierre Blanc é nome a fixar.

O RECADO
Realização de José Fonseca e Costa
Vox

Uma obra que não podia deixar de ser feita sobre uma geração que se foi deixando ficar. Maria Cabral e José Viana impressionantes. Recado desencantado num filme que é impossível ignorar.

A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
Realização de Robert Altman
Monumental

Saga amarga da expansão para o Noroeste onde o capitalismo se faz a tiro. Um filme esmagado pela neve, em que os homens parecem bicharocos cobertos de peles, as mulheres gatas ao pé do fogo, gorduroso e como que banhado em óleo de baleia. Mas que consegue ultrapassar o seu naturalismo para compor um cruel retrato do entre-devoramento da raça humana.

J. V. P.

UMA ABELHA NA CHUVA
Realização de Fernando Lopes
Estúdio

Desconstruído a partir duma leitura do romance, um filme que rompe decisivamente com a discursividade do cinema de consumo — assim, também com os preconceitos ideológicos e os vícios de leitura do espectador.

Simultaneamente, uma penetração lenta e grave pelo universo fantasmático de Carlos de Oliveira — tão nosso!

Será necessário acrescentar que «Uma Abelha na Chuva» é o mais percuriente desafio imposto pelo cinema em português?

V.S.T.



tesa cola bora consigo
fitas adesivas

ENTREVISTA COM ANGEL FACIO

Continuação da pág. quatro

momento. Não digo isto com segundas intenções de nenhuma ordem. Simplesmente, há demasiados problemas no TEP, o momento é de transição, e não podem fazer-se as coisas de acordo com os nossos desejos. Digamos que, além de director artístico, assumo as funções de «director espiritual assalariado». Entende-se?

Das múltiplas experiências do teatro contemporâneo quais na tua opinião correspondem mais estreitamente às necessidades do teatro: a) em geral; b) em Espanha; c) em Portugal?

A. F. — Não posso responder-te ao primeiro ponto. O teatro parece-me algo muito vivo, muito concreto, muito imediato e muito efêmero para poder dar uma resposta tão generalizada. Grotowsky na Polónia cumpre, na melhor das hipóteses, uma função positiva. Não sei, não conheço a sociedade polaca nem os seus problemas. No que se refere a Espanha e a Portugal — grupos sociais bastante similares, ainda que haja quem pense o contrário —, creio que o que nos serve melhor é um Brecht actualizado à luz da nova sociologia materialista. Não me refiro a Brecht autor,

acessível apenas a grandes empresários comerciais, mas sim ao Brecht teórico. Uma forma de conceber o teatro e a sua função destrutiva no seio de uma colectividade.

Como definirias o actual momento do teatro espanhol?

A. F. — A Espanha pretende aderir por todos os meios ao neocapitalismo. O seu teatro seria um teatro com pretensões «neocapitalistas». Autorizam-se as «grandes produções», mesmo que pareçam perigosas, fomentam-se as zarzuelas, convidam-se as companhias estrangeiras mais antigas e grandiloquentes que se encontram à mão. Preço dos lugares: de 125 a 200 pesetas. Salário mínimo: 160 pesetas. Executa-se desta maneira um processo de selecção do público e uma esterilização sistemática do facto teatral. Assépsia, assépsia e sempre assépsia. Em contrapartida, guerra sem quartel ao teatro independente. A história de grupos como Tábanos, Goliardos e Lebrjianos fala por si só. «Que se habrán creído estos niños?»

Que pensas das criações de Victor Garcia?

A. F. — Victor concebe os seus espectáculos «sub specie scenográfica». Uma imaginação febril, neurótica e fertilíssima. Resulta-

dos esplêndidos, exaltantes. Desgraçadamente, a hipocondria de Victor impede-o de trabalhar adequadamente os actores. E não há teatro sem actores. Daí, os seus erros. Ausência de rigor cénico. Mínimo aproveitamento das possibilidades expressivas dos intérpretes. É desajustamento entre os diversos elementos que compõem um espectáculo. Com tudo isso, um dos poucos criadores dramáticos que têm coisas para dizer.

É certo que o TEP foi convidado a deslocar-se ao estrangeiro? Onde?

A. F. — Temos vários projectos na corda-bamba. Festival de Palermo, nos fins de Abril. Semana de Teatro de Salamanca, também nessa altura. Festival de Londres. Teatro das Nações em Paris. Semana de Teatro de Nancy, em Maio. Em Setembro, os Festivais de Zagreb e Belgrado, bem como o Prémio de Roma. Também Nuria Espert está interessada no espectáculo, convidando-nos a apresentá-lo durante uma semana no Teatro da Comédia de Madrid. De qualquer maneira, ainda não concatenámos o programa de saídas ao estrangeiro. Os problemas económicos são muitos, e não sabemos se poderemos suportá-los. Solicitámos diversas ajudas: mas até ao momento ainda não recebemos qualquer resposta. Por isso, como dizemos em Castela, «paciencia y barajar».

Que obras pensas montar a seguir?

A. F. — Imediatamente, um programa

menor composto por duas peças de Mrozek: «Strip-tease» e «No mar alto». Para aliviar as acutillantes pressões económicas. Trata-se de duas encenações que fiz há anos em Espanha e que, por isso, poderei levantar em pouco tempo e sem grande esforço mental. Poucos actores e grande simplicidade cenográfica. Para mais tarde, tenho em projecto um texto de Valle-Inclán: «Los cuernos de Don Frioleira». Montar Valle, é uma das minhas mais antigas ilusões. Não sei se estarei à altura necessária para criar um «esperpento», propósito em que fracassar até este momento todos os encenadores que a tal se atravaram. E pois uma espécie de aposta contra mim mesmo.

Quais devem ser, em teu entender, as funções da crítica de teatro, aqui e agora?

A. F. — No meio desta desconcertante cerimónia de confusão que é o mundo dos nossos dias, assumir posições, orientar, denunciar e fuzilar. Assumir posição perante a realidade renunciando a todos os compromissos pessoais: orientar o público com critérios justos; denunciar os farsantes, os especuladores e os pedagogos; e fuzilar a todos os que vivem do teatro sem lhe dar nada em troca. Poltrona, bússola, língua e pistola devem fundir-se na sua caneta. E se um dia tiver que renunciar a algum destes elementos, deve conservar sempre a pistola para poder ao menos pespegar-se um tiro.

BARAFUNDA SURREALCOIMBRÁ

O tom é desenvolto. Assim mesmo o apreciáramos, visto tratar-se de empreendimento juvenil ou com tal chancela se pela insistência na chocarri-ce e pessoalismo como refere factos e figuras nos não fosse deixando a suspeita, que se acentua até final, dum ajuste de contas em que, por detrás, custa admitir-se oculte alguém distanciando na idade, alguém bastante mais novo e já dispondo, portanto, da suficiente perspectiva para um relato objectivo. Acresce: o próprio anonimato do texto em questão nos radica a quase certeza que o escriba inábil nada tenha de moço. A juventude costuma primar pelo gosto das afirmações desassombradas, cara-a-cara.

Que se trata?

O suplemento juvenil n.º 43 do Diário de Coimbra (6/2/72) insere uma CRONOLOGIA IN-COMPLETA DO SURREALISMO EM PORTUGAL (1942-1966), nela incluindo, ou completando-a, uma espécie de preâmbulo, SURREALUSITANO, e uma colectânea de citações mal traduzidas e escolhidas à matroca, sob o título JUVENIL E SURREALISMO. Erros, lacunas, dislates e refalsadas interpretações enxameiam a coisinha que não se fica a perceber se se entende por homenagem ou tomada de posição crítica, caricatura ou duro jornalístico. Que nada disto consegue e o resultado é deplorável. Se, como seriamos levados a supor num suplemento que lhe é exclusivamente dedicado, o surrealismo em Portugal merece a atenção (caso contrário, pra quê mexer-lhe?) dos jovens de Coimbra (os responsáveis pela publicação; e alguém teve a ideia, decerto conhecendo os interesses do público a que se dirige e as suas preocupações mais instantes) o menos que podíamos exigir era idoneidade na informação e que o nosso surrealismo (como foi; como se permitiu) no trânsito de Lisboa à Rua da Sofia, e num órgão republicano, perdesse tanto da sua cor... não ficasse tão parecido com um soalheiro de comadres literatas... e a si adregasse, englobasse, calado o essencial, além do inverosímil (repárese: O ano de 1942 é a data mais recuada que se conhece nos fastos do surrealismo em Portugal - onde teriam ido buscar esta?) o inverídico. A sómente anedota. A graça gratuita, soez.

Numa cronologia, embeza incompleta e desactualizada como logo é confessado no título e no tal preâmbulo (lé-se aqui: Seis anos decorreram após a laboração deste trabalho, que, se por um lado, já necessita de acrescentamen-

tos, nem por isso perdeu a actualidade - o que nos incita a perguntar: que actualidade será então essa? que acrescentamentos os necessários?), numa cronologia há que investigar primeiro, distinguir, hierarquizando-os, os fastos fundamentais e característicos dos episódios marginais ou burlescos, realçar uns esquecer os outros, documentar-se em suma, certificando a genuinidade das fontes consultadas. A que ali precipitadamente se utilizou foi uma mixorfa de Alfredo Margarido (Diário de Notícias, 21/4/55), artigo que nos foi proveitoso nesta resenha cronológica, precisa com gratidão o historiador de Coimbra. E era quanto bastava para que ficassemos a temer o pior. Seis anos de repouso na gaveta e quase vinte após o depoimento trapalhão do Margarido, que preguiça ou desfaçatez servem agora de desculpa? não lhes ocorreu indagar dos nossos surrealistas ou ex-surrealistas (Cesariny, O'Neill, Mário Henrique Leiria, Pedro Oom) a sua versão? Nem se atentou nos elementos que se poderiam colher n'A INTERVENÇÃO SURREALISTA, de Mário Cesariny de Vasconcelos, obra editada em 1966, logo calculando-se abrangida no período que visa a presente cronologia, livro que apresenta uma lista de efemérides surrealistas nacionais, também passível de correcções e acrescentamentos (como a seu tempo tive ocasião de sublinhar em público), mesmo assim até agora o repositório mais detalhado do que, em matéria surreal, por cá se fez (veja-se ali os depoimentos de Virgílio Martinho, O PÚBLICO ABJECCIONISTA DO SURREALISMO EM 1949, e de Ernesto Sampaio, A ÚNICA REAL TRADIÇÃO VIVA). Lamento que a iniciativa coimbrã, retomando e criticando-os (aos citados textos de Margarido e Cesa-



ANTÓNIO MARIA LISBOA: um «meio morto» a editar-se

riny), actualizando-os se fosse caso disso nos não proporcionasse um panorama rigoroso e crítico. Já era tempo.

Em rápida-dúzia de exemplos, passo méridamente a concretizar o que ficou afirmado:

Linguagem ordinária (caixa alta por nossa conta): Em 11 de Novembro de 1951, A. O'NEILL ENTENDEU ESTAR A TEMPO DE DAR NAS VISTAS, acentuando a sua cisão com o grupo em TEMPO DE FANTASMA, plaqueta que sai, apesar da cisão, nos Cadernos de Poesia (n.º 11), inspirados e ditados (sic; é gralha mas calha, entre tantas) POR FRANÇA E ARREDORES. Erro: José-Augusto França não inspirara nem editara os CADERNOS DE POESIA, lançados e fundados em 1940 por José Blanc de Portugal, Ruy Cinatti e Tomaz Kim e cujo pendão A POESIA É SO UMA, dum eclectismo moderador ou mitigado, nada tinha a ver com a explosão surrealista ocorrida em 47 e de que França participou. Lacuna: nem palavra para A AMPOLA MIRACULOSA, do mesmo O'Neill, publicada três anos antes, simultaneamente com o PROTO-POEMA DE SERRA D'ARGA, de António Pedro e um BALANÇO DAS ACTIVIDADES SURREALISTAS EM PORTUGAL, de J. A. França. Interpretações ambíguas ou escamoteadas: nada fica a perceber o leitor de 1972 do que

efectivamente se passou (1).

1952 - Ano próspero. A. M. Lisboa, MEIO MORTO no Sanatório da Quinta dos Vales (Coimbra), edita, naquela cidade, ERRO PROPRIO e OS-SOPTICO. Um «meio morto» a editar-se não é caso de todo em todo desesperante, ademais se nos lembrarmos ou se souber que Lisboa publicou no ano seguinte ISSO ONTEM ÚNICO (que não é obra póstuma, conforme se poderia depreender da resenha coimbrã), vindo a morrer em Novembro de 1953; entretanto, escrevera parte importante da sua obra, como o atestam os textos depois publicados (A VERTICALIDADE E A CHAVE; EXERCÍCIO SOBRE O SONHO E A VIGÍLIA DE ALFREDO JARRY, SEGUIDO DE O SENHOR CAGADO E O MENINO; AVISO A TEMPO - e não ao Tempo, como refere o juvenil POR CAUSA DO TEMPO), além do que se mantém inédito e do que se perdeu ao desbarato.

1960 - Além de Pirâmide 3, QUE DEU O BERRO em Dezembro, SO A LEMBRAR ESTE ANO, a versão, prefácio e notas de Cesariny de UNE SAISON EN ENFER, de Rimbaud. Francamente, não são maneiras! Que um suplemento juvenil fale assim dum publicação juvenil, quando não havia nos jornais diários cabimento para a revelação ou intervenção da gente moça e era esta que fazia e pagava tudo à sua custa... e não se menciona o livro de António José Forte, QUARENTA NOITES DE INSONIA DE FOGO NOS DENTES NUMA GIRÂNDOLA IMPLACÁVEL E OUTROS POEMAS.

1961 - De 9 a 15 de Março, por sua iniciativa, realiza-se na Associação dos Estudantes do

I. S. T. uma exposição sobre a (?) A. M. Lisboa, por altura da qual saiu publicado um texto, até aí inédito, do poeta (...) acompanhado de artigo informativo de A. Margarido e depoimentos de A. O'Neill, C. C. Pinto, F. Namora e V. Ferreira, sobre o que entendiam (sic) por surrealismo. CLARO QUE TODOS MOSTRAM NÃO ENTENDER PATAVINA. Claro!... quem de tudo sabe e entende é o escriba de Coimbra. Mas continuemos a transcrição:

INESPERADAMENTE, António Aragão fala do Surrealismo e Sua Actualidade e Natália Correia cede entrevistas ao Jornal de Letras e Artes, a 22 de Novembro. Porquê, inesperadamente? estavam A. A. e N. C. no seu direito.

Mas o mais grave, e é o que anos trás censurei com áspere indignação a Mário Cesariny de Vasconcelos, é que falando-se de cisões, dissensões, arremetidas e polémicas não se faça a mínima alusão às motivações profundas e de interesse colectivo que lhes deram origem e se inscrevem em todo um processo cultural nosso. Assim, escusado era o lamento inicial: da incompreensão que entre nós tem rodeado o surrealismo, podem culpar-se os próprios surrealistas que, em matéria doutrinária e crítica, pouco ou nada fizeram que esclarecesse os menos esclarecidos, que informasse os mal informados. Se aqui e agora pouco ou nada se sabe do surrealismo e sua importância na encruzilhada intelectual do nosso tempo, é também porque muito pouco se tem feito por isso. Trampa, meninos! Tão-pouco VV. esclarecem ou informam. Pergunto-me e pergunto-lhes: se urge fazer (e editar) uma

compilação de textos portugueses sobre Surrealismo, como afirmam, caberá aí o vosso depoimento ou intervenção? Ou não era mais sísudo ficarem caladinhos?

LUÍZ PACHECO

(1) E os estrangeiros? também não ficam a ganhar. A minha beira, uma BREVE HISTÓRIA DE LA LITERATURA PORTUGUESA, de António José Saraiva, realizada sobre o texto de la 9.ª edição portuguesa, especialmente revisada e ampliada por el autor para la presente versión española (Ediciones Istmo, Madrid, 1971). Leia-se (págs. 270 e 272): El surrealismo portugués no debe ser considerado como un eco anacrónico del movimiento del mismo nombre surgido en Francia... el surrealismo portugués posee características específicas. Pues, si bien ha habido cierta oposición entre el surrealismo (que, como se sabe, atribuye prioridad al significante sobre el significado) y la primera generación neorrealista, se ha producido una posterior aproximación entre ambos movimientos. E quem foi, como foi? A. J. S. explica e exemplifica: y así, mientras muchos surrealistas han hecho suyos los temas de protesta social-ahondando mas allá de los aspectos visibles para la ideología - (valha-nos isso!), diversos poetas de formación neorrealista, como Egipto Gonçalves (n. 1922), han asimilado las renovaciones formales introducidas o divulgadas por el surrealismo (honra e proveito ao Egipto!). O diacho é que aconteceu o contrário, a evolução foi inversa, cf. Cesariny (op. cit., págs. 49, 52 e 55): 1944 - Na sua maior parte os componentes do «grupo» do Café Herminius aderem ao neo-realismo (eram entre outros: António Domingues, Mário Cesariny); 1947 - Em Lisboa, António Domingues, Alexandre O'Neill, João Moniz Pereira e Mário Cesariny aderem ao surrealismo, depois de 1946. Em Lisboa: últimas tentativas de conciliação entre testemunho pessoal e messianismo neo-realista. Cinco anos depois de publicada A INTERVENÇÃO SURREALISTA, o consagrado historiador da nossa Literatura (e não um cronologista regional, juvenil e anónimo) A. J. S. ainda também não teve tempo de rever e ampliar os seus conhecimentos sobre o surrealismo em português e é assim, à balda, que o despaça para a estranja. Barafunda em Madrid, E spaña Y todos los países de lingua castellana...

L. P.

DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL
AUTOMÁTICO
CALENDARIO
INCABLOC
ANTICHOC

Mudança de data ultra-rápida

EXIJA A MARCA CAUNY
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA

CAUNY

A mais alta precisão suíça

literogramas

TÍTULO: «CLEFS POUR LA SEMANTIQUE»
AUTOR: «GEORGES MOUNIN»
EDITOR: «SEGHERS, PARIS»
N.º PAGINAS: «192»
PREÇO: «84\$00»

ECLETISMO

Podemos desenhar o perfil de duas figuras típicas do campo cultural. Uma corresponde ao papel de inovador. Teóricamente agressivo, inicialmente solitário, grande criador de terminologias novas, o inovador propõe, por sua conta e risco, um sistema e um método. Exemplos ao acaso: Freud e a psicanálise, Hjelmslev e a glossemática, Chomsky e o transformacionalismo, Greimas e a semântica estrutural, Derrida e a gramatologia, Umberto Eco e a obra aberta, Deleuze e Guattari e a esquizo-análise, etc.. Só o curso da história nos permite saber qual o sucesso ou insucesso de tais empreendimentos.

A segunda figura corresponde à função da crítica-divulgação. Neste caso, o autor joga à defesa, relativizando sistemas, multiplicando dificuldades, procurando sínteses, apontando erros de pormenor. Corresponde a este imagem a personalidade (interessante) de Georges Mounin. Tudo o leva, pois, a escrever «introduções a». E Mounin já nos deu introduções à linguística, à semiologia, e, agora, à semântica. Por diversas razões, em parte pela complexidade da tarefa, em parte pelo pouco cuidado que o livro lhe mereceu, estas suas *Clefs pour la sémantique* são francamente decepcionantes. O não-iniciado irá deparar com uma selecção de artigos, ensaios e resenhas, combinados de uma forma assaz descosida, bastante repetitivos, e aludindo aos problemas em vez de os desenvolver. O leitor já interessado pelas questões de semântica fica desiludido com a ausência de perspectivas, com o carácter miudinho de certas reservas e com o eclectismo geral do volume.

A semântica é a ciência ou teoria das significações linguísticas. Domínio durante muito tempo recalcado no campo dos estudos linguísticos, reapareceu há uns anos com uma urgência iniludível: como estudar a linguagem sem ter em conta o sentido? No entanto, se outros domínios da linguística (fonologia, morfologia, sintaxe) se revelavam mais ou menos estruturáveis, a zona do sentido parece esquivar-se a tais modelos de inteligibilidade. O que Mounin faz é passar em revista as várias tentativas realizadas tentando encontrar as razões dos seus fracassos parciais: percorremos assim as hipóteses de Trier, Cantineau, Prieto, Gardin, Würster, Dubois, Lonnsbury, Sørensen, Greimas, Katz e Fodor, Ross, Lakoff, etc.. Na conclusão, Mounin inclina-se para algumas hipóteses de Granger: é preciso distinguir significação de sentido; o sentido é construído ao mesmo tempo pela sintaxe e pela semântica; o léxico apresenta uma estrutura fluida; não se deve tentar estruturar um léxico em «campos», mas procurar estruturá-lo segundo os vários pontos de vista do uso linguístico, estabelecendo-se assim uma pluralidade aberta de organizações simultâneas (o que pode restituir o ponto de vista de classe nos estudos semânticos).

E.P.C.

TÍTULO: «UMA ROSA NA TROMBA DE UM ELEFANTE»
AUTOR: «ANTÓNIO JOSÉ FORTE»
EDITOR: «FERNANDO RIBEIRO DE MELLO»
COLECCÃO: «CABRA-CEGA («AFRODITE»)»
N.º PÁGS.: 85
PREÇO: 30\$00

A LER SEM VÍCIOS

Muita teoria têm os definitivamente adultos sobre o universo das crianças. A capacidade de entendimento das crianças e aquilo que mais convém às ditas crianças. É por isso que também há uma literatura para crianças - em geral, uma grandecíssima xaropada, sobretudo para as crianças.

Talvez por ser criança (estado esplêndido do poeta) e não saber nada daquilo que outros sabem das crianças, escreveu António José For-

te os poemas de «Uma rosa na tromba de um elefante». Virtude maior deste autor não por acaso herdeiro do único surrealismo que houve em Portugal, não cai num moralismo pequeno-burguês, conselheiral e fazendo uso farto de diminutivos a armar ao carinhoso, antes deixa margem para o senso da liberdade de cada qual («mas também tem razão/ quem julgue que não/» - versos finais do poema «O Holandês Voador»; «Na Feira da Ladra/ há um cão que não/ que não ladra/ já se sabe/ cão que não ladra/ morde/ dizem que sim/ mas há também/ quem não concorde» - poema 1 da série «Quatro») ou propõe à meditação, sem rapapés demagógicos, poemas como este («Uma Bicicleta Branca»); «Em Amesterdão/ cidade da Holanda/ há uma bicicleta branca/ que pertence a mil poetas/ quero eu dizer/ que nenhum poeta/ tem nenhuma/ e todos têm uma bicicleta/ é por isso que eu acho/ que as bicicletas/ são os automóveis dos poetas».

O tom «prosaico» da maior parte dos poemas (deste, por exemplo, «Uma bicicleta encostada à parede/ à espera do dono/ que foi matar a sede») é em si mesmo indicativo da relutância do poeta em fabricar-maravilhoso-para-embascar-crianças. O que não quer dizer ausência do maravilhoso: sim, «Alice atravessou o rio/ disse adeus/ e entrou no País dos Espelhos»; claro, a torre de Pisa «inclina-se/ para a frente/ e cumprimenta/ a gente»; quanto ao arco-íris, esse «é uma borboleta gigante/ dá a volta ao mundo num instante».

Que isto seja entendido e apreciado pelas criancinhas tão merecedoras da maioria dos autores que para elas escrevem, é secundário. O que fica é que é de facto importante: um conjunto de textos poéticos para ser lido sem vícios crescidos.

V.S.T.



Desenho de Carlos Ferreiro para o livro de António José Forte

TÍTULO: «PROBLEMAS FILOSÓFICOS»
AUTORES: «T. GIZERMAN, L. SEVE E A. GEDOE»
EDITOR: «PRELO, ED.»

BANALIDADES

Reúnem-se neste livro três textos: um de Teodor Gizerman pretende analisar as implicações políticas da filosofia existencialista, o que, sendo sem dúvida importante, exigiria um outro tipo de abordagem mais rigorosa e mesmo mais atualizada (de que Sartre se fala aqui?); o texto aparece-nos repassado das mais bolorentas banalidades, e dos mais graves confusio-simplismos: mistura-se Jaspers com Heidegger, Sartre com Marcel sem qualquer efectiva preocupação de os distinguir filosófica ou politicamente. Mas se no plano filosófico se insinua uma certa (e falsa) homogeneidade, Gizerman admite que no plano político, o existen-

cialismo «está longe de ser homogêneo». Admite mesmo que haja existencialismos progressistas, embora seja um «erro acreditar que a atitude progressista de qualquer existencialista lhe é ditada pela doutrina que professam». Sartre na «Cause du Peuple» — inconsequência?

O texto de L. Seve é pouco mais interessante; pretende ser uma «nota sobre um aspecto da conjuntura ideológica em França»; é datado de 1971 e trata do estruturalismo.

O conceito de estrutura não levanta problemas. Estes aparecem na análise das relações entre a estrutura e a história, porque, para Seve, «todo o espírito da dialéctica é mostrar nas estruturas e na história os dois aspectos de uma realidade única — o processo; o estruturalismo, desconhecendo esta unidade e não retendo da estrutura senão o seu aspecto de invariância relativa, encontra-se dividido entre as estruturas sem história e uma história sem real estrutura».

Esta tese de Seve, como aliás outras, foi vivamente contestada por Maurice Godelier num artigo publicado na revista «La Pensée».

L. Seve insiste ainda em certos temas já estafados: o do estruturalismo como ideologia tecnocrática, o do «ressurgimento da metafísica», o do «bom uso das ciências do homem», etc, etc, num tom de monótona (in)suficiência. Fica-nos por fim o texto de Andreas Gedoe sobre ulianovismo, que mantém o tom geral do livro

M. M. C.

TÍTULO: «THE UNDERGROUND MAN»
AUTOR: «ROSS MACDONALD»
ADITOR: «FONTANA/COLLINS, 1971»
N.º PAGINAS: «224»

ON.º 3

Hammett e Raymond Chandler foram homens que ultrapassaram a barreira do policial: para os seus admiradores — e mesmo para os estudiosos — eram romancistas *tout court*. E dos bons. Os seus heróis não se limitavam a viver figuras estereotipadas: o detective privado, o chefe prepotente, a mulher interesseira, o informador, os batoteiros profissionais. Hammett e Chandler (o segundo mais conhecido, infelizmente só através do cinema) deram-lhe dimensão psicológica e humana.

E, à volta deles, criaram todo um universo solitário, de vozes ciciando no escuro, homens que trazem a morte esperando nas trevas, quartos onde apenas um telefone treme ocasionalmente com vida, carros vogando com os faróis apagados para casinos de luzes melancólicas.

Um universo onde tudo tem um preço e mesmo as vitórias vêm envoltas num sabor amargo. Um universo brumoso povoado por fantasmas e, ao mesmo tempo, totalmente desencantado em que não será inesperado ouvir falar-se de cadáveres como «carne congelada».

Ross MacDonald que já escreveu uma dúzia de romances (só traduzido em português um único — o famoso *The Good Bye Look*) é o terceiro americano a servir-se com talento das armas populares do policial para atingir uma ressonância e uma profundidade muito especiais. A obra de Ross MacDonald regista magistralmente a colmeia fechada em que vive a doença duma civilização traumatizada. Há que escapar, mas não se sabe bem para onde, há que fugir mas não se sabe bem de quê.

Em *The Underground Man*, o escritor volta, no meio duma Califórnia carregada de mistérios, velhas mansões e super auto-estradas, a um dos temas que mais o preocupa: a obsessão do passado. Para MacDonald o crime -origem passou-se sempre há muito tempo: é procurando as suas raízes que estabelecem novas intrigas. *The Underground Man* começa com um crime ecológico: alguém, com premeditação, ateou um fogo numa floresta que avança por todos os lados, ameaça casas, devora árvores centenárias e vai destruir as provas dum crime.

MacDonald é capaz de cometer, por pessoas literariamente interpostas, as maiores felonias. Mas fá-lo, repetimos, num tom de resignação, numa prosa que sabe jogar com a elipse, numa progressiva e inevitável coexistência com um universo tentacular e sem poesia — e que, mesmo assim, ele faz funcionar liricamente. Como referiu um crítico — é o tipo de história e de estilo que tem um rictus à Bogart ao canto da boca.

J.V.P.

À C. Adriano de Carvalho • C. P. Carlos Porto
E. G. C. Eduardo Guerra Carneiro • E. P. C. Eduardo
Prado Coelho • F. C. M. Fernando Correia Marques
F. L. S. Fernando Luso Soares • J. V. P. José Vaz
Pereira • J. M. Julio Moreira • M. M. C. Manuel
Maria Carrilho • N. J. Nuno Judice • N. M. Nelson
de Matos • V. S. T. Vitor Silva Tavares